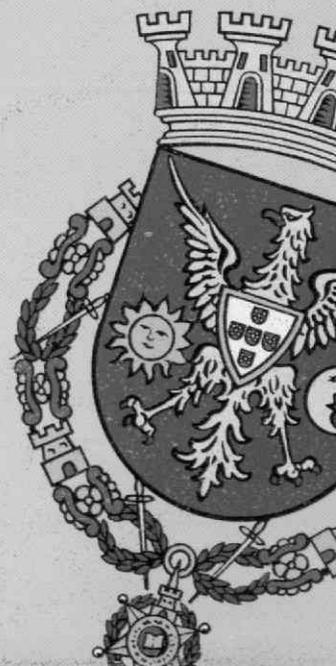


Boletim Municipal DE CULTURA

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO



ANO . XVI
Nº 34



FL
908
141



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
PUBLIKAÇÕES
PERIÓDICAS

OFERTA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
FUNDO
LOCAL

INTERDITO
AO
EMPRÉSTIMO

Boletim
Municipal
DE
CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO CULTURA

bibRIA



ANO, XVI
Nº 34



RIBLIOTECA
NACIONAL DE MEDICINA

FUNDO
LÉVEL

INSTRUMENTO
DE
EMPRESTIMO



RIBLIOTECA
NACIONAL DE MEDICINA

FUNDO
LÉVEL

INSTRUMENTO
DE
EMPRESTIMO

INSTRUMENTO DE EMPRESTIMO DE LIBROS DE LA BIBLIOTECA NACIONAL DE MEDICINA

bibRIA

ABERTURA

Com esta cerimónia, Aveiro quer dinamizar e incentivar os laços que unem as nossas duas cidades - Aveiro e Pelotas - cuja geminação se deve traduzir num intercâmbio mais vivo e dinâmico, que esperamos seja profícuo em novas experiências e mantenha vivos os laços que nos unem. Parafraseando Rocher, um sistema cultural sem sistema social é "uma civilização morta" e as nossas duas cidades têm em comum uma história e uma memória muito vivas, resultantes das capacidades adquiridas pelos nossos cidadãos, enquanto membros de uma sociedade.

Sem querer repetir as razões que levaram à geminação das nossas duas cidades, não podemos esquecer que entre nós existem traços que nos identificam e unem, mesmo no mais recuado dos tempos (séc. XVI, XVII...). Apesar de Aveiro ser uma cidade milenar e Pelotas uma cidade centenária, o clima, o relevo, a localização, onde a água assume uma preponderância inegável - Aveiro com a Ria de Aveiro e Pelotas com a Laguna dos Patos - o tipo de solos, a ocupação humana e o desenvolvimento de actividades económicas ligadas ao potencial marinho, permitem um intercâmbio cada vez mais eficaz entre estas cidades irmãs.

Assim, sem pretender ser exaustivo, podemos e devemos trocar experiências e saber em vários campos:

- o desenvolvimento das relações culturais, que passarão pela troca de experiências ao nível da música, da dança, da etnografia, da museologia, das bibliotecas, da política de publicações efectuada por ambos os municípios;
- no apoio ao associativismo, factor de dinamização sócio-cultural das regiões e importante veículo de preservação da memória dos povos;
- no estabelecimento de intercâmbios entre as nossas universidades, cujo valor é internacionalmente reconhecido, e que contribuirá certamente para o enriquecimento e desenvolvimento dos nossos municípios;
- ao nível do turismo, que deve ter uma vertente cada vez mais ecológica. Só assim poderemos preservar e conservar as nossas riquezas naturais. O Ecoturismo deve ser, pois, a nossa oferta, que aposta na prestação de um conjunto de serviços do tipo social, cultural e desportivo, onde qualidade do produto, serviços prestados e fidelidade dos clientes deverão garantir uma valorização cultural das regiões e um desenvolvimento económico próspero, mas, e acima de tudo, sustentado;
- ao nível desportivo, com o estabelecimento de relações que dinamizem as colectividades e forneçam aos nossos jovens novas perspectivas de futuro e soluções de ocupação dos tempos livres. Assim, garantimos que os cidadãos de amanhã serão intervenientes e conscientes das responsabilidades que se lhes colocarão no novo milénio, ... aí à porta! Ao nível económico, incentivando o investimento das nossas empresas, nas nossas cidades.
- As relações entre as Associações Comercial e Industrial de Aveiro e Pelotas, serão, sem dúvida alguma, um importante veículo para o desenvolvimento e crescimento mais acelerado das nossas economias;
- Ao nível institucional, garantindo uma participação mais activa de representações, quer de Aveiro, quer de Pelotas, nos eventos de cada uma das nossas cidades, como são as Feiras, a Bienal de Cerâmica, os congressos e conferências. Assim, estamos a construir o nosso futuro e a formar os nossos técnicos.

Esperamos que o futuro nos traga uma maior ligação e desenvolvimento nos aspectos que atrás fiz referência. São os meus votos.

Palavras do Vereador Jaime Borges no Seminário " Cidades Irmãs e seus acordos de geminação " no decurso da 7ª Fenadoce
Pelotas, 12 de Junho de 1999



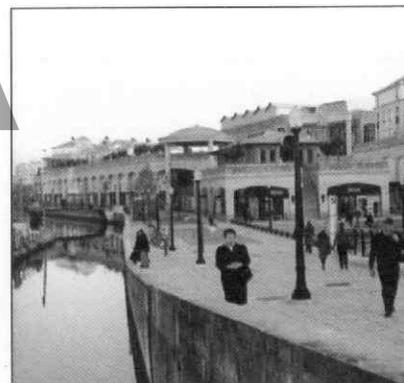
ABERTURA

bibRIA

Introdução	11
Justificativa	12
Papel do Imigrante	14
a) A Imigração Portuguesa em Pelotas no Século XX	
b) A Participação Lusitana na Economia Pelotense	
I. Comunidades Aveiro e Pelotas	18
1.1 Localização e Traços Físicos	
- Aveiro	
- Pelotas	
1.2 Resenha Histórica	
- Aveiro	
- Pelotas	
II. População	29
- Aveiro	
- Pelotas	
III. Aspectos Económicos	35
- Aveiro	
- Pelotas	
IV. Aspectos Sociais	64
- Aveiro	
- Pelotas	
V. Aspectos Culturais	70
- Aveiro	
- Pelotas	
VI. Aspectos Religiosos	83
- Aveiro	
- Pelotas	
VII. Comparação de Comunidades	90
VIII. Conclusão: Proposta de Geminção e Sugestões	93
Agradecimentos	94
Bibliografia	95
Anexos: Geminção	97

BOIBRIA

Foto Manuel Camelas



BOLETIM MUNICIPAL DE CULTURA

Edição e Propriedade: CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO
Direcção: VEREADOR DO PELOURO DA CULTURA
Coordenação e Supervisão: JOÃO GONÇALVES GASPAR
Arranjo Gráfico: JEREMIAS BANDARRA
Execução Gráfica: GRÁFICA DO VOUGA, LDA.
Depósito Legal nº 136299/99
ISSN: 0873-335X
Tiragem: 1000 Ex.
Periodicidade: SEMESTRAL

SUMARIO

bibRIA

AVIRO

REGINA LÚCIA REIS DE SÁ BRITTO FISS
CARMEN REGINA DA SILVA MATOS POMBO

*A*veiro - Pelotas
GEMINAÇÃO e REPERCUSSÕES
EM ESTUDO
bibRIA

ORIENTADOR:
PROF. DOUTOR JORGE CARVALHO ARROTEIA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO
AVEIRO/MAIO/91



AVEIRO

bibRIA

INTRODUÇÃO

O aprofundamento das relações culturais entre Portugal e Brasil, tão apregoadas nas últimas décadas, carece de uma mais ampla divulgação dos traços culturais, económicos e sociais que unem os dois países, num momento em que a integração nos "grandes espaços" parece constituir uma das condições de sobrevivência da maior parte das nações.

Tal tipo de relações, entre Portugal e o Brasil, não podem alicerçar-se apenas, em contactos esporádicos entre dirigentes dos dois países, mas sim numa troca de informação, frequente e exaustiva, que dê a conhecer os aspectos dominantes que ainda hoje unem as duas comunidades.

Tal preocupação encontra-se expressa no trabalho das Dr.ªs. Regina e Carmen, que nos propõem a leitura de um estudo detalhado, de natureza monográfica, comparativo das duas cidades: Aveiro e Pelotas.

Estudo ingrato pela natureza e complexidade das fontes a consultar; exaustivo pela dimensão e universo a analisar; oportuno porque tende a aproximar duas cidades irmãs. O trabalho em questão constituirá, no futuro, um testemunho vivo da realidade sócio-económica e cultural destas duas cidades, que ao pretenderem geminar-se trazem já consigo uma herança cultural marcada pela presença de uma comunidade portuguesa significativa, residente naquela área urbana, e os laços de amizade que esta estabeleceu com a sociedade de origem.

Pelo seu significado e qualidade, congratulamo-nos com os resultados deste trabalho e com os reflexos duradouros que ele trará no aprofundamento das relações luso-brasileiras.

Para tanto, terão contribuído a dedicação e o esforço, a ousadia e a tenacidade das Dr.ªs. Regina Fiss e Carmen Pombo.

Jorge Carvalho Arroiteia
(Prof. Catedrático da U.A.)

bibRIA

INTRODUÇÃO

Quando se faz referência a imigração portuguesa, para o sul do Brasil, são destacados os aspectos culturais mantidos através de gerações e que se mesclam com as demais etnias presentes no solo gaúcho.

Embora o reconhecimento de diversos historiadores no que se refere a importância do legado cultural português, ainda são poucos os estudos sobre este tema.

A história aponta as diversas fases pelas quais passam os interesses da humanidade e as diferentes situações que levam as pessoas a terem de deixar o seu país. Através da imigração são conhecidos e transmitidos hábitos e costumes de todas as etnias, levando cada vez mais ao interesse pela globalização, pela união dos povos.

Nessa ótica observam-se as geminações de comunidades, que, em Portugal e outros países da Europa, acontecem com frequência entre cidades que possuem pontos comuns e que passam a ter interesses em realizar intercâmbios em diversas áreas.

O acordo de geminação acontece após um estudo ou análise das semelhanças das comunidades em apreço, sendo o mesmo assinado pelos seus representantes máximos, por exemplo: Prefeito (no Brasil) e Presidente da Câmara (em Portugal).

Pelotas possuindo na sua história estreita ligação com as origens lusitanas e com as informações recebidas verbalmente de que aqui se tem uma grande influência da região de Aveiro, pergunta-se: Aveiro/Portugal e Pelotas/Brasil podem se tornar cidades irmãs?

Em busca de uma resposta para a questão, procurou-se realizar uma descrição de Aveiro e Pelotas traçando paralelos comparativos, objetivando a assinatura de um acordo de geminação entre ambas as localidades.

Para tal foi imprescindível levar em conta as diversas particularidades de cada uma das comunidades, tanto no aspecto político como geográfico, sendo necessário não só uma pesquisa bibliográfica como um estudo "in loco".

A pesquisa em Aveiro foi realizada junto a diversos segmentos daquela comunidade, utilizando, como ponto de apoio, a infraestrutura da Universidade de Aveiro, bem como arquivos e informações junto às várias instituições.

Com os dados anteriormente levantados sobre Pelotas e num espaço de seis meses, foi possível apresentar uma descrição das duas comunidades e uma conclusão que possibilita propor o acordo de geminação. Acordo que dá a Aveiro e Pelotas o título de "Cidades Irmãs", favorecendo a realização de diversos intercâmbios tanto na área cultural como social e econômica.

O trabalho encontra-se dividido em treze capítulos sendo que os principais dizem respeito ao papel do imigrante, localização e traços físicos, resenha histórica, população, aspectos econômicos, aspectos sociais, aspectos culturais, aspectos religiosos, comparação e conclusão com a proposta de geminação e sugestões de acordos.

O estudo apresenta grafia e terminologia vigentes no Brasil, uma vez que as autoras possuem formação acadêmica nesse país.

JUSTIFICATIVA

O Rio Grande do Sul, este imenso território com 282.184 km², "...ultrapassando três vezes o tamanho de Portugal, incluindo Açores e Madeira..." foi conquistado de forma dramática, escrevendo sua história com muita luta, suor e sangue. (BARBOSA, 1985, p. 11).

Pertencendo originariamente a Espanha (pelo Tratado de Tordesilhas) o solo riograndense foi tardiamente incorporado à Coroa Lusitana. Assim, ante as críticas separatistas referente a Revolução Farroupilha, diz-se que o gaúcho é "duplamente brasileiro".

Em virtude deste território ser contíguo ao estratégico estuário do Prata, Portugal tratou logo de buscar uma fronteira natural, fundando em frente a Buenos Aires, a chamada Colônia do Santíssimo Sacramento tendo por Governador da região, D. Manuel Lobo. A povoação e fortaleza são erguidas em Janeiro de 1680, denominada, primeiramente de "Lusitânia". Sofrendo a ação repulsiva dos espanhóis de Buenos Aires, Portugal luta para manter esta importantíssima e estratégica localidade, muitas vezes destruída e outras tantas reerguida.

É, portanto, pela luta e expansão das fronteiras lusas que a ação do elemento colonizador consolida a origem portuguesa no solo gaúcho. "Muito antes do ano de 1680, fixaram-se como agricultores os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. Paulistas, mineiros e colonos portugueses da Laguna foram os primeiros povoadores". (OSÓRIO, 1922, p. 18).

Pelotas estando inserida nesse contexto, tem, também, lusitanas origens. Sobre a formação da população pelotense, tem-se: "O convívio do português, no recanto de Pelotas, evidencia-se, pela íntima adaptação à nossa vida, pelo mesmo princípio colectivo de trabalho, pelo mesmo ideal de raça e pelo mesmo sentimento que nos irmana, ao italiano, ao francez, ao sul-americano, em menores massas". (OSÓRIO, 1922, p. 161).

Mesmo assim, a imigração portuguesa, que deu origem a cultura brasileira e, principalmente pelotense, encontra-se, ainda, um pouco à descoberto

quanto a verificações científicas que venham a comprovar o valor social e econômico que esta etnia deu e tem dado ao município de Pelotas. O português mantém fidelidade às suas origens, aos valores culturais, bem como aos padrões de comportamento tradicionais, integrando-se, ao mesmo tempo, nas sociedades de acolhimento: "... pois como é sabido, são desde há séculos, características da nossa formação cultural um profundo interesse pelas outras culturas e uma extraordinária capacidade de convivência com os mais diversos povos". (AGUIAR, 1987, p. 108).

Talvez, devido a essa capacidade de integração com a comunidade de acolhimento fez com que o elemento luso nunca se apresentasse como ser xenófobo, ou estranho ao ambiente novo e, assim, também ficasse mais desapercibido em termos de ser sujeito de estudos. Exemplo vivo é o da comunidade pelotense, de nascimento e formação lusitanas e que somente em épocas mais recentes, viu despertado o interesse em estudá-lo sob forma científica. São bastante atuais os trabalhos de investigação referentes aos portugueses. Mais remotos e comuns são aqueles dedicados a alemães, italianos, franceses, etnias também existentes no município.

Essa necessidade de estudos mais aprofundados sobre o patrimônio cultural luso-brasileiro já foi salientado em pronunciamento a respeito: "... da sua preservação, da sua defesa, e sobretudo da sua valorização e dinamização brasileiros e portugueses precisamos de conhecer com perfeição cada vez maior o grande espaço cultural que nos é comum, o espaço da cultura luso-brasileira, com seus valores básicos e padrões de acção, os seus costumes e ritos; as formas artísticas e trabalhos de investigação científica que nele se desenvolveram e estão se desenvolvendo". (AGUIAR, 1987, p. 203).

Alguns estudos pioneiros já estão abrindo caminhos nesse sentido, seja no âmbito genérico da imigração lusa no município, através do estudo de Pombo - (1986 e 1990); como no aspecto associativo, no trabalho de Branco - (1987), ou, então,

ênfatisando-se aspectos econômicos, na monografia de Sá Britto Fiss - (1988); quer, ainda, no campo arquitetônico, através da investigação de Branco Fiss - (1990).

Esses estudos que buscam explorar o aspecto da formação de Pelotas sob o ponto de vista da etnia, são bem variados: "Os tipos étnicos predominantes no município são os de origem portuguesa e alemã, conforme se pode constatar facilmente, através de observação direta, e também de acordo com os resultados de uma sondagem realizada nas escolas no ano de 1984..."

"É sabido que, desde os primeiros tempos da história do município, o elemento de origem portuguesa se concentra na cidade, dedicando-se, principalmente, a atividades comerciais, enquanto que o de origem alemã caracteriza a zona rural, onde pratica a policultura em pequenas propriedades. (...) foi levantada a origem de 39.000 habitantes, tendo se destacado as seguintes etnias (%): portuguesa- 42,1; alemã- 20,0; negra- 9,8; mulata- 7,8; italiana- 7,4; espanhola- 7,0; francesa- 1,7; cabocla- 1,2; polonesa- 0,8; libanesa- 0,5. (ROSA, 1985, p. 192)

Pelotas viu então, "... em seu nascedouro, a atuação incansável de povoadores portugueses, que desde épocas mais distantes já criaram um clima de desenvolvimento com uma febril atividade sócio-cultural, atividades filantrópicas e uma economia baseada na indústria agropecuária e comércio de exportação"(POMBO, 1986, P.24).

Muitos são os relatos de imigrantes que justificam suas preferências pelo sul do Brasil e por Pelotas, não só devido a grande concentração de aveirenses, como pelos próprios aspectos geográficos dessa cidade, como se percebe ao transcrever-se o depoimento do Dr. Maximiano Pombo Cirne, Cônsul Honorário de Portugal na cidade de Pelotas. "Lugar tipicamente igual aqui, não faltando a Ponte do São Gonçalo, que lá é a Ponte de Avarela. O mesmo iguapé, junco, que não é junco, bunho, bainho, para fazer esteiras. Geologicamente falando é igualzinho ao Aveiro. Mesmo paralelo - 32°33 N, mesma formação geológica, antigo Golfo de mar, que foi subindo e, ao mesmo tempo, açoriando, formando o sistema lagunar de Aveiro, com um braço de mar a comunicar com o Atlântico. Nós estamos no mesmo paralelo - 32°33 S, com a mesma formação geográfica, golfo de mar com até os contrafortes da Serra do Mar, e com o fenômeno que aqui há, do açoreamento que formou, então, o sistema lagunar do Rio Grande do Sul, que aqui chamam de Lagoa do Patos e Lagoa Mirim".

Ante contextos geográfico, cultural e sócio-econômico presumivelmente assemelhados, e sendo uma antiga aspiração da comunidade portuguesa, residente em Pelotas, estreitar laços entre as duas comunidades, é que se faz o presente trabalho de investigação. Estudo que deverá se constituir num documento com suporte teórico à uma proposta geminativa, com repercussões nos campos econômico, social e cultural.



O PAPEL DO IMIGRANTE

α) A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM PELOTAS NO SÉCULO XX

A cidade de Pelotas teve, desde o seu nascimento, população portuguesa, e continuou sendo pólo de atração para novos contingentes, tornando-se cada vez mais rica na agro-indústria, como e, principalmente, no comércio. Assim, as influências sócio-culturais estão presentes nos costumes, linguajar, arquitetura, nas instituições culturais, hospitalares e outras.

Essa realidade motivou a realização de um estudo pioneiro de investigação, em 1986, procurando desvendá-la, tanto nos aspectos quantitativos dessa imigração no presente século, como, e principalmente, nos aspectos qualitativos. Segue-se, então, uma síntese dos principais dados coletados.

Os períodos de maior entrada de imigrantes foram de 1925-1929 e de 1950 a 1959. Os períodos de menor expressão foram de 1960 em diante, com pequena alteração por volta de 1974. Essas oscilações se devem a fatores conjunturais, como: epidemias, guerras mundiais, restrições à entrada de imigrantes, em certos períodos, não só no Brasil como na América Latina, a crise de 1929, os governos autoritários, o declínio da moeda brasileira. Também fatores estruturais foram importantes para explicar a variação na imigração, como: excedentes populacionais em certas áreas de Portugal, presença de latifúndios, o êxodo rural e a conseqüente falta de emprego, a busca de melhores condições de vida em outro país, etc.

A faixa etária que predominou na imigração situava-se entre 16 e 25 anos. Eram pessoas com maior vigor físico e possibilidades de aptidão para o trabalho e adaptação ao novo meio, embora a escolha do lugar sofresse a influência de parentes e amigos e, até mesmo, de fatores geográficos.

Presentemente, em virtude da quase extinção de fluxo migratório, a faixa etária predominante é de 46 a 75 anos e inexistência de elementos com menos de 21 anos.

O estado civil do imigrante, no momento da imigração, era o de solteiro, fato explicável, também, pela própria faixa etária. Jovens, ainda na fase inicial da vida, o que também repercutiu na falta de filhos. Os poucos casais imigrados, maioria jovens, apresentaram, no máximo, 2 filhos. Pelo reagrupamento familiar, houve estímulo ao reencontro da mãe e filhos com o cônjuge imigrado.

Hoje, o grupo dos imigrantes apresentam uma predominância de casados, seguindo-se de viúvos e pequeno número de solteiros. Sobre a prole, manteve-se o quadro concentrado nos casais que possuem de 1 a 2 filhos.

No momento da imigração, o grupo de alfabetizados (86,92%) era muito maior do que o número de analfabetos, justificando-se o fato, talvez, pelo corte da pesquisa, restrita apenas ao século XX, época em que já se discutia em Portugal, uma melhor seleção de imigrantes.

A instrução atual concentra-se no dito curso primário, embora haja um índice considerável (10,38%) no superior, entre os mais recentes imigrantes, cuja condição para imigrar era primeiramente a especialização e estudos avançados, o que repercutiu no exercício profissional, em Pelotas.

A motivação para imigrar, primeiramente, foi a familiar, posteriormente, em nível de Brasil, a busca de emprego, enquanto que para Pelotas, foi o grupo de amigos, assim como o fator geográfico, segundo diversos depoimentos de imigrantes.

O local de desembarque mais citado foi o porto da cidade de Rio Grande, vizinha a Pelotas, seguindo-se o porto do Rio de Janeiro e o porto de Pelotas, confirmando a idéia de que os imigrantes já tinham destino certo quando tomavam a decisão de imigrar, procurando regiões com condições assemelhadas às da terra de origem, explicando-se, também, a maior concentração de imigrantes da mesma província, e do distrito de Aveiro (59,61%), contra os distritos do Porto (8,46%), de Coimbra (8,07%) e de Leiria (5,38%). No distrito de Aveiro, a

freguesia de Avanca contribuiu com maior contingente (25,80%), seguindo-se Oliveira de Azeméis (12,90%), Loureiro (11,61%) e Bunheiros (7,74%).

A primeira atividade econômica desenvolvida na cidade de Pelotas ficou centrada no grupo terceiro (62,69%), tendo real destaque o comércio e neste grupo, muitos panificadores, tornando-se verdadeira a assertiva corrente em Pelotas: "Quase todas as padarias da cidade são de propriedade ou nelas trabalham imigrantes portugueses".

O grupo menos expressivo foi o primário (7,31%), mesmo que originário de um país agrícola, ao imigrarem na busca de nova vida, passam a exercer atividades outras, ainda que humildes, proporcionassem condições de ascensão social e progresso. Muitos destacados nomes rio-grandenses começaram de maneira humilde, tais como: caixeiro, estivador, carroceiro, etc.

O quadro econômico do presente mantém-se quase inalterado, com a predominância do setor terciário, principalmente comerciantes. O número de donas-de-casa alterou-se profundamente (de 10,76% passou para 19,61%), acreditando-se que a melhoria econômica alcançada tenha dado condições para as mulheres dedicarem-se apenas ao lar.

No grupo terciário percebeu-se, ainda, muitas profissões que exigem nível superior, como advogados, odontólogos, engenheiros agrônomos, padres, professores e outros, acreditando-se que o fato tenha relação direta com os contingentes mais recentes de imigrantes.

No aspecto religioso, a esmagadora maioria (95,76%) é católica, fato explicável pela tradição portuguesa, onde, por longo tempo, houve a união Igreja-Estado.

A grande maioria (89,61%) integrou-se facilmente e de forma positiva, sendo pouco expressivo o número dos que relataram fatos negativos que dificultaram a adaptação.

Percebe-se que o espírito associativo dos imigrantes é grande, dando-se preferência para àquelas associações que congregam maior número de portugueses, como a Sociedade Portuguesa de Beneficência e o Centro Português Primeiro de Dezembro. Não significa que sejam grupos fechados,

elitizantes. Ao contrário, mostram a necessidade básica inicial de buscar os elementos da mesma origem, sob a influência da família e dos amigos, mas também não deixaram de lado outras entidades tipicamente brasileiras, daí a citação de Centro de Tradições Gaúchas, blocos carnavalescos, clubes de serviços, etc.

É destacável, também, a atuação na benemerência, onde são imigrantes, elementos ativos e de grande liderança. Assim, integram-se facilmente e acabam sendo pelotenses por adoção. Inúmeros são os casos de imigrantes que receberam a cidadania pelotense pelos relevantes serviços prestados à cidade de Pelotas.

b) A PARTICIPAÇÃO LUSITANA NA ECONOMIA PELOTENSE

A história econômica de Pelotas está associada a vários aspectos que a identificam, juntamente com outras cidades do sul do Brasil, como uma localidade de herança lusitana. Nesse contexto, vários historiadores reconhecem a participação ativa da etnia portuguesa no processo de desenvolvimento da região.

Pelotas recebeu no auge da imigração um forte contingente de imigrantes de diferentes etnias, como por exemplo: alemães, pomeranos, italianos e franceses, que se concentraram na zona colonial. Por outro lado os portugueses, tanto do continente como das ilhas, foram os primeiros que aqui chegaram sendo os responsáveis pela formação do núcleo urbano. Ainda, no início deste século expressivo número de imigrantes portugueses vieram para Pelotas, oriundos de várias regiões de Portugal e principalmente de Aveiro. Com os portugueses a região prosperou através da indústria do charque, favorecendo a construção dos casarões que contam a história da cidade e, principalmente, a instalação de um grande número de estabelecimentos comerciais.

Com o objetivo de identificar algumas participações na economia de Pelotas realizou-se, em 1988, um trabalho de pesquisa junto a 59 empresários luso/descendentes correspondendo a 77

empreendimentos. Nesse grupo encontravam-se incluídos: micro, pequenas, médias e grandes empresas, incluindo setor primário, secundário e terciário, destacando-se, ainda, o comércio varejista e atacadista.

O trabalho recebeu uma metodologia própria para a sua execução, onde foram relacionadas todas as empresas identificando: seus proprietários, região de procedência, motivos de imigração para Pelotas/Brasil, ramo de negócio e motivo da escolha do mesmo, único dono ou em sociedade, sociedades com pessoas da família ou fora desta, tipo de clientes, prédio próprio ou alugado, com filiais locais ou em outros municípios, número de empregados e média de tempo que os mesmos permaneceram na mesma empresa. Quanto a rentabilidade a maioria não respondeu, não sendo possível tabular esta informação.

Na época, as pessoas entrevistadas, bem como suas regiões de origem e ramo de atividade, foram as seguintes:

Nome	Concelho/Distrito	Ramo Atividade
Ramiro Martins Rodrigues	Cedrim/S. do Vouga/Aveiro	Café/Padaria
Joaquim Rodrigues	Cedrim/S. do Vouga/Aveiro	
Carlos Pereira	Águeda/Aveiro	Bar e Café
Manuel Santo Claro	Louriçal/Coimbra	Lancheria
Cosme de Oliveira	Cidade do Porto	Lancheria e Confeit.
José dos Anjos João	Pinelo Vimioso/Bragança	Confeit./Relojoaria
José Eurico Laureiro João	Pinelo Vimioso/Bragança	Lancheria
José Manuel M. Guerra	Covelães/Montal./Vila Real	Friteira
Maria Suzel Almeida Marques Guerra		
Eduardo Fernando Alves	Bragança	Lancheria
Porfirio Teixeira Brandão	Arouca/Aveiro	Padaria e Lancheria
José Francisco de Matos	Barcelos/Braga	Padaria e Lancheria
*Manuel Gomes da Silva	Barcelos/Braga	Padaria e Lancheria
Francisco José Leal Serra	Belmonte	Padaria e Lancheria
*Manuel da Silva Rodrigues	Avanca/Aveiro	Padaria e Lancheria
Antonio Pereira Cardoso	Águeda/Aveiro	Padaria
José Tav. P. da Conceição	Travassó/Águeda/Aveiro	Padaria
Antonio Marques Ferreira	Maçoidal/Aveiro	Padaria/Danceteria
Domingos F.C. Tav. Gravato	Murtosa/Aveiro	Padaria
Carlos Martins Frio	Avanca/Aveiro	Padaria
José Estima Fer. dos Reis	Óis da Ribeira/Aveiro	Padaria
Joaquim Albuquerque	Vila Nova de Tazém	Padaria
João Águas M. da Silva	Algarve	Padaria
Albino da Silva Domingues	Leiria	Restaurante
Artur Lopes Curval	Vila do Conde	Restaurante
Arménio da Cruz	Mour. do Vouga/Ág./Avei	Restaurante
Esequiel Fernandes Pires	Caminha/Viana do Castelo	Restaurante

Adérito Martins Nogueira	Eiról/Aveiro	Sorveteria
*Joaquim Oliveira	Almalgues/Coimbra	Super./Fábrica/Engenharia/Granjeiros de Arroz
Luiz Pereira de Carvalho	Vila Nova de Famalicão	Supermercado
Armando Pach. Marques	Guarda	Super./Transportado/Posto de Gasolina
*Manuel Per. de Almeida	Agadão/Águeda/Aveiro	Fábrica de Conservas
João Alves Veríssimo	Beira Baixa	Fábrica de Conservas
Antonio Maria da Silva	Canelas/Anadia/Aveiro	Fábrica de Conservas
Mª de Fátima Santos Júlio	Alcobaça/Leiria	Fábrica de Roupas
Vitor de Sá Seixas	Mira/Aveiro	Carpint./Ferragem
Manuel M. da Fonseca Jr.	Pardilhó/Aveiro	Central Armazenamento/Transportado
*Joaquim Dias	Sernada/Ág./Aveiro	Engenhos Arrozeiros/Central Armazenamento
João Ant. de Alm. Pimpão	Estarreja/Aveiro	Oficina Máquina Pesada
Manuel Godinho Baião	Porto de Mós/Leiria	Metalúrgica
*Osvaldo Soares Pinho		Peças para Carro
Ernesto das Neves Ferreira	Águeda/Aveiro	Agência Bicicletas
Manoel Sal. Souza Mor.	Águeda/Aveiro	Loja de Bicicletas
Carlos Soares Pinto	Águeda/Aveiro	Loja de Tintas
José Santos Lagoas		Armarinho(miudezas)
Lino Vidazinha	Viana do Alentejo/Évora	Joalheria
Joaquim Rino dos Santos	São Jorge/Leiria	Joalheria e Ótica
João Adriano Júlio	Porto de Mós/Leiria	Joalheria e Ótica
Antonio Rosa Lavrador	Porto de Mós/Leiria	Ótica
Joaquim Adriano Júlio	Porto de Mós/Leiria	Ótica
*Maria Goretti Júlio Estima		
*Paulo Fernando Curi Estima		Ótica
Alberto dos Reis Águas	Algarve	Ótica
João Pedro das Silva Rosa	Porto de Mós/Leiria	Ótica
Manuel Joaquim Ferreira	Aveiro	Livraria e Papelaria
Benjamin Freitas	Sinfães do Ouro	Diversos(Relojoaria)
Joaquim Santos Carreira	São Jorge	Caça e Pesca
*Damião Dias Ferreira	Águeda/Aveiro	Central Armazenamento
Antonio Pereira Vidal	Sernada/Águeda/Aveiro	Comercial de Alimentos
João Manuel Per. Mota	Lisboa	Aviação Agrícola
João Rodrigues Manta	V. No. de Tazém/S. Estrela	Hotéis/Pizzaria
*Mª Eduarda A. Oliveira	Nampula/Moçamb./África	Escola/Danceteria

*Pessoas já falecidas (descendentes prestaram informações).

**Pessoas que nasceram fora de Portugal continental mas descendem de portugueses.

Com um rápido resumo da análise do trabalho, verifica-se que o ramo da alimentação teve a preferência de 64,40% dos empresários pesquisados e destes 47,36% dedicam-se à padarias, confeitarias e lancherias.

Enquanto os primeiros imigrantes dedicaram-se a agricultura, a imigração mais recente teve preferência pelo comércio e a indústria caseira, como, por exemplo, as padarias.

A terra por ser um bem cada vez mais caro com todos os problemas inerentes à agricultura e, também, com os avanços rápidos no processo tecnológico que afetam as indústrias, fica o comércio com uma maior vantagem de atuação para quem vem de outro país e começa uma vida nova.

A região que apresentou maior número de imigrantes foi o Distrito de Aveiro, com 38,98% entre os pesquisados, confirmando dados de pesquisa anterior.

Importante salientar que, das pessoas entrevistadas, 50,64% responderam terem escolhido aquele ramo de negócio "por influência de outros e por terem alguma experiência".

Durante a tabulação dos dados verificou-se que os imigrantes, recém chegados, começavam a trabalhar com os parentes e amigos pelos quais haviam sido chamados ou indicados, resultando no aprendizado e desenvolvimento das atividades dos mesmos.

Muitos imigrantes que chegaram a esta região "só com a roupa do corpo", acabaram por se destacar nos seus empreendimentos: recebendo menção honrosa e títulos que somente aqueles cidadãos bem sucedidos e dedicados as causas locais recebem.

Após anos de trabalho e dedicação muitos portugueses se destacaram e receberam distinções como por exemplo, do quadro acima vê-se: Manoel Marques da Fonseca Jr., Joaquim Dias, Joaquim Oliveira, João Rodrigues Manta, Manoel Pereira de Almeida, João Alves Veríssimo, entre outros. Estes fazem parte do quadro de vultos ilustres que deram especial contribuição para o desenvolvimento de Pelotas, não só por seus desempenhos como também pelo grande número de famílias a quem possibilitaram emprego.

a) Vultos Ilustres

Com o objetivo de ilustrar o presente estudo, foram destacadas as figuras lusitanas que, ao longo dos anos, contribuíram com seu trabalho para o desenvolvimento da cidade e ainda tinham o poder econômico. Estes acabavam por possuir títulos de nobreza como por exemplo: Domingos de Castro Antqueira, Visconde de Jaguary; João Rodrigues Ribas, Veador do Paço Imperial; João Francisco Vieira Braga, Conde de Piratiny; José Antonio Moreira, Barão de Butuy; João Simões Lopes, Visconde da Graça; Joaquim da Silva Tavares, Barão de Santa Tecla; Anibal Antunes Maciel, Barão dos Três Cerros; Leopoldo Antunes Maciel, 2º Barão de S. Luiz; Felisberto Ignacio da Cunha, Barão de Correntes; Francisco Antunes Gomes da Costa, Barão do Arroio Grande; Dr. João Jacintho de Mendonça, Senador do Império; Dr. Antonio Ferreira Vianna, Membro do Conselho do Império; Dr. Francisco Antunes Maciel, Membro do Conselho do Império; Dr. Miguel Rodrigues Barcelos, Barão de Itapitocay; Joaquim José de Assumpção, Barão de Jaráu.

Após a proclamação da República, muitos destes, e outros mais, destacaram-se em altos postos de decisões políticas como: Dr. Fernando Luis Osório, foi Ministro do Supremo Tribunal Federal; Dr. Cassiano do Nascimento, Ministro do Exterior, da Fazenda, da Justiça, e ainda desempenhou a função de Vice-Presidente do Estado; coronel Pedro Luis da Rocha Osório, Vice-Presidente do Estado; Dr. José Barbosa Gonçalves, Ministro da Viação; Dr. Ildefonso Simões Lopes, Ministro da Agricultura Indústria e Comércio.

Entre aqueles que se destacaram na literatura, na poesia e na arte, Pelotas contou com importantes vultos como: Lobo da Costa, João Simões Lopes Neto, Jorge Salis Goulart, Ildefonso Simões Lopes Filho, Marcelino de Oliveira, Azevedo Teixeira, Antonio Vidal, Josué Siqueira, Francisco de Paula Pinto de Magalhães, João Brum de Azeredo, Vicente Russomano entre outros, que igualmente se dedicaram, no passado, a difícil arte de escrever sejam contos, obras teatrais ou poesias.

I. COMUNIDADES:

AVEIRO E PELOTAS

Torna-se necessário, para melhor exposição, que neste momento as comunidades em apreço sejam localizadas e caracterizadas, em seus traços físicos, de forma comparativa, já que serão adotados, forçosamente, critérios diferenciados e terminologia que embora grafada de forma idêntica, apresentará significado diverso.

Melhor esclarecendo, o município de Pelotas dista 250 km de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul; está a 2.500 km de Brasília, capital do País. Possui uma área atual de 2.166 km² devido ao desmembramento de Morro Redondo em 1988, portanto, menor do que todo o Distrito de Aveiro, cuja área é cerca de 2.850 km².

Os traços físicos do Distrito de Aveiro serão analisados, comparativamente, aos do Município de Pelotas, uma vez que o Concelho de Aveiro possui uma área apenas de 208 km², o que corresponde somente a área urbana de Pelotas, que é de 220 km².

Outro ponto a referir, é o tocante à terminologia. Ocorre que a administração portuguesa adotada, via constitucional, é o princípio da autonomia do poder local, e existência de autarquias, como componentes da organização do Estado.

Sobre a administração: "... chegamos à definição, por via constitucional, da região administrativa como a autarquia local de maior dimensão, englobando em princípio um número maior ou menor de municípios e que poderá vir a incluir as chamadas áreas metropolitanas. Conjuntos de municípios à volta das cidades maiores. Podem tais áreas metropolitanas, alternativamente, vir a formar, por si próprios, regiões administrativas". (PEREIRA e ALMEIDA,

1985, p. 15). As regiões administrativas ainda não foram criadas e, portanto, permanece a divisão distrital, que seria, então, a maior área descentralizada da administração do Estado Português.

Já no Brasil, que adota por via constitucional o federalismo, há estados-membros, e estes, por sua vez, são compostos de municípios. O Estado do Rio Grande do Sul possui uma área de 267.528 km² com população de 7.773.837 habitantes (1980), repartindo-se em 244 municípios. Estes, são compostos de áreas urbana e rural. As áreas rurais é que são denominadas de distritos. Pela Lei Orgânica do Município de Pelotas, tem-se a seguinte redação:

"Art 3º - O Território do Município divide-se em distritos.

§ 1º - A sede do Município lhe dá o nome" (Lei Orgânica do Município de Pelotas, 1990).

Depreende-se, do exposto acima, que em correspondência à maior área de descentralização administrativa em Portugal, há um termo que corresponde à menor área (municipal) de descentralização do poder no Brasil.

Tendo em vista essas disparidades em nomenclatura e em extensão territorial, faz-se este breve esclarecimento.

1.1. LOCALIZAÇÃO E TRAÇOS FÍSICOS

AVEIRO

Pela Enciclopédia Britânica do Brasil, as Coordenadas Geográficas do Distrito de Aveiro são: Latitude de 40°37'N, e longitude de 8°38'W de Greenwich (GEOPÉDIA, Vol. 2, p. 70). Já o município de Pelotas, está a uma latitude média de 8°S (do Trópico de Capricórneo), e longitude entre 52° e 53° a Ocidente de Greenwich. (ROSA, 1985, p. 14).

Aveiro fica localizado entre o Oceano

Atlântico e um dorso montanhoso interior. Os terrenos do litoral pertencem à orla sedimentar Ocidental, com formações de calcário, arenitos, areias e argilas e, os terrenos do interior pertencem ao Maciço Antigo Ibérico (NEVES, SEMEDO E ARROTEIA, 1989, p. 14).

"Da parte interior, bastante acidentada, fazem parte as serras de Freitas, Arestal, Buçaco e ainda os contrafortes da Serra do Caramulo sendo constituída, na sua quase totalidade, pelos afloramentos permocarbónicos e eruptivos hercínicos de granitos e xistosos de várias espécies". (ARROTEIA, 1984, p. 54-55).

Quanto ao litoral, há depósitos quarternários mais recentes e, também, formações dunares que margeiam o «haff» terminal do rio Vouga. A laguna possui extensão de 11.000 hac, metade permanecendo cobertos de água, com uma configuração que lembra um polvo de quatro braços principais: Ovar e Murtoça ao Norte, e Ílhavo e Mira ao Sul. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 14).

A laguna, conhecida tradicionalmente por Ria, é ponto de recepção da rede hidrográfica do Vouga e de outros cursos d'água, sendo a maior zona lagunar da Península Ibérica, com um comprimento de, aproximadamente 45 km desde o Concelho de Ovar ao de Mira (Distrito de Coimbra) e uma largura máxima de 8,5 km.

A formação da Ria teria ocorrido, a partir de um pequeno abatimento do leito marinho e ligeiro levantamento do fundo, onde viria a se formar a Ria; "... do conjunto destes fenómenos e doutros vários com eles relacionados, teria começado a formar-se um cordão litoral de areia o qual separou o mar do estuário aonde desaguavam os rios Vouga, Águeda e Cértima". O rio Douro, correndo na maior parte entre rochas graníticas e xistosos, arrastou para o mar quantidades de areia, cascalho e lodos, sendo que as correntes marítimas levaram o material para o sul, até a foz do Vouga, formando bancos e construindo uma faixa arenosa, de largura variável, separou do mar a bacia do delta fluvial. (OLIVEIRA, 1988, p. 16-18).

Começando a construção do cordão litoral pelos séculos XI ou XII, esta fase evolutiva vai até metade do século XVIII, época em que o canal de acesso ficou no local denominado Barra.

Sobre as ilhas e a barra, diz o autor supra: "... resultaram de depósitos (sedimentação) dos calhaus, areias e lodos transportados pelas águas e pelos ventos, ..."

"... foram os depósitos aluviais que se acumularam e foram expulsando as águas marinhas".

"... foram os fundos marinhos e lagunares que se levantaram um pouco e receberam os produtos da erosão dos terrenos limítrofes"

"Em toda a sua extensão foi fechando a comunicação com o mar, que ao princípio era ampla, até que passou a existir uma única abertura comunicante chamada Barra". (OLIVEIRA, 1988, p. 32-3).

Sobre os aspectos topográficos tem-se: "... a topografia da região é especialmente plana como resultado não só da sua formação recente, mas ainda da ausência de movimentos orgânicos que tenham afectado, num passado próximo, toda esta área". Quanto ao clima: "... o que bem caracteriza o clima de Aveiro é o elevado teor de humidade - cerca de 84% na barra -, as fracas amplitudes (tanto diurna como anuais) e, sobretudo, a frequência dos ventos norte e noroeste, predominantes nesta área. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 15 e 18).

Já a vegetação, tanto numa como noutra comunidade são assemelhadas, evidentemente em função do clima, relevo e localização geográfica.

Aveiro possui manchas de pinheiro marítimo, servindo para a fixação das areias de dunas junto à costa, assim como plantações de eucalipto nas encostas voltadas para o mar. Sobre Aveiro, tem-se: "junto dos principais cursos de água persistem os testemunhos de uma vegetação mais antiga, ligada à cultura do arroz-chaupos e salgueiros; cada vez mais raros os carvalhos e os castanheiros testemunham que a diversidade das formações vegetais já foi uma

riqueza que os incêndios e as exigências da indústria de celulose tem vindo a diminuir. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 18-20).

Tanto em Aveiro como em Pelotas existem pinheiros, eucaliptos, salgueiros, juncos, etc., portanto, cobertura vegetal assemelhada, assim, também o são, salvaguardadas as disparidades dimensionais, os traços físicos principais, a saber: localização junto à laguna; clima úmido; temperaturas amenizadas pela proximidade da água; relevo plano e, suavemente, elevando-se; solos "novos", de épocas recentes e, outros, bem antigos, como o Maciço Antigo Ibérico, e o Escudo Cristalino, respectivamente em Aveiro e Pelotas.

Portanto, não são vãs as palavras de emigrantes aveirenses, que afirmam que as semelhanças geográficas entre as comunidades são expressivas, razão porque escolheram o Município de Pelotas para fixar residência. (POMBO, 1986, p. 4).

PELOTAS

ROSA, (1986, p.11) escreve sobre a localização e traços físicos de Pelotas "... o município se estende das mais baixas ondulações da encosta oriental da Serra dos Tapes até a planície sedimentar da margem ocidental do Canal São Gonçalo".

Assim é que, tanto Aveiro como Pelotas estão localizadas em áreas planas e junto a encostas de zonas mais altas.

Ainda referindo-se a paisagem:

"... a Planície Costeira onde se localiza grande parte de Pelotas encontra-se em formação, graças ao trabalho constante das águas, que é feito no sentido do continente para o oceano, pela descamação das elevações graníticas da Serra dos Tapes. Então, continuam, aqui, os processos de erosão e sedimentação; continuam a erosão dos morros e a sedimentação da planície. O depósito de sedimentos é mais intenso, atualmente, nas várzeas do canal São Gonçalo, dos arroios Pelotas, Santa Bárbara (esta já

descaracterizada pela canalização), Contagem, Correntes e Turussú". (ROSA, 1985, p. 32).

O autor, acima referido, chama a atenção para a necessidade de mais estudos referentes à geomorfologia, não só pelo nítido contato existente entre duas áreas geológicas diferenciadas: a do Escudo Cristalino (antiquíssimo) e a da Bacia Costeira, muito recente, como também, pela unidade tectônica, onde se localiza grande parte do município, o que possibilita, segundo ele, a existência de petróleo em seu subsolo.

Do chamado Escudo Cristalino, são explorados granitos e migmatitos, sob a forma de pedreiras e, em locais onde ocorrem veios pegmatísticos com feldspatos decompostos em argila, há matéria-prima de boa qualidade para as cerâmicas. Na área da Planície costeira, há reservas de areia e tem-se abundância de materiais argilosos, que embora de qualidade regular, são utilizados na confecção de tijolos e telhas.

Mais uma vez se percebe a semelhança entre as comunidades não só no solo como em seu aproveitamento econômico, ou seja, pela existência de olarias, embora em número bastante pequeno.

No litoral pelotense há zona arenosa, aparecendo numa faixa estreita junto à Lagoa Pequena e, formando também, a Praia do Laranjal. Corresponde, ainda, às dunas costeiras que existem entre o São Gonçalo e os balneários.

"Pelotas participa do sistema lagunar riograndense, que merece ser destacado, neste estudo, dadas as proporções de que se reveste quanto à área que ocupa e pela feição que empresta à paisagem local".

Sobre a formação: "... teve início a acumulação de areias que originou a faixa contínua de restingas e praias. Admiti-se que a Lagoa dos Patos e, talvez, a Lagoa Mirim, formavam baías, que foram barradas no Quaternário recente por cordões arenosos". (ROSA, 1985, p. 86).

Pelotas, tal como Aveiro, está situada em uma região lagunar - A Laguna dos Patos "... com seus 279 km de extensão por 57 km de largura, é um verdadeiro oceano dentro do Brasil". (BARBOSA, 1985, p. 12). Localizando-se, então, entre as duas

maiores lagoas do Brasil (Patos e Mirim) permite uma posição privilegiada, principalmente para a navegação, pesca, potencial de água potável e turismo.

A cidade estando localizada às margens do Canal São Gonçalo, está sujeita às inundações. Para evitá-las muitas obras estão sendo executadas. Fato assemelhado ocorria com Aveiro, justamente por sua localização junto à Ria.

Sobre o Canal São Gonçalo: "... é o escoadouro natural das águas da Lagoa Mirim, que, através do mesmo e da Lagoa dos Patos, atingem o Oceano Atlântico. Trata-se do único escoadouro da Lagoa Mirim (ROSA, 1985, p. 101). O Canal possui 75 km, com larguras variáveis por volta de 200 m e profundidade também variável, em média de 6 m. Periodicamente inverte-se o curso do canal, quando baixa o nível da Lagoa Mirim.

Ainda no que se refere a Lagoa dos Patos, Pelotas possui um porto, podendo comunicar-se com outros municípios pela Lagoa, e com o mar, fato importante para o comércio de importação e exportação. Outro aspecto sobre a Lagoa, é que suas águas são consideradas "doces" durante quase todo o ano, ocorrendo a sanilização no final da verão (fevereiro e março), quando há o abaixamento do nível da lagoa e invasão das águas oceânicas.

Referindo-se à topografia do município; as altitudes, em boa parte, são inferiores a 100 metros. No restante, predominam altitudes entre 100 e 300 metros. Nessas "terras altas" se encontram quase totalmente os distritos de Arroio do Padre, Quilombo e Cascata. Altitudes entre 300 e 400 metros só ocorrem, excepcionalmente, em pontos restritos da Cascata e Arroio do Padre.

Evidentemente que as altitudes aveirenses são muito mais acentuadas. Mas quanto ao clima, ambas comunidades sofrem a influência marítima. Tal como Aveiro, Pelotas possui elevada umidade atmosférica e temperaturas amenas. "Essa elevada umidade atmosférica se evidencia no alto índice de umidade relativa no ar (80%), na freqüente formação de nuvens, que encobrem o sol em quase metade dos dias do ano, e, ainda, na ocorrência de densos nevoeiros de maio a agosto". (ROSA, 1985, p. 123).

A vegetação em Pelotas, possui basicamente duas paisagens: o campo, caracterizando a zona plana e baixa, e a mata, nas zonas altas e onduladas.

Também nesta comunidade, a ação humana modificou a vegetação nativa, encontrando-se bastante alterada, pouco restando da cobertura original, que abriu espaço às pastagens e a extensas áreas de cultura irrigada de arroz e soja. Nessas áreas aparecem matas plantadas de eucalipto, principalmente entre Monte Bonito e a cidade. Sobre a vegetação rasteira e arbustiva das dunas fixas: "... com suas plantas halófitas e xerófitas (nas proximidades do Laranjal, onde encontram-se cactáceas, figueiras e aroeiras) e das margens da Lagoa Pequena e do Canal São Gonçalo, que têm flora palustre (com juncáceas e ciperáceas), como também à vegetação hidrófila dos banhados (junco, aguapés, e espécies altas, como corticeira e salgueiro). (ROSA, 1985, p. 142).

Sobre as matas nativas, quase nada mais existe. O que resta, refere-se a mata subtropical arbustiva, onde a baixa temperatura e muita umidade permitem árvores altas, como cedro, canela e açoita-cavalo. Onde o clima é mais frio devido a altitude, surge exemplares de pinheiros, como na Cascata.

1.2. RESENHA HISTÓRICA

AVEIRO

Foi no reinado de D. Afonso III (866 - 910) que a luta pela reconquista dos territórios ibéricos dominados pelos mouros, realmente se intensificou.

"Em 878, os cristãos apoderaram-se de Coimbra, sob o comando de Hermenegildo Guterres...", ou Mendo Gonçalves, marido da Condessa Mumadona Dias. (GASPAR, in BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO, ANO II, nº 4, 1984, p. 9).

Após a Condessa Mumadona enviuvar, fundou um mosteiro em Guimarães, e determinou a construção do Castelo de S. Mamede. Ainda Gaspar informa que: "... no século X, foi a dama mais poderosa do Noroeste Peninsular. Oriunda da Galiza e aparentada com D.

Ramiro II, de Leão, tornou-se dona de numerosas propriedades desde o rio Vouga até a cidade de Pontevedra e dominou por inteiro a sociedade que remotamente tornaria possível Portugal". (Idem, p. 10).

Estudiosos referem como documento básico da história aveirense o da doação que a Condessa Mumadona Dias fez, datado de 26 de janeiro de 959, juntamente com os filhos, de terras para o Mosteiro de Guimarães. Entre as propriedades são citadas as "... terras in alavario et salinas que ibidem comparaiumus", indício da grande riqueza do sal, que veio a contribuir para o desenvolvimento da comunidade aveirense, além do comércio marítimo. (VERBO, Vol. 3, p. 102).

Portanto, há mil e trinta e dois anos já existe documento histórico que fez referência a Aveiro. Assim, serão referidos alguns tópicos, em forma de resenha, desta milenária Comunidade.

Há historiadores que remontam o passado aveirense ao tempo dos fenícios que, segundo esses, teriam, já no século X a.C., fixado-se próximo a ría e "... abandonando as relações com o país de origem, passariam a dedicar-se à pesca, ao fabrico do sal e, ainda, à cerâmica". (GASPAR, 1983, p. 18-9).

Alguns afirmaram ser de origem romana — a Talábriga é identificada com Aveiro. Outros ainda, como Frei Bernardo de Brito, diz ter sido fundada pelos gregos que, após a Guerra de Tróia, chegaram a Lusitânia.

Sendo romana, grega, celta, fenícia, o que os historiadores procuram mostrar é a antiguidade aveirense. Inegavelmente, os povos antigos, seguidos dos mouros (século VIII) compuseram um mosaico histórico-cultural, ao mesmo tempo diverso e uno, antigo, vivo, original.

Outro documento histórico que fez referência a Aveiro data de 1050, quando "... no inventário dos bens de Gonçalo Ibn Egas e de sua mulher Dona Flâmula..." citam as marinas da vila de Alaveiro. (OLIVEIROS, in Boletim Municipal de Aveiro, Ano II, nº 4, 1984, p. 18).

A própria autora cita que o termo "vila", deve ser visto no contexto da época, ou seja, "qualquer agregado rústico".

Aveiro nasceu sob a riqueza do sal e do mar

(pescas). O rei Afonso IV conferiu privilégios a confraria de pescadores e mareantes, que já estava organizada em 1348 - "A Confraria de Santa Maria de Sá" (Nossa Senhora da Alegria).

"Da sua antiguidade e extensão pode ajuizar-se pela Sentença dada, em 25 de Agosto de 1500, pelo vigário geral do Bispado de Coimbra, em que diz ter a Irmandade cerca de duzentos anos e agrupar trezentos a quatrocentos irmãos. Todavia, só no ano de 1441 se constituiu legalmente, por escritura". (Idem, p. 28-9).

Aveiro foi propriedade de vários e ilustres donatários. Já em 1187, D. Sancho I doou a região para sua irmã, D. Urraca Afonso, em troca do Castelo do Avô e de seu termo. Outro exemplo é o de Dona Leonor Teles, que recebeu o território a título de dote de seu casamento com D. Fernando, em 1372.

Porém, o desenvolvimento de Aveiro só aparece no contexto histórico da "revolução comercial" e da era dos descobrimentos, onde, Portugal volta-se para o Atlântico. Assim, o litoral ao invés de ser a barreira, limite, torna-se ponto de partida, patamar para terras desconhecidas.

No regresso de Ceuta, o Infante D. Pedro é feito duque de Coimbra, e também Senhor de Aveiro. "No seu espírito nasce a idéia de tornar a vila uma das primeiras de Portugal.

"Para tanto contribui a sua magnífica situação geográfica e os muitos favores e privilégios que lhe foram concedidos sob a proteção do seu novo donatário - o da «Virtuosa Benfeitoria» - a quem os aveirenses chamariam «O Reedificador». (Idem, p. 23).

D. Pedro, (filho de D. João II), mandou construir as muralhas da cidade (1418), hoje não mais existentes. Apoiou a construção do convento de São Domingos (que para isso, obteve licença do Papa Martinho V, em 19 de fevereiro de 1423), ergueu um palácio e promoveu uma feira anual (1434), que viria a ser conhecida como "Feira de Março", até hoje realizando-se.

Com a morte de D. Pedro na Batalha da Alfarrobeira, Aveiro passa a ser donataria do Conde de Odemira, mas este envolve-se numa conspiração contra D. João II e, assim, a vila ganha novo

donatário. Pela carta de "... 19 de Agosto de 1485, D. João II declara fazer «irrevogável doação da nossa vila de Aveiro com seus terrenos e com todas as rendas e direitos reais da dita vila e da dízima nova e velha do pescado dela, à Infanta D. Joana, sobre todas mui prezada e amada irmã»". (OLIVEIROS, in Boletim Municipal de Aveiro, Ano II, nº 4, 1984, p. 24).

A princesa ficou recolhida ao Mosteiro de Jesus, em Aveiro, e conservou o senhorio da vila até sua morte (com fama de santidade), em 12 de maio de 1490, sendo portanto, esta a data máxima do município.

Após é criado o Ducado de Aveiro, por D. João III e, em 1547, é entregue a D. João de Lencastre. Este ducado foi extinto quando D. José de Mascarenhas (8º duque de Aveiro) é sentenciado como principal implicado na conspiração contra o rei D. José I. A vila, então, volta à posse da Coroa.

O século de ouro de Aveiro está sob as donatárias de D. Pedro e da Princesa Joana, declinando após, com a União Ibérica. (NEVES, 1984, p. 15).

Aveiro já seria "... no século XIII, talvez no reinado de D. Afonso III [...] elevada a vila e cabeça de concelho, continuando a desenvolver-se em redor da antiga igreja matriz de São Miguel". (GASPAR, 1983, p. 30).

Porém, remetendo-se à Descrição Corográfica do Reino de Portugal, de Antonio de Oliveira Freire, em 1755, escrita em citação: «Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1515, reformando o que já tinha por el-rei D. Afonso IV» (in Enciclopédia Portuguesa-Brasileira, s.d., vol. III, p. 801).

Ainda que haja divergência quanto ao antigo foral ser de Afonso III ou Afonso IV, e mesmo sendo essa uma legislação costumeira, é certo que Aveiro tinha assento nas cortes, já em 1361, quando D. Pedro I as reuniu em Elvas, o que vem a demonstrar a importância do Município.

É certo, também, que Aveiro era muito importante no reinado de D. Afonso III. Havia quinhentas marinhas de sal, em que, seu excedente era até exportado para a França, Inglaterra e Flandres.

No momento em que Aveiro progredia, atraía mais elemento humano. Assim, a indústria das salinas

e pescas, já intensas no século XIV, atinge seu apogeu no século XV e, com isso, era muito natural atrair população de outras regiões, populações estas que iriam-se dedicar às pescas, atividades salineiras e, também, à construção naval, haja visto ser esta época a do início da atividade lusitana nos oceanos.

"É sem dúvida a classe marítima a mais representativa da vila, constituindo uma força social que, com a sua escola de mareantes, arrojados marinheiros, sábios pilotos, mestres e contra-mestres, pescadores e arrais, formava uma elite de experimentados navegadores, que muito contribuíram para a nossa epopéia dos descobrimentos". (OLIVEIROS in Boletim Municipal de Aveiro, Ano II, nº 4, 1984, p. 28).

É dessa estirpe que saem figuras como João Afonso de Aveiro, piloto de grande experiência e saber, conhecido em todo Reino.

Em função das atividades marítimas, do porto, do comércio, surge uma burguesia aveirense que, em contato com outros povos, era voltada para as navegações e progresso, tendo, em contrapartida, outro grupo, apegado à terra, tradicional e conservador - grupos antagônicos na luta pelo poder.

Quando as muralhas foram erguidas (1418), elas cercavam a parte nobre. Evidentemente que Aveiro expandiu-se para além das muralhas, com os extratos sociais mais pobres.

No século XV já se percebe que na "Vila Nova" fixavam-se a classe marítima e a burguesia; na zona da muralha, a classe nobre; e nas quintas e campos, os trabalhadores rurais, apelidados de «ceboleiros».

Porém, no todo, Aveiro era vila próspera nos quinhentos, graças, inclusive, ao seu comércio marítimo. Havia cereais, vinho, legumes, hortaliças, frutas; produtos cujo excedente, normalmente era comercializado com a Inglaterra. As marinhas produzindo o sal, e nas pastagens, criando-se cavalos.

"Todos estes produtos contribuíam para valorizar a vila e o seu porto e tornar Aveiro um dos centros comerciais mais prósperos do século XV". (OLIVEIROS in Boletim Municipal de Aveiro, Ano II, nº 4, 1984, p. 30).

Em 13 de maio de 1581, Felipe II (da Espanha)

agracia Aveiro com o título de "Vila Notável", justificando tal honra por ser o lugar de grande povoação e comércio.

Já nos seiscentos (1630), o célebre geógrafo português, Pedro Teixeira, escreve: "Su poblacion es tan grande como noble. mostrando antiguedad en sus edificios, muy rica de trato por la mucha sal que en su puerto se embarca para muchas partes [...]. Fabricanse en este puerto, orilhas del rio, galeones y navios otras embarcaciones usadas en este reyno de Portugal mui ligeras que llaman carabelas (Neves, Semedo e Arroiteia, 1989, p. 44).

É, pois, de justificar-se o título real recebido.

Porém desde a segunda metade do século XVII, a barra havia sido fechada (sofrendo assoramento constante, acabou por interromper a comunicação da ria com o mar). A navegação ficou impedida, bem como a exploração de sal. Tais fatos provocam a emigração e o empobrecimento de Aveiro. Desta forma as muralhas, com autorização do Príncipe Regente D. João, de 1802, foram demolidas (1806) para que, com suas pedras, fosse construída a nova barra. Assim, os aveirenses viam suas muralhas serem sacrificadas em benefício de um valor maior - "o da sobrevivência".

Mesmo empobrecida, a vila ascende à categoria de cidade por alvará de D. José, tendo, a pedido dos próprios moradores de Aveiro, seu nome alterado para Nova Bragança, a fim de que o nome «Aveiro» fosse esquecido. Justifica tal requisição o fato de ter sido apontado como um dos principais implicados no atentado ao rei D. José, o Duque de Aveiro.

Com a ascensão de D. Maria I ao trono, retomase o primitivo nome (em 1777).

A elevação à categoria de cidade foi um ato político, tendo grande interferência o Marquês de Pombal, que, também, debateu-se para que fosse criada a diocese. Interessou-se, ainda, pela implantação de indústrias de vidro e seda.

A diocese de Aveiro foi então criada em 25 de abril de 1774, pelo papa Clemente XIV e ficou, o padroado, pertencendo ao rei.

Esta mesma diocese, porém, acabou sendo extinta em 1881 juntamente com outras, sendo anexada a de Coimbra. Somente em 24 de agosto de

1938, volta à cidade de Aveiro a ser a sede episcopal, através da bula do papa Pio XI.

Já no início do século XIX, devido a identidade de interesses comerciais e marítimos e, influenciados por povos do Norte, principalmente ingleses, flamengos e holandeses, surge uma mentalidade liberal e republicanista.

Sobre a atitude de vanguarda no campo do liberalismo em Aveiro, havia em Londres jornais portugueses que incitavam a revolta contra o rei e, em Aveiro, "... foi preponderante e decisiva a acção da loja maçónica dos Santos Mártires.

"Regressando ao País depois de andar ao serviço de Napoleão, o General Gomes Freire de Andrade tornou-se, em 1816, o chefe dos descontentes, feito também Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa". (GASPAR, 1975, p. 57).

Tanto o movimento liberal de 1828 contra o miguelismo, que embora derrotado no ano seguinte, manteve sua chama viva, como o movimento regenerador de 1851, que deu novo impulso industrial e comercial em Aveiro, são mostras do espírito que anima este povo.

Em 1882 foi fundado o jornal "O Povo de Aveiro", republicano e, antes da revolução de 1890, havia aqui um Comitê revolucionário "... a fim de proclamar a República após o grito de revolta a soltar no Porto...". (CERQUEIRA, 1976, p. 16).

Em 1890, havia o Centro Escolar Republicano, com o intuito de divulgar suas idéias. Quando houve a proclamação da república, em 6 de outubro de 1910, esta foi saudada com muito entusiasmo em Aveiro.

A cidade, localizada junto a Ria, teve sua história muito influenciada pelo mar e, mais recentemente, impulsionada pelos "caminhos de ferro". É milenar em tradição. Muitas vezes optou por dismantelar seu patrimônio histórico, por exemplo as muralhas, em prol de um bem maior - o da sobrevivência.

Aveiro do pioneirismo feminino de Santa Joana Princesa, que recusou três coroas para viver modestamente no Mosteiro de Jesus, ou da heroína de Mazagão que, travestida de soldado, foi o "Terror dos Mouros". Também possuiu jornais que foram um marco na imprensa portuguesa e, muitas vezes, contribuíram

para o desenvolvimento do Distrito.

Aveiro do liberalismo e das idéias republicanas e, embora possuindo rivalidades íntimas, jamais abriu mão de atitudes de vanguarda no que se refere à liberdade e unidade, quanto aos interesses comuns.

PELOTAS

O Sul do Brasil, onde o Município de Pelotas está geograficamente localizado, sofreu ao longo dos anos situações que o identificaram e o caracterizaram como uma região diferente das demais do país.

O sistema de Capitânicas Hereditárias adotada pela Coroa Portuguesa no 1º quartel do Século XVI, permitia a doação de terras sob a forma de sesmarias. Estas grandes extensões de terras, no Rio Grande do Sul, geralmente doadas a título de prêmio aos militares que se destacavam nas lutas fronteiriças, transformando-se em estâncias. O Rio Grande do Sul entra no cenário histórico como um dos últimos espaços territoriais a serem realmente empossados pela Coroa Portuguesa, após muitos tratados assinados com a Coroa Espanhola, já que pelo Tratado de Tordesilhas (1496) a fronteira demarcada ia de Belém (no Pará) a Laguna (em Santa Catarina).

O Rio Grande do Sul possuía uma posição geoestratégica, próximo ao estuário do Prata - uma verdadeira "porta de entrada" para o interior da América do Sul. Esta posição privilegiada é que torna a região sul do Brasil extremamente disputada entre ambas as Coroas e torna este território um verdadeiro "acampamento militar".

O sul, por não ter uma economia extrativa de imediato retorno e por ser região de beligerância, sofreu um retardamento no que se refere a sua ocupação, o que contribuiu para as constantes intromissões dos espanhóis por meio do estuário do Prata.

A Colônia do Santíssimo Sacramento, posto avançado lusitano no território espanhol, à direita da entrada do Prata, fundada no ano de 1680 por Manuel Lobo, representa de uma forma clara a expectativa lusa em expandir a fronteira até o

estuário. Assim, criava-se uma demarcação fronteiriça natural, já que o princípio de Direito Internacional alegado, à época era o do "uti possidetis".

Muitos tratados são assinados entre Portugal e Espanha para demarcarem as fronteiras no sul: O Tratado de Utrech (1715) o de Madrid (1750) e o de Santo Ildefonso (1777), que delinearão as atuais fronteiras do Rio Grande do sul e do Brasil.

Sabe-se, por meio de diferentes autores, que o gado no Rio Grande do Sul teria se originado, daquele vindo para a Capitania de São Vicente - Martin Afonso de Souza, em 1538. Em 1634, o Padre Jesuíta Mendonza teria introduzido na Região Missioneira 1.600 cabeças de gado. Espalhando-se e multiplicando-se - esse gado solto embrenha-se nos matos e multiplica-se rapidamente por toda a região.

Assim, origina-se o que se chamou a idade do couro", sendo também a "fase de exploração das vacarias, marco inicial da economia pastoril.

Como atividade lucrativa, é o couro que primeiro figura. Essa extração e comercialização foi tão intensa e desordenada que o "Governador André Ribeiro Coutinho, sucessor de Silva Paes, baixou o Regimento da Courama, para vigorar em todo o território gaúcho a partir de junho de 1739." (ARRIADA, 1988,).

O gado, então dá origem a economia sulina, já que também por essa altura, século XVIII, ele é grandemente procurado para alimentar outro tipo de economia - a mineira. Passa a ser valorizado não só pelo couro, mas como animal de carga, como para abate (gado em pé) - aqui aparece também não só o gado bovino mas principalmente o muar.

No final do século XVIII a decadência do trabalho de exploração nas minas, faz com que o gado do Rio Grande sofra uma baixa na sua procura. Contudo não chega acontecer decadência na economia Sulina, uma vez que surge no cenário econômico duas novas explorações - o trigo e o charque.

Nessa época, as estâncias também já existiam, tendo sido originadas das sesmarias - em alguns casos, o tamanho da Estância era tão grande, que poderia ser de 1,2 ou até 3 sesmarias.

As estâncias eram de tamanhos expressivos, grandes latifúndios. A unidade de medida era a légua de sesmaria - 43 quilômetros quadrados cada uma.

Vários autores já salientaram o contraste entre os latifúndios que estão presentes ao sul do Rio Grande e a pequena propriedade que domina o norte do Estado, especialmente na Serra. Esta diferença possui razões históricas, pois enquanto a colonização da fronteira se deu paralelamente com a doação de grandes extensões de terra, a entrega de terras para os imigrantes, foi de extensão bem menores. Entre 1740 e 1760, 2.000 casais açorianos localizaram-se no Rio Grande, cada um recebendo 272 ha, nos quais plantavam culturas de subsistência, e, mais tarde, o trigo. De 48 a 77 ha receberam os alemães, chegados em 1824, e cerca de 24 ha receberam os italianos, cujo fluxo imigratório começou em 1875. (Pesavento. Considerações sobre a Agricultura Gaúcha até 1930 - FONSECA, 1983, p. 51).

De acordo com a afirmação da autora, conclui-se que a zona Sul do Estado, e mais precisamente o município de Pelotas, é originário da conquista fronteiriça - da época das doações de terra em grandes quantidades. Notando-se, ainda, que os municípios dessa faixa são, até hoje, expressivamente maiores que os municípios do Norte do Estado.

Os ilhéus açorianos e madeirenses, fortes e lutadores de onde surgiram os primeiros habitantes de Pelotas, segundo OSÓRIO, (1922 p.23), "prepararam o solar pelotense, desbravando, com benemerito denodo, essa selvática região, com a fundação de nossa comunidade".

A colônia de Sacramento, tão disputada entre Portugueses e Espanhóis, fez com que muitos desses casais açorianos se refugassem nas dunas do laranjal, quando tiveram de sair de Rio Grande devido a dominação espanhola, 1763.

Por outro lado, em 1758, D. Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, então governador do Rio de Janeiro, faz doação a Thomaz Luiz Osório das terras que originaram Pelotas. A primeira fração dessas terras demarcaram o que se chamava Rincão das Pelotas, "estremando-se no sangradouro da Mirim (São Gonçalo) e arroio Pelotas até topar com o arroio Correntes, e de este até a Lagoa dos Patos no lugar de Cangussú". (Arquivo Publico do Estado do Rio Grande do Sul - In: OSÓRIO, 1922, p. 24).

Mais tarde a viúva do Cel. Thomaz Luiz Osório,

D. Francisca e seus filhos vendem essas terras, a 4 de junho de 1779, para a D. Izabel Francisca da Silveira e Manoel Bento da Rocha.

Por essa altura estava Rio Grande dominado pelos espanhóis - dominação que durou 13 anos - e que "finalmente, em 2 de abril de 1776, aliviaram-se as tensões, em virtude da reconquista heróica do território sulino. Sendo 2 de abril, dia de São Francisco de Paula, eis o porquê da devoção e da escolha do Santo para protetor da freguesia". (MAGALHÃES, 1981, p. 13).

Essa região à beira da Lagoa dos Patos, do Canal São Gonçalo e do rio Piratiny, contou com a existência de sete estâncias, Feitoria, Pelotas, Monte Bonito, Santa Barbara, S. Thomé, Pavão e Galatéia.

O berço da cidade aconteceu na última ondulação da sesmaria do Monte Bonito, próximo ao Canal São Gonçalo

"Seu primeiro proprietário foi o tenente de dragões Manoel Carvalho de Souza (1779) que a vendeu poucos meses depois, sendo a mesma de novo trespassada em 1781. Bem cedo essa Sesmaria começou a se retalhar, com si as cousas, de per si, se preparassem para que nella viesse a tomar assento a futura povoação". (OSÓRIO, 1922, p. 29).

Segundo o mesmo autor, as demais estâncias foram, ao longo dos anos, sendo repassadas, como por exemplo: A Estância do Pavão, ficou com Raphael Pinto Bandeira, por recompensa de serviços de guerra; as terras que eram já denominadas "Pelotas", foram divididas em 4 estâncias - Patrimônio, Graça, Galatéia e Laranjal.

Até esta época o nome do lugar era São Francisco de Paula, em homenagem ao Santo Padroeiro, mas que, pelo conhecimento e uso das "Pelotas", na mais estreita garganta do arroio, foi então alterado o nome do lugar.

A passagem do arroio fazia-se, de um lugar a outro, em embarcações de couro - Pelotas - muito usada naquela época não só pelos indígenas como pelos exércitos.

Ainda, na época da elevação à categoria de "Freguesia" em 7 de julho de 1812 (data do aniversário do município), o pequeno povoado era conhecido por São Francisco de Paula. Situado, em lugar dito

vantajoso, às margens do arroio Pelotas, São Gonçalo e Santa Bárbara, foi inúmeras vezes descrito pelos viajantes como um lugar com ótimo desenvolvimento devido ao surgimento das Charqueadas.

É com a chegada do Português, José Pinto Martins, em 1779, que esta região começa a crescer. Com a instalação da primeira charqueada, na região de Pelotas, surge o surto econômico que desenvolve o lugar e faz com que muitos fazendeiros, de outras regiões do estado, para lá voltassem seus olhos. Pois com a prosperidade do estabelecimento de Pinto Martins, outras charqueadas ali se instalaram, dando origem a um crescente desenvolvimento.

No ano de 1815 o padre Felício Joaquim da Costa Pereira, consegue a área para a construção da Paróquia de São Francisco de Paula, em torno da qual formou-se o agrupamento urbano.

As charqueadas pelotenses prosperaram, dando condições a que o lugar passasse a ser conhecido por toda gente e em toda parte.

Também em Pelotas, como fator importante na economia, antes e em paralelo ao charque, existiu a plantação do trigo com a participação dos açorianos, que embora tenham se espalhado irregularmente, em muito contribuíram para o desenvolvimento dessa cultura. O Rio Grande do Sul foi bastante expressivo no que tange às exportações de trigo, por volta de 1780.

Com a desmotivação de atuação nas lavouras de trigo, ocasionadas por diversos fatores, entre eles as guerras e revoluções, mais acentuava-se a pecuária. A pequena vila de São Francisco de Paula ganha, a cada ano, nova roupagem, sendo motivo de admiração daqueles que por aqui passaram.

O Botânico Francês Augusten Saint-Hilaire esteve em Pelotas, em 1820 e foi hospedado por um charqueador Português, Antônio José Gonçalves Chaves. O mesmo refere-se ao lugar como sendo um sítio onde não havia nenhuma palhoça, as casas eram boas e seu anfitrião, uma pessoa bem instruída que falava o latim e o francês.

Igualmente, viajantes como Nicolau Drys Herbert Smith, Ave Lalemand e outros tiveram de Pelotas as

mesmas impressões sobre o progresso da região. Ainda o Conde D'Eu, quando em viagem militar pelo Rio Grande do Sul refere-se sobre Pelotas da seguinte maneira: "...Pelotas aparece aos olhos encantados do viajante como uma bella e prospera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (phenomeno único na província) sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéia de uma população opulenta"(CONDE D'EU, 1981, p.135).

Pela circulação de dinheiro favorecida pela indústria do charque, existia um comércio mais ativado que em outras localidades. Para Pelotas acorriam todos aqueles que queriam adquirir um artigo importado e de melhor qualidade.

As famílias dos charqueadores, comerciantes que já na época progrediam, tinham um conforto não conhecido no restante da província.

Era natural e comum os charqueadores possuírem uma casa à beira do arroio onde funcionava a charqueada, e outra no povoado (normalmente muito bem mobiliada, com móveis europeus), onde reuniam-se, nos finais de semana, para irem à missa, fazerem as compras e o mais importante convívio social da época, que eram os saraus. Estes saraus que até hoje são lembrados e rememorados com gosto, faziam com que cada um mostrasse o seu talento - declamando, recitando versos, tocando piano e entre uma e outra mostra artística dos presentes, eram servidos os doces e licores, que deram a Pelotas fama de "cidade dos doces". Doces estes de origem portuguesa, principalmente no que se refere aos "ovos moles", tão conhecidos na região de Aveiro e que passaram a fazer parte da vida do pelotense, através da imigração.

É com o ciclo do charque que o progresso da região acentua-se, permitindo que muitos desses charqueadores enviassem seus filhos para estudarem na corte e na Europa. O que contribuiu para que o Pelotense adquirisse hábitos e costumes mais requintados e diferenciados dos demais moradores do estado.

A herança sócio-econômica dessa região está muito ligada à história econômica do ciclo do

charque, do trigo e, mais tarde, do arroz, que devido ao solo e às condições climáticas bastante se desenvolveu.

Pelotas ao longo de sua história foi responsável pelo pioneirismo em diversas áreas. Destacando-se, por exemplo: o primeiro barco a vapor do Estado foi montado em Pelotas, chamado "A Barca Liberal". Para aquisição e montagem da máquina que veio dos Estados Unidos, a colaboração foi dos portugueses Domingos José de Almeida, Antonio José Gonçalves Chaves e José Vieira Pimenta, que muito trabalharam por Pelotas.

Quanto aos ideais republicanos, foi esta cidade pioneira de idéias ditas "muito avançadas para a época". Alguns autores manifestam-se sobre o assunto dizendo que pelo contato que a região possuía com a corte e com a Europa, em razão do comércio intensivo, adquiriam novos conhecimentos e atualizavam-se mais rapidamente. Como prova disso, foi erguido no bairro Areal um Obelisco em favor dos ideais republicanos (1885) portanto, ainda, no período imperial.

Outro dado importante no pioneirismo de Pelotas foi quanto às idéias abolicionistas - o Clube Abolicionista, fundado em 21 de agosto de 1881 - a primeira associação criada na província a fim de excluir a escravidão. Esse feito coube aos Drs. Fernando Luiz Osório, Epaminondas Piratinino de Almeida, Cypriano da França Mascarenhas, Saturnino Arruda, Siqueira Canabarro e outros.

Foi atribuída a abolição como uma das causas para a decadência das charqueadas. Isto porque os

charqueadores pelotenses não sabiam trabalhar com mão de obra livre, uma vez que os escravos eram utilizados predominantemente. Enquanto nos saladeiros do Prata a mão-de-obra livre rendia mais e saía mais barata do que manter o escravo no período das entressafras.

Sempre ligado à agricultura e a pecuária, Pelotas foi sede da Primeira Sociedade Agrícola e Pastoril do Estado, sendo a primeira a realizar, no Rio Grande do Sul, exposições agrícolas pecuárias, industriais e congressos de agricultura. Como resultado disso tem-se hoje o Parque de Exposições Agrícolas Hildefonso Simões Lopes Neto.

Pelotas, pelo cultivo às tradições e costumes do Rio Grande do Sul, torna-se sede da primeira entidade tradicionalista do Estado. Fundada em 10 de setembro de 1899 a União Gaúcha Simões Lopes Neto, torna-se um dos Centros de Tradições Gaúchas mais conhecidos e respeitados da região.

Na educação e cultura destaca-se, inaugurando em dezembro de 1883 a primeira Faculdade de Agronomia do País - Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel - que teve a oportunidade de diplomar a primeira mulher no curso de Agronomia (Maria Eulália da Costa).

Falando-se do pioneirismo da mulher Pelotense, aparece a primeira soprano de destaque do país, Zóla Amaro, que da sua terra saiu e destacou-se na arte do canto. Na área da medicina, Rita Lobato, natural de Pelotas, é a primeira mulher a tornar-se médica no Brasil.

II. POPULAÇÃO:

AVEIRO

Há que reportar-se, nos aspectos populacionais aos dados do distrito aveirense, ou seja, essa divisão administrativa composta de 207 freguesias, 19 concelhos, 7 cidades, 650.000 habitantes e 450.000 eleitores. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 12). A questão apresenta-se em virtude dos motivos retro advertidos - da pequena extensão territorial do Concelho de Aveiro e, também devido ao fato de que o movimento migratório, tão marcante na população portuguesa, é sempre analisado em nível de país e de distrito, primordialmente. Também ao pelotense afeta essa realidade, por causa dos fluxos migratórios recebidos de Portugal e do Distrito de Aveiro.

Os valores estatísticos confiáveis reportam-se a 1864, época do primeiro recenseamento de Portugal, observando-se a metodologia estabelecida no Congresso Internacional de Estatística, realizado em Bruxelas, em 1853. (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 67).

Apesar da amplitude do fenômeno migratório, nunca o Distrito de Aveiro deixou de ver sua população crescer e, mesmo na década de 1911-20, apesar das saídas para o Brasil e dos efeitos da 1ª Guerra Mundial, como também da epidemia pneumônica ocorrida no país. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 20). Outro fator de diminuição de crescimento populacional, é a crise sócio-econômica e política da década de 1960-70 em Portugal. (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE AVEIRO, 1988, p. 70), apesar de não terem sido registrados números negativos de decréscimo populacional. Esse aumento da população é enfatizado quando se escreve: "... em data mais recente, entre 1970 e 1981, período em que Aveiro e o seu distrito viram a população crescer em cerca de 81 milhares de indivíduos". (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1983, p. 20).

As causas de tal fenômeno são, entre outras, as

boas condições naturais (clima, solo, localização) e as atividades econômicas (indústria, pescas, etc.), que permitem a absorção da mão-de-obra, originária de outros distritos.

Portugal é país com tradição emigrante acentuada, afetando, evidentemente, também o Distrito de Aveiro, onde: "... desde o princípio do século, terá mesmo ultrapassado os 200 mil, muitos dos quais se terão radicados, definitivamente, nos países de acolhimento. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 21). Mesmo assim, muitos retornaram, o que se pode vislumbrar até na paisagem construída - os solares dos brasileiros, vilas africanas, moradias venezuelanas, americanas e francesas, em meio a paisagem distrital típica.

Sobre os aspectos de imigração, cabe ressaltar o da "continuidade entre os novos emigrados e as gerações mais antigas". Tal fato é observável mesmo na comunidade pelotense, onde, muitos imigrantes alegaram como fator de escolha pela cidade gaúcha o de já terem parentes lá estabelecidos. (POMBO, 1986 p. 57).

Por outro lado, se constata que, em alguns concelhos portugueses, com menor tradição emigratória apresentaram um maior número de partidas para a Europa. Afóra esse fato de saída de elementos, há que referir o número de regressados que, nos anos 70, provenientes das ex-colônias, fixaram-se no distrito. Essa quantidade: "... jovem e adulta alterou a estrutura etária da população residente, através do aumento dos grupos etários dos jovens-adultos e adultos. Tal fenômeno não deixou, por isso, de se refletir nas pirâmides etárias da população residente, as quais põem igualmente em evidência a quebra das taxas de natalidade (e o conseqüente envelhecimento na base da população residente), facto que poderá influenciar, num futuro próximo, as perspectivas de desenvolvimento de alguns sectores que se mostrem mais carenciados de mão-de-obra". (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 22).

Dados de Portugal mostram que a taxa de variação média anual dos habitantes recenseados assumiu valores inferiores a 0,5% e, no Distrito de Aveiro registrou-se fenômeno idêntico nos períodos de

1890 a 1900, de 1911 a 1920 e de 1960 a 1970. "Pelo contrário, a maior expansão demográfica com taxas de crescimento anual superiores a 1%, verificou-se [...] no Distrito de Aveiro de 1900 a 1911, de 1920 a 1950, e também de 1970 a 1980". (VII JORNADA DE SAÚDE DE AVEIRO, 1988, p. 70).

Da mesma fonte, ainda, sobre a mobilidade populacional, tem-se: "As estatísticas correntes, em Portugal, não incluem dados referentes ao regresso de emigrantes, à emigração para o País e às correntes migratórias interdistritais. Sobre estes fenómenos, encontram-se disponíveis alguns elementos apurados no censo de 1981...". (idem, p. 70).

Assim, em 1981, do total da população, 85,2% eram naturais do distrito de Aveiro; 11,4% eram naturais de outros distritos e regiões autónomas; 3,4% eram naturais do estrangeiro (incluindo Macau) e 10,8% natural dos distritos residindo noutros distritos e regiões autónomas. (idem, p. 71).

Percebe-se, então, que a população residente é natural de seus próprios limites territoriais e que é menor a taxa de repulsão da população natural do Distrito de Aveiro.

Os imigrantes internos, residentes em Aveiro e provenientes de outros distritos eram, na maioria, do Porto, Viseu e Coimbra, distritos fronteiriços a Aveiro, seguindo-se outros, com menor expressão.

Sobre as pessoas que fixaram residência em Aveiro, de 1974-81 (média mensal) em dois períodos, tem-se: De janeiro 74 - a janeiro 1980- a maioria era proveniente das ex-colónias e Macau (64%); após, de outros países (24,6%) e, por fim, de outros distritos (11,4%). No período compreendido entre janeiro de 80 e março de 1981, tem-se uma inversão de posições com 50,4% provenientes de outros distritos; 45,8% de outros países e, apenas 3,8%, provenientes das ex-colónias e Macau. Cabe salientar o grande percentual dos que são oriundos de outros países, o que se pode constatar até pela observação direta. Em tese, seriam imigrantes que retornaram.

Muitos casos, observados pelas autoras na cidade de Aveiro, são de imigrantes que retornaram da Venezuela e Brasil (retornados das levadas transoceânicas, principalmente da América do Sul).

A previsão de residentes no Distrito de Aveiro,

pela estimativa populacional do Instituto Nacional de Estatística, para dezembro de 1987, era de 665.500 pessoas, distribuídas pelos diferentes conselhos. (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 57).

Dos estudos de densidade populacional por concelho, percebe-se que há: "... elevada concentração nos meios urbanos, enquanto que nas zonas predominantemente rurais toma valores pouco expressivos. A nível nacional, o Distrito de Aveiro é um dos quatro mais densamente povoados, facto que certamente se encontra relacionado com a respectiva localização na faixa litoral beneficiando de fáceis comunicações e com o desenvolvimento industrial dos Concelhos em que a concentração populacional é mais elevada". (idem, p. 76).

Dentre os dezenove concelhos, vê-se que a mais alta densidade demográfica é em São João da Madeira (2.514 hab/km²), seguindo-se outros, e por fim Aveiro (310 hab/km²). Só que destes, a área territorial de São João da Madeira é exígua (apenas 7 km²). Áreas relativamente expressivas, em comparação com o Concelho de Aveiro (208 km²) seriam a de Feira (211 km²) e Oliveira de Azeméis (153 km²). Assim, o Concelho de Aveiro, embora enquadrado em 6º lugar, possui aproximadamente, 64.000 habitantes.

Quadro 1 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES - 1970

Unidade Geográfica	População ativa total	%	Taxa de Atividades	Setores de Atividades					
				Primário	%	Secundário	%	Terceário	%
Continente	2.988.170	100,00	37,0	939.845	31,5	963.035	32,2	1.085.290	36,3
Concelho Aveiro	57.815	1,93	35,0	16.635	28,8	22.775	39,4	18.405	31,8

Fonte: Comissão de Coord. Região Centro - 1983.

O Concelho de Aveiro, possuindo uma população ativa correspondente a apenas 1,93% do total continental, mesmo assim a concentra em atividades dos setores secundário e terciário.

"Os sectores secundário e terciário passam a ter a maioria percentual da população activa depois de 1911, nos Concelhos de Aveiro, Feira, Oliveira de Azeméis e Ovar. Destes, destaca-se o de Aveiro, pela importância do terciário, o qual, após 1950, passa de

25,4% para 42% dos empregos. Por certo, estes valores ficam-se a dever à presença neste Concelho do mais importante centro urbano (cidade de Aveiro), onde naturalmente, se concentra a maioria dos serviços". CAETANO, 1986, vol. 1, p. 206).

Referente à estrutura demográfica, é relevante salientar o envelhecimento progressivo da população, fato já apontado anteriormente, cuja tendência tem-se acentuado em nível nacional, a partir de 1930. Mesmo assim, estudos demonstram que a "... população residente no Distrito de Aveiro é relativamente mais jovem do que em nível do Continente". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 83).

Em observação de gráficos comparativos entre o Continente e o Distrito de Aveiro, no período de 1981-86, percebe-se que a natalidade geral em Aveiro é sempre maior, e a mortalidade geral, sempre menor, explicando-se o excedente de vida resultante.

Na observação concernente a emigração versus crescimento populacional, percebe-se que, no mesmo período, a emigração em Aveiro é comparativamente maior do que a continental, mas o crescimento populacional também o é.

Nos gráficos comparativos entre nupcialidade e divórcio, no Continente e no Distrito de Aveiro, percebe-se que os divórcios são proporcionalmente muito menores no Distrito do que no Continente, e as taxas de nupcialidade, bem maiores do que em nível continental.

Sobre a mortalidade infantil, vê-se, pelas tabelas da fonte supra, que em 1981 e 82, as taxas no Distrito eram menores do que no Continente. A partir de 1983 inverte-se, sendo que em Aveiro ultrapassa a taxa continental, mantendo-se, assim, até 1985, havendo certa queda no ano de 1986. Presume-se que com maior taxa de nupcialidade, também haverá mais nascimentos e, posteriormente, de mortalidade infantil.

Como última referência ao Distrito de Aveiro, quanto ao sexo e idade, tem-se, a partir do critério de 0-14 anos = jovens; de 15-64 anos = adultos; mais de 65 anos = idosos, os seguintes dados: há um leve predomínio da população feminina - 51,4%, contra 48,6% masculina. Sobre a distribuição por faixa

etária, há três grupos: masculinos jovens (até 14 anos), com 12,2%, adultos (15-64 anos) com 32,1%; idosos (mais de 65 anos), com 6,3%. O total de jovens é de 23,6%; o total de adultos é 65,6% e o total de idosos é de 10,8%. Para a população feminina tem-se: jovens (até 14 anos) com 11,4%; adultas (15 a 64 anos) com 33,5%; idosas (mais de 65 anos), com 6,5%.

Quadro 2 - POPULAÇÃO, SEXO E IDADE

Sexo Idade	Homens	Mulheres	Total
Jovens	12,2	11,4	23,6
Adultos	32,1	33,5	65,6
Idosos	4,3	6,5	10,8
Total	48,6	51,4	100,00

A população jovem masculina possui percentual levemente maior do que a feminina. Já, a população adulta feminina é que possui percentual maior que a masculina, e a diferença é mais sensível em relação à idosa.

Sobre os dados populacionais no Município de Pelotas, tem-se que ele é o segundo mais populoso do Estado, sendo apenas superado pela capital, Porto Alegre. Dentre os mais de 4000 municípios brasileiros, Pelotas situa-se em 41º lugar (dados do IBGE). Pelo recenseamento de 1980, a cidade de Pelotas contava com 196.919 habitantes, e o Município possuía 259.950 habitantes. O crescimento populacional ascende em ritmo moderado (2,3% ao ano), influenciado por dois fatores: o crescimento vegetativo (em média, nascem 20 pessoas e morrem 5 diariamente), e também devido às migrações. Em 1980, os migrantes representavam 28% do total da população. A maioria dos migrantes são procedentes de zonas rurais, mas também há migrantes de outros dezessete Estados, além de estrangeiros. (ROSA, 1986, p. 155).

Sobre a densidade demográfica, (1980) tem-se 118 hab/km², bem superior a média gaúcha, mas há

duas zonas bem definidas: uma menos povoada, correspondente a planície, com campos e lavouras de arroz e soja, além da pecuária extensiva, e a outra, mais povoada, área alta e ondulada, com as colônias, onde predomina a pequena propriedade e a policultura.

É ainda de Rosa o seguinte: "É possível assim, estabelecer uma relação entre a distribuição espacial da população pelotense e os aspectos físicos e o tipo de atividade econômica. A natureza do solo é um dos principais fatores determinantes do referido contraste na densidade demográfica. (ROSA, 1985, p. 183).

O ritmo de crescimento da população rural aumentou: se na década de 1970 era de 4,2%, na de 1980 apresentou 9,4%. Foi o único município gaúcho que aumentou a população rural.

A causa disso é a migração - pelos dados do IBGE (1980) - 28% da população pelotense era de migrantes e, destes, 42% procediam da zona urbana e 58%, da zona rural. Segundo Rosa, em 1970: "... 53% dos migrantes procediam da zona urbana e 47% da zona rural, pode se concluir que, na década 70-80, aumentou significativamente a migração rural para Pelotas (de 47 para 58%). Explica-se esta evolução por ser a área à retaguarda de Pelotas zona de pequena fixação de rurais". (idem, p. 169).

O Município tornou-se um pólo de atração de migrantes. "A posição geográfica de Pelotas - situada no extremo sul brasileiro - faz com que o município seja alvo quase que exclusivamente de migrações do próprio Estado. (ROSA, 1985, p. 170).

"A grande acessibilidade de Pelotas, servida pela BR-116, que a liga ao Sudeste, pela BR-471 (Pelotas-Chuí), que a coloca em contato com os mercados platinos, e pelas rodovias que a ligam à Campanha (BR-293) e à Depressão Central (BR-392), que leva o município a esta expansão e a consolidar sua posição de grande centro regional, com expressividade da função comercial e, mais recentemente da industrial (produtos primários de sua área de influência)". (ROSA, 1985, p. 177).

Considerando os municípios próximos, a maioria dos migrantes são provenientes de Canguçu, seguindo-se São Lourenço do Sul e Rio Grande. As causas da expulsão do campo estariam na busca de

trabalho noutros municípios, em virtude das grandes propriedades de terras, que com um processo de modernização, racionalizam a mão-de-obra (mecanização da lavoura) ou pelos minifúndios existentes que inviabilizam a subdivisão da terra a ponto de impedir a manutenção do trabalhador e sua família no campo.

Estimativa da Fundação Estadual de Estatística (1985) previa 80% da população em área urbana e 20% em área rural.

O Município de Pelotas possui nove distritos, a saber: - Sede; Colônia Z-3; Cerrito Alegre; Vila Lange; Cascata; Santa Silvana; Quilombo; Monte Bonito e Arroio do Padre.

Pelo Censo de 1980, excetuando-se o distrito sede (Pelotas), com 1083 hab/km², os demais distritos com maior densidade demográfica eram: Cascata, com 24,7 hab/km²; após, Quilombo, com 23,7 hab/km² e Arroio do Padre, com 23,5 hab/km².

A respeito da distribuição da população ativa do município pelos setores, tem-se a tabela a seguir.

Quadro 3 - POPULAÇÃO ACTIVA POR SETORES

	%
Primário	14,8
Secundário	29,6
Terceário	55,6
Total	100,0

Fonte: Rosa, 1985,p.198

A população ativa, em 1980, correspondia a 106.848 pessoas, ou seja, 41,10% da população total.

A maior força de trabalho concentra-se no Setor Terciário, enfatizando a característica do município - tipo comercial e de serviços.

A cidade é bem equipada no que se refere a estabelecimentos comerciais, cursos de nível médio e superior, hospitais, etc. Possui vasta tradição urbana e cultural. É importante centro industrial e de comércio atacadista, justificando-se, pois a concentração da população ativa principalmente no setor terciário da economia.

Referente a idade da população em Pelotas, verifica-se o mesmo que em Aveiro, ou seja, um aumento da população adulta, e diminuição da

população jovem. Em 1980 havia 40% da população na faixa de 0-19 anos; 43% na faixa adulta (20-49 anos); e 17%, no grupo de 50 anos ou mais.

“O decréscimo do grupo jovem e a estabilização ou aumento de adultos é uma tendência normal da população das áreas em desenvolvimento. Uma de suas consequências é diminuir os encargos da população economicamente ativa”. (ROSA, 1985, p. 188).

Também referente à longevidade, diz-se que o pelotense vive mais do que a média dos gaúchos, devendo-se em grande parte a maior urbanização e industrialização do município. Também as boas condições das vias e meios de transportes permitem o maior afluxo de migrantes adultos e, ainda, o número de casamentos tardios e controle da natalidade, típicos de cidades mais desenvolvidas, explicam a menor proporção de jovens e maior número de idosos.

Quanto ao sexo, há leve predomínio de mulheres - 51,7%, em relação aos homens. Fato também verificado em nível de Estado, o que se assemelha a Aveiro.

No caso pelotense, o maior índice de mulheres: “... é um indicador de maior urbanização, principalmente pela atração que o setor serviços exerce sobre as que não encontram trabalho no campo”. (ROSA, 1985, p. 185).

Salienta, ainda: “É interessante observar que, em Pelotas, na população dos distritos rurais, a situação se inverte: em 1980, os homens representavam ali, 51,5% do total (mais 1.616 homens do que mulheres)”. (Idem, p. 187).

Tal como Aveiro, Pelotas é pólo de atração de pessoas, devido ao seu crescimento econômico. Se no Município é mais em função do comércio e serviços, seguido pela industrialização, em Aveiro basicamente, ocorre em função primeiramente da industrialização e, após, pelo comércio e serviços. Em ambos casos, o desenvolvimento cria condições de emprego, atraindo mão-de-obra de fora.

Valendo tanto para Pelotas com para Aveiro: “A diminuição do índice de natalidade, o envelhecimento da população, acentuado pelo alongamento da esperança de vida, e a emigração, revestem-se assim

de inegável significado econômico, levanta-se o problema da mão-de-obra necessária para manter o equilíbrio com os postos de trabalho a criar”. (CAETANO, 1986, p. 194).

Deve-se ressaltar, no que tange aos estrangeiros em Pelotas, em 1980, predominavam as seguintes etnias: portugueses, uruguaios, italianos, japoneses e norte-americanos.

Realmente, no Rio Grande do Sul, os núcleos predominantes de portugueses eram Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. (POMBO, 1986, p. 33). Sobre a procedência, por distritos, tem-se, em Pelotas: Aveiro - 59,61%; Porto - 8,46%; Coimbra - 8,07% e Leiria - 5,38%, seguindo-se outros distritos com menores percentuais. (Idem, p. 45).

Sobre o Distrito de Aveiro, em 1877: “tem sido imensa a emigração no nosso districto com relação ao Brasil. O distrito de Aveiro é o segundo a fornecer contingente para a emigração. De 1868 a 1873 emigraram 7.996 indivíduos”. (CAETANO, 1986, p. 159).

Os imigrantes portugueses de Pelotas apontavam como principais formas positivas de integração àquelas realizadas junto aos parentes, amigos, pelos costumes assemelhados e pelo domínio do idioma, explicando-se, assim, em parte, a concentração aveirense no Município.

Transcrevendo-se alguns depoimentos de imigrantes portugueses, em relação à Pelotas, no que se refere às contribuições por eles prestadas à sociedade e economia municipais, dizem:

“... é assunto com longo e vasto material para explorar, não esquecendo que Pelotas é de formação e fundação portuguesas, embora, como é evidente e fácil de constatar, outros povos se tenham juntado mais tarde”.

Outro, ao falar sobre a integração de seu pai, diz: “Não teve dificuldades de se integrar ao meio social pelotense, porque existia aqui uma ponderável comunidade de portugueses, oriunda de sua região e da terra onde nasceu”.

“Para melhor identificar a nossa presença na área de Pelotas, informo que a zona litoral de nascimento, em Portugal, é perfeitamente idêntica à nossa Lagoa dos Patos, até na piscicultura. Era a Ria de Aveiro”.

Ou, ainda, noutro depoimento:

"De forma geral, o português sente-se no Brasil como em sua Pátria, portanto, a adaptação é sempre facilitada por serem fortes os vínculos da história, do sangue, do uso da língua comum e até a cultura brasileira, que tão impregnada se acha da lusitana".

Já não era sem tempo que o pelotense começa a

reconhecer o papel fundamental que o imigrante português desempenha. "A Cidade de Pelotas possui estreita ligação entre o seu desenvolvimento e a colaboração de centenas de imigrantes portugueses que aqui trabalharam e trabalham com afinco". (FISS, 1987, p. 176).

bibRIA

III. ASPECTOS ECONÔMICOS

AVEIRO

Considerando a realidade de cada país (Brasil/Portugal) em termos de área territorial, conclui-se que: Portugal, mesmo sendo um país de reduzida extensão territorial, apresenta de região para região, aspectos importantes e diferenciados. Em cada região acentuam-se alguns fatores, como clima, solo, relevo, altitude, emigração, origem da população, entre outros. Isso tudo faz com que resultem em diferentes expressões no falar, nos costumes, folclore, hábitos diversos, gastronomia, cultura de um modo geral e na economia.

Por outro lado, acontece o mesmo com o Brasil, onde tem-se cada região distintamente identificada em todos os fatores, mas é rapidamente compreensível, devido ser um país considerado continental.

O município de Pelotas (2.166 km²), localizado em um estado com 267.528 km² e o concelho de Aveiro (208 km²) em um Distrito com 2.850 km² (3,2% do território de Portugal).

Para uma rápida visão econômica será, em vários momentos, citado o Distrito de Aveiro em comparação ao município de Pelotas, além de referências ao Estado do Rio Grande do Sul. Ocorrerão estas particularidades, nas situações que facilitem a demonstração para um melhor conhecimento de ambas realidades e quando a carência de dados não permitir que seja de outra forma.

Sector Primário

- Agricultura

A Agricultura de Aveiro é basicamente muito antiga, tendo como referência a existência da Ria, (já descrita a sua formação no presente trabalho). Essa

região tem sua vida totalmente ligada a existência da ria, da barra, das salinas, da pesca, do moliço, da gafanha.

Ao longo dos anos, definindo-se onde corriam os canais da ria, a barra deixou de ser um problema para o progresso da cidade e a situação melhorou, principalmente para a agricultura.

"As areias, que primitivamente marginavam a ria e que os ventos arrastavam, pouco a pouco foram-se fixando, devido à acção dos lodos que as marés nas preias-mares nelas depositavam. A terraplanagem exercida pelos ventos sobre as areias e a sua fixação feita pela humidade das águas e pelos lodos arrastados pelas marés começaram a preparar o campo a princípio pantanoso, mas desde logo permitiu que germinassem as primícias da exuberante vegetação, que constitui agora a fertilíssima campina das Gafanhas. A princípio, porém, os panis marginais à ria, apenas eram revestidos aqui e acolá por juncos e fenos, muito raquíticos, devido à inundação das águas e pobreza dos terrenos". (REZENDE, 1944, p. 10).

O autor segue sua descrição enfatizando a existência do junco a um lugar úmido, arenoso e para onde muitos homens se mobilizavam para o corte de tal planta. Iam ao corte do junco usando a Gadanha, que pela troca do d pelo f, alguns autores consideraram daí o nome de Gafanha, a essas terras que, inicialmente, não serviam para outra coisa até se tornarem férteis.

Para a fertilidade dos solos que marginavam a ria, é importante referenciar o moliço (algas depositadas no fundo das águas de zona salobra, que misturado com lama é muito utilizado como adubo).

A importância do moliço, também, é um pouco consequência das calamidades ocorridas com o fechamento da barra. Sem embarcações, sem salinas e em dificuldades para conseguir alimento, a solução era voltarem-se para a agricultura. No entanto, em um solo tipicamente arenoso, foi empregado o moliço como adubo orgânico "para corrigir e fertilizar as areias quartzozas do litoral, das Gafanhas a Ovar, e para os terrenos secos da orla da Gandora e das agras de Estarreja a Vagos". (AZEVEDO, 1965, p. 128).

A apanha do moliço realizada com o barco moliceiro e os grandes ancinhos de madeira, atualmente acontece com bem menos interesse, devido a utilização dos adubos químicos que são comumente usados para a fortificação dos solos.

O Distrito de Aveiro por estar localizado entre o mar e a Serra do Caramulo, apresenta outros tipos de solo, além daquele às margens da ria. Em consequência, em seus diversos conselhos, aparecem outros tipos de solo, favorecendo a existência de várias culturas.

Sabe-se, ainda, que das terras aproveitadas na agricultura, 88% são cultivadas pelos proprietários, enquanto somente 12% é arrendado. A população dedicada a esse tipo de trabalho está diminuindo devido a agricultura funcionar como complemento de outros setores, principalmente à indústria.

Também, a idade avançada dos chefes das propriedades agrícolas e a diminuição do acesso à terra por pessoas jovens, são fatores que contribuem para o êxodo rural. Esse fato é característico das regiões onde o retalhamento das terras é acentuado, dificultando a aquisição de lotes para plantar. No entanto, a população ativa na agricultura ainda é significativa, com 29% no País, enquanto na Comunidade Económica Europeia é de 8%. (Segundo dados de PACHECO, 1989, p. 232).

Portugal, considerado um país essencialmente agrícola e que hoje passa por nova fase, entrando com grande importância em outros setores da economia, principalmente no que tange a indústria e informática, ressentido-se com a diminuição do interesse pela agricultura.

"A mudança só pode ser conseguida se a estrutura económica da exploração, a sua técnica e o seu arranjo físico forem orientados no sentido de alterar os padrões tradicionais da produção e criar explorações orientadas para o mercado". (SANTARITTA, 1979, p. 162).

É importante a criação de modelos que tecnicamente possibilitem ao homem da terra o planeamento eficaz da empresa agrícola.

Na região de Aveiro é grande o parcelamento de terras agrícolas ocupadas, sendo o minifúndio a característica dominante da região. Das terras

pertencentes ao baixo Vouga, 55% compreendem a exploração com menos de 3 ha. Predomina a pequena propriedade, onde "as empresas familiares... em que a maior parte dos trabalhos agrícolas é feito pelo agregado familiar mas que, no entanto, admite pessoal remunerado". (PACHECO, 1989, p. 233).

Sabe-se, ainda, que grande parte dessas micro-explorações agrícolas de carácter doméstico, as famílias além de plantarem a terra, trabalham em outras atividades - serviço público, indústria, comércio e outros - realizando o trabalho de pequenos agricultores, após a jornada diária de trabalho e aos finais de semana. Onde em alguns casos necessitam de uma complementação da mão-de-obra, admitindo outras pessoas para trabalharem.

De acordo com a classificação do I.N.E. as empresas familiares estão extremadas em dois grupos: aquelas cuja fonte de rendimento é unicamente agrícola (perfeita) e as que tem outra fonte de renda (imperfeitas).

De acordo com dados pesquisados sabe-se que a maioria das explorações concentram-se entre 0,5 e 3 ha de terra. No entanto a quantidade de terra plantada, em qualquer das culturas apresentadas é inferior ao número de explorações. Por exemplo: Milho de 1 a 2 has - 3.931 explorações e 1.282 ha cultivadas - isso acontece porque, das terras que as 3.931 famílias possuem devem ser descontadas as partes não produtivas, as destinadas a culturas diversas não contabilizadas e principalmente aquelas terras guardadas ao reflorestamento (em Aveiro como em todo o país é dado grande valor as florestas, tanto ao que se refere a economia como ecologia).

Para melhor demonstrar a produção agrícola na Região de Aveiro passa-se ao quadro resumo, com um levantamento do Concelho em comparação ao Distrito.

Quadro nº 4 - CULTURAS, EXPLORAÇÕES, ÁREA - 1979

Culturas	Distrito de Aveiro		Concelho de Aveiro	
	Nº Explor.	Área (ha)	Nº Explor.	Área (ha)
Trigo	1941	335	149	38
Aveia	11.881	2.041	808	218
Cevada	517	60	36	9
Centeio	7.208	710	186	32
Milho	15.171	5.117	2.054	850
Arroz	907	299	53	31
Out. cere. p/grão	378	79	4	1
Feijão seco	8.171	843	1.582	233
Batata	51.435	9.948	4.028	1.396
Cult./Mist. milho/feijão	36.743	16.381	1.435	481
Cult./Mist. milho/batata	6.973	1.486	50	11
Forrag. anuais	49.876	33.623	3.596	3.056
Leguminosas	405	68	10	4
Prod. Temp.: gramin.	4.786	1.304	267	125
Mist. Legum. c/gramin.	1.044	235	36	19
Horto-industr. tomate	1.214	775	18	1
Culturas oleaginosas	146	8	15	1
Culturas horto ar livre	51.427	3.564	3.889	392
Cultura hortícola e horto-frut. sob cobertura proteção	77	6	5	-
Cult. hortofrut. ar livre	1.322	85	268	16
Cult. florícola ar livre	822	20	117	4
Cult. floríc. cob.protec.	45	2	8	-
Outras cult. tempor.	243	51	24	2

Fonte: I.N.E.

Observando-se o quadro referido, vê-se que as culturas mais exploradas, ou seja, com maior área plantada (Censo Agrícola de 1979 e mostrado pelo I.N.E.), são as Forrageiras Anuais, com 33.623 ha. Se observado o número de explorações, está a batata em primeiro lugar com 51.435 em relação ao Distrito.

No Concelho de Aveiro aparece a Cultura Mista - Milho/Batata, em primeiro lugar, com 6.973 explorações. Com isso deduz-se que de acordo com dados recolhidos de bibliografias consultadas e algumas informações verbais, realmente as forrageiras assumem um papel relevante na economia do Distrito. Uma vez que remetem sua produção às fábricas de ração, que por sua vez, alimentam a pecuária e esta vai atender, vantajosamente, a indústria de laticínios. Os principais tipos de forragens são: trevo ladino, trevo violeta, azevém vivaz, etc.

Com relação a batata observa-se que faz parte

da alimentação básica das pessoas da região, sendo acompanhadas dos produtos hortícolas. Estas últimas com 51.427 explorações e 3.564 ha, bem demonstram a produção em pequenos sítios, onde pelo quadro nº 4 observa-se que a maior concentração está nas propriedades de 0 a 0,5 ha de terra.

Outras culturas integram a paisagem agrícola da região e com grande importância econômica como é o caso da viticultura. "A exploração vitícola média tem uma área de 0,5 ha. Assim, em média cada exploração possui duas ou três parcelas de vinha. As plantações assentam no encepamento tinto, que representa 85% do total". (PACHECO, 1989, p. 234). Ainda, a mesma fonte de consulta salienta que 80% da produção dos vinhos da Bairrada (dentro do Distrito de Aveiro) são exportados para os países da Europa, Estados Unidos da América e Canadá.

"A Região do Baixo e Médio Vouga, uma das mais ricas do País é a maior predominância da Agricultura do Distrito. Engloba os Concelhos de Ovar, Estarreja, Murtosa, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Águeda, Aveiro, Ilhavo, Vagos, Oliveira do Bairro". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 96). A Viticultura está presente nos Concelhos de Águeda, Oliveira do Bairro, Anadia, Mealhada, Vale de Cambra e Arouca.

Entre as árvores frutíferas com maior número de explorações e maior área/ha, estão as Macieiras e Laranjeiras, seguindo-se as Parreiras e em quarto lugar os Pessegueiros.

- Pecuária

Na região do Distrito de Aveiro muitas são as explorações pecuaristas, voltadas principalmente para o Laticínio. Pode-se dizer que o suporte da economia agrícola regional é a bovinicultura, "especialmente a de leite, contribuindo esta Região Agrária com mais de um terço de produtores e cerca de 30% do efetivo bovino leiteiro do Continente". (PACHECO, 1989, p. 233). Por constatação "in loco" há uma grande dinamização desse setor, onde a preocupação com toda uma estrutura em torno da produção leiteira é montada estrategicamente. O leite de vaca tem

colocação assegurada no mercado, dando condições de uma efetiva renda, ou seja, sobrevivência do agregado familiar rural. Por esse motivo as raças vindas dos Países Baixos espalharam-se (anos 30) pelo litoral e pelo Distrito de Aveiro como conseqüência de um maior interesse econômico.

Com o desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias a produção de leite é aumentada, a medida em que a vaca "turina" passa a ser trabalhada com alimento concentrado. Até os anos 50 a capacidade produtiva das mesmas não era grande, porque além da alimentação deficiente tinham que suportar outros trabalhos agrícolas. Por essa época inicia-se um processo de orientação e seleção dos animais bovinos com contraste lacto-manteigueiro e dos touros importados com melhores genealogias.

Agrupando-se a todos os fatores que deram condições a um maior incremento à bovinicultura encontra-se "a inseminação artificial que possibilitou, gradualmente, a melhoria genética verificada nos anos 60". (PACHECO, 1989, p. 233). Esses serviços foram desenvolvidos através das cooperativas e serviços oficiais.

"Assim, são 88 Postos de cobrições oficiais (com reprodutores das raças frísia e marinhõa), são realizadas cerca de 40.000 inseminações artificiais por ano e em 1987 fizeram-se cerca de 25.000 acções no que diz respeito ao contraste lacto-manteigueiro". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 98).

Pode-se observar que o Controle Sanitário realizado, em 1987, no sentido de prevenir, por exemplo, a Tuberculose Brucelose-Peripneumonia, abrangem cerca de 22.000 explorações, com um total de 48.730 animais. Cada exploração, possui em média de 1 a 3 animais, destinados a coleta de leite, que é realizado na sua quase totalidade em ordenhadeiras mecânicas. Cada produtor leva as suas vacas para ordenhar em um posto de ordenha mais próximo, pois existem vários espalhados por toda a região.

Como nas áreas destinadas especificamente à Agricultura, as pequenas propriedades, de cunho familiar, predominam em todo o Concelho e o Distrito.

Também, conforme dados colhidos junto aos órgãos competentes, sabe-se que o maior número de explorações está nas propriedades de 0,5 a 1 há de terra.

Mesmo com Minifúndio e baixa relação produtor versus número de animais, a produção leiteira do Distrito de Aveiro corresponde a 53% do total da região. Está a produção vinculada a grande concentração produtora de forragens, localizada principalmente nos concelhos do litoral.

A bacia leiteira de toda a região do Vouga (a maior do País) depende além da aplicação de novas técnicas, de um racional aproveitamento das potencialidades.

Com relação a criação de suínos, esta é bastante dirigida ao consumo em restaurantes e uso doméstico, onde esse produto faz parte de boa parte da alimentação diária. Além do peixe, a outra fração de carne consumida pela população, está, primeiramente, a carne suína, vindo a seguir as aves e por último a bovina.

Pela característica do País - espaços pequenos - e que, automaticamente, é sentido no Distrito de Aveiro, o rebanho bovino torna-se mais caro. Sendo, então, uma das razões para que a carne bovina não seja largamente consumida.

Como já foi comprovada, a existência de pequenas propriedades, também no Distrito de Aveiro, e pela especialização que começa a invadir todas as áreas de trabalho, surgem os aviários. Em Portugal os aviários aparecem nos finais da década de 60 e hoje são inúmeras as explorações desse tipo.

Nessa região os aviários possuem ótimas instalações e aparelhagens modernas, tendo alguns capacidade de incubação de 300 mil ovos e a produção semanal de 60 mil pintos ao dia, em relação a um ano. Para essa produção não admitem mais que 18 ou 20 empregados.

- Silvicultura

A exploração florestal faz parte de uma atividade de relevância, não só pelas condições ambientais, como pela política de reflorestamento que tem se observado nos últimos tempos.

"Depois de 1976, a arborização de solos sem utilização agrícola feita pelos serviços de povoamento florestal do Estado, aumentou de ritmo. No biénio 1974 - 1976 foram arborizados 8.600 ha, entre 1976 e 1977 cerca de 26.000 ha". (SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNNICAÇÃO SOCIAL, 1978, p. 69).

O reflorestamento em nível nacional tornou-se acentuado, podendo-se observar que em todas as propriedades, os espaços não utilizados com algum tipo de cultura ou ocupados com pecuária, estão sendo cobertos com diferentes tipos de árvores.

"A área florestal do Distrito atinge cerca de 48% do território distrital. Concelhos há, designadamente nas Zonas do Interior que apresentam uma taxa de arborização superior a 50%". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 98). Dessa área florestal, salienta-se que, 97% é coberta, na sua maioria, por pinheiro bravo e eucaliptos.

A importância econômica da área florestal está diretamente ligada a sua aplicação como matéria-prima, tendo como objetivo atender as indústrias de celulose, madeira e mobiliário. Também o turismo é beneficiado com a silvicultura, uma vez que os parques existentes em algumas zonas do Distrito, propiciam um retorno financeiro.

Igualmente importante, é a produção de cortiça que tem em Portugal o país número "um" como produtor e exportador do produto, já transformado em rolha.

A importância da silvicultura no Distrito de Aveiro como em todo o País tem ligações com a Comunidade Econômica Européia, que vê no reflorestamento de Portugal, um contributo para as deficiências dos outros países que a compõe.

- Pesca

O desenvolvimento de Aveiro, principalmente urbano, sempre ocorreu com a efetiva participação das salinas, principalmente a partir do século XII. Contudo, teve na pesca o seu complemento para o crescimento social com pescadores e marnotos.

"O sector das pescas tem uma importância fundamental na área do Baixo Vouga não só porque

a sub-região possui uma grande faixa litoral que vai de Ovar a Mira mas, especialmente, pela existência do Porto de Aveiro". (AS SUB-REGIÕES E OS SEUS CONCELHOS, 1988, p. 3).

Por estas características esta região, ao longo dos séculos, teve o setor de pesca evoluindo, embora, a passos lentos mas dando uma conotação de progresso. Passou da pesca costeira a pesca em alto mar, sendo que por volta do século XVI "... a vila podia orgulhar-se de ter cento e cinquenta barcos de mar alto, dos quais meia centena se dedicava fundamentalmente à pesca do bacalhau, nos mares da Terra Nova". (NEVES, 1984, p. 15).

Com a pesca em alto mar, surge, através da pesca do bacalhau, a indústria conserveira, localizada mais especificamente nos concelhos de Ovar e Espinho. Com a pesca do arrasto, longínquo, Aveiro teve seus barcos indo a Terra Nova e Groelândia, de onde, por mais de 4 séculos a prática da salga do bacalhau tornou-se conhecida. (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 34).

Pela excelente posição costeira, a pesca de Aveiro ocupa importante posição econômica. Efetivamente 85% da capacidade de pesca do País está concentrada nesta zona, assumindo particular relevo, vulgarmente chamada a grande pesca.

Um importante aspecto a considerar são as condições da barra que, de acordo com a história de Aveiro, em muito tem a ver com a progressiva ou reduzida entrada de navios na ria. "Até hoje, a barra já se localizou na Murtosa, na Vagueira, em S. Jacinto e na Torreira". (PACHECO, 1989, p. 247). Contudo sabe-se que a atividade piscatória é fundamental, não só para a alimentação, mas como agente de colocação da matéria-prima, que aciona as indústrias conserveiras.

Em quase todas as regiões de Portugal o peixe, como parte básica da alimentação, é muito importante, embora sabendo-se que, em Aveiro, haja uma redução na pesca artesanal em favor da pesca do arrastão e bacalhau (a chamada pesca industrial). Mesmo assim é elevado o número de embarcações que atuam, principalmente, na ria. "Em 87.12.31 estavam registados na capitania do Porto de Aveiro 1.115 embarcações, das quais 1.054 se encontravam

em actividade. Destas, 977 destinavam-se à pesca na Ria, 35 à pesca longínqua, 31 arrastões e 11 à pesca costeira local. O número de pescadores inscritos era de 3.386, mais 748 que em Dezembro de 1981". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 99).

A pesca representa um dos indicadores básicos para a economia da região, embora que haja alguns registos de redução na actividade piscatória. Sabe-se que em 1988 o total de peixe fresco atingiu 2.335.450 quilos, a pesca artesanal 234.243 quilos e o de cerco 295.758 quilos. Quanto ao peixe congelado, as descargas em Aveiro das capturas do Atlântico Norte apontam, em 1986, um volume de 43.629 toneladas em 1987, 35.911 toneladas. (PACHECO, 1989, p. 247).

Quanto às informações colhidas, especificamente, ao bacalhau sabe-se que, segundo dados do ano de 1982, apresentava "77,8% do total deste tipo de pesca na zona norte, e 72,1% relativamente no continente". (Ministério da Indústria e Comércio, 1987, p. 30). Acontece um decréscimo nesse tipo de pescado devido a redução dos pesqueiros de bacalhau.

Hoje com outras actividades industriais e comerciais e com a tendência natural de redução no trabalho do setor primário, percebe-se que o volume de emprego no que se refere a pesca tem diminuído ao longo do tempo. Poucos são os pescadores locais, contribuindo para o desaparecimento dos tradicionais marinheiros aveirenses. Na última década verifica-se um decréscimo de 2,4% da população ativa. Em 1981 o concelho que representava maior concentração de população ativa dedicada a pesca, era o Concelho de Ílhavo, vindo em segundo lugar o Concelho de Murtosa.

Dos peixes mais conhecidos e capturados na região são: mar - robalo, tainha, linguado, solha, sável, ruivo, sargo, rodvalho e safio; ria- solha, robalo, ruivo, sargueta, escalos, bogas, pimpões, barbos e enguias.

Aveiro, com a entrada na CEE, tem na pesca, apesar das alterações apresentadas, uma das suas atracções económicas, haja visto o interesse, o grande número de empresas conserveiras e o

desenvolvimento naval existente na região, principalmente nos Estaleiros de São Jacinto.

- Salinas

A primeira notícia existente sobre as salinas de Aveiro datam do século IX. Como em tempos remotos esta região ainda não existia com este nome, muitos autores desconsideram essa data.

"No ano de 929, a condessa Mumadona fez doação de terras e marinhas de Aveiro ao mosteiro de S. Salvador, que aquela titular fundou em Guimarães. Naquele tempo já a indústria do sal tinha tomado grande desenvolvimento na Ria-de-Aveiro". (REZENDE, 1944, p. 57). Informa o mesmo autor que já no reinado de D. Afonso V o número de marinhas tinha atingido a conta de 500.

Outros autores dizem que as marinhas de Aveiro possuem existência desde o século X, localizadas a Oeste e Norte da cidade, em cerca de 1.300 hectares, segundo o dizer de Oliveira, 1988, p. 42.

"Pelo século XII já Aveiro aparece nos documentos oficiais como «vila», sendo evidentemente o sal desta região produto da maior valia, como se pode avaliar pela doação de várias famílias aveirenses dando marinhas e moios de sal à Sé de Coimbra, para «edificat jonis épssius ecclesie» em novembro de 1168...". (NEVES, 1984, p. 10).

Toda a história da indústria do sal dessa região passou por diferentes fases no processo de atuação na economia. Sabe-se que, anterior ao século XVI, o sal era exportado em grande quantidade, com uma produção de 16.000 moios em 500 marinhas.

Por ser o sal resultado de uma produção certa e convencional pelo que a região oferecia, acabou favorecendo, igualmente, o interesse dos senhores medievais e mosteiros distantes, já que a sua exportação passava a ser expressiva.

"Assim com o deslocamento para o sul, da barra, nos meados do século XVII, em direcção a Mira, a indústria salineira e o comércio marítimo, que tinham feito de Aveiro uma povoação florescente, começaram a decair dum modo tal, que depois dos meados do século XVIII estavam quase abandonadas". (AZEVEDO, 1965, p. 125).

A situação de fechamento da barra conforme é comentado na "História de Aveiro", ocasionou muitos prejuízos. Somente no início do século XIX com as obras da melhoria da barra é que deu-se novo incremento a extração do sal.

Embora a favorabilidade de existência do sal em Aveiro, ocorrem aqui alguns problemas para a sua produção como: o clima úmido com evaporação muito lenta; a proximidade com o mar, com ventos dominantes e carregados de vapor de água; e, ainda, a pouca salinagem da água pela afluência à ria do Vouga, de Antuã, e de muitos outros ribeiros.

"Até 1935 as marinhas da ria produziam, em anos de boa colheita, 50.000 toneladas de sal, o que equivale a 21,2% da produção total do país. Nos últimos anos porém, depois das grandes obras da barra, a produção anual média subiu para 75.000 toneladas, um valor médio de 3.000 contos, e supõe-se que pode mesmo vir a atingir 80.000 toneladas". (AZEVEDO, 1965, p. 125).

O sal, pela sua grande utilidade em relação a conservação dos alimentos, principalmente antes da descoberta da indústria do frio, foi muito comercializado com a finalidade de utilizá-lo na salga de carnes e peixes, além da feitura de temperos.

"Actualmente, por motivos comerciais, têm sido abandonadas algumas marinhas, ou porque os marnotos se sentem velhos e cansados, entregando-as ao senhorio, ou porque os mesmos marnotos não conseguem arranjar moços, que preferem actividades mais lucrativas e mais cómodas". (OLIVEIRA, 1988, p. 42).

Mesmo assim, as marinhas ao longo da ria existem e ainda são bastante exploradas, sendo favorável para o Concelho e para o Distrito a produção do sal.

- Aquicultura

Como atividade exploratória tem se desenvolvido, com grande progresso, o processo de criação de peixes, moluscos e crustáceos nas salinas abandonadas na Ria de Aveiro e que com certa facilidade são adaptadas a tanques de cultura.

"A área disponível para a aquicultura estima-se em cerca de 885 hectares, sendo 160 ha viveiros das marinhas activas, 225 marinhas de peixe e 500 de marinhas abandonadas". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 100). No sentido de exploração das áreas disponíveis vários projetos estão sendo desenvolvidos para o crescimento e engorda de espécies marinhas, como o robalo, a dourada, o linguado e a enguia.

A aquicultura tem despertado interesse, notadamente de investigadores estrangeiros, devido o seu bom rendimento. Embora seja necessário considerar alguns problemas, que por vezes limitam o desenvolvimento dos peixes, como a qualidade da água, a deterioração dos muros das marinhas e a hipersalinidade depositada no fundo.

Sector Secundário

- Indústrias

Vários autores mencionam que algumas zonas do Distrito de Aveiro eram extremamente pantanosas, por evidenciarem, em determinadas épocas, cheias que se espalhavam pela região, principalmente na época que o problema da barra não estava solucionado.

Portanto, a produção artesanal, em barro, teve seu início pela abundância de tal matéria prima.

Vários outros tipos de artesanatos surgiram, como: a cestaria, a tecedeira, o ferreiro, o caldeireiro e o marceneiro. Desses artesões, que ainda é possível encontrar na região, surgiram as primeiras fábricas, principalmente aquelas olarias que deram origem as famosas louças e azulejos tradicionalmente conhecidos no país.

A existência da olaria, do trabalho em cerâmica na região de Aveiro é reconhecida como das mais antigas de Portugal. No dizer de Azevedo as mesmas datam do século XVII. De acordo com o mesmo autor, as olarias, nessa época, chegaram a ocupar um bairro inteiro da cidade, com a provável fabricação de louça vermelha, da telha e do próprio azulejo. Sendo que, a louça vidrada só mais tarde é fabricada na região. (AZEVEDO, 1965, p. 141).

Segundo Marques Gomes e Joaquim Vasconcelos, as olarias datam do século XI ou XII. "... quase diríamos tão velho na região de Aveiro como a fixação das populações ribeirinhas junto à laguna...". (NEVES, 1985, p. 16). O mesmo autor menciona que, embora sem comprovação escrita, é correto dizer que as olarias existiam nos séculos XI ou XII e que por serem de insignificância sócio-econômica não há dados sobre tal.

Ao longo dos tempos muitas olarias que existiram e existem, muitas são aquelas que se transformaram em indústrias com a linha de cerâmica industrial.

Dentre as fábricas de maior expressão e que marcaram a história de Aveiro, destacam-se: Fábrica do Côjo - teve sua importância no fabrico de azulejos e faianças; Fábrica da Fonte Nova - reconhecida pelo talento artístico apresentado em suas obras, incluindo painéis, azulejos artísticos, peças decorativas e os mais diversos tipos de louças; Fábrica Aleluia ou Fábrica dos Santos Mártires - fundada, em 05/01/1905, por 5 antigos funcionários da Fábrica Fonte Nova, passou para a história pelo seu reconhecido trabalho nos mais variados tipos de cerâmica. Sendo, hoje, a fabrico de azulejos e a pintura artística de painéis que a tem destacado. Possui uma escola de pintura, de onde vários são os talentos conhecidos nacional e internacionalmente; Fábrica Jerônimo Pereira Campos - não produzia azulejos, mas todos os demais aparelhos de cerâmica em barro vermelho e grês; Fábrica de Porcelana da Vista Alegre - fundada em 1824, com o trabalho realizado a cinco gerações e localizada no Concelho de Ílhavo, tem essa fábrica nos "... quatro cantos do mundo belíssimos exemplares executados por escultores e pintores, filhos da região, numa procura constante de renovação técnica e artística...". (PACHECO, 1989, p. 115).

Como pode ser observado "... as oficinas artesanais deram lugar à fábrica, seguindo-se já nos anos 60, indústrias novas, como a química". (CAETANO, 1989, p. 16).

Com o desenvolvimento industrial e principalmente após a introdução da máquina a vapor e posteriormente a máquina elétrica, abriram-se os caminhos para o surgimento de diferentes

empresas, em diferentes ramos industriais.

O parque industrial do Distrito de Aveiro, nos dias de hoje, é bastante expressivo, mas até 1788 contava somente 4 indústrias - "uma de papel no actual concelho de Feira, uma vidreira em Oliveira de Azeméis e uma têxtil e outra cerâmica em Aveiro". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 101).

O progresso acentua-se e, segundo a mesma fonte bibliográfica, em 1890 é possível constatar a existência de 1.183 pequenos estabelecimentos industriais, utilizando uma mão-de-obra de 2.616 pessoas.

Hoje o Distrito de Aveiro, com visível progresso em quase todos os Concelhos, tem no ramo da Indústria acentuada expressão de crescimento. Considerando a existência da indústria extrativa e a de transformação, é na segunda que mais se desenvolve. Na indústria extrativa salienta-se a existência de minas de carvão (Castelo de Paiva), minas de caulino (Ovar e Vila da Feira), jazigos de volfrâmio e estanho (Arouça), chumbo, zinco e prata (Castelo de Paiva), manganês (Anadia), chumbo, antimônio, cobre e arsênio (Albergaria-a-Velha).

"No que se refere a pedreiras, muito embora a actividade tenha sofrido uma solução substancial nos últimos anos, exploram-se ainda areia refractária, areia comum, argila refractária, granito, quartzito, saibro e argila comum para fabrico de barro vermelho". (BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO, 1985, p. 33).

Também as águas minerais e de mesa apresentam sua participação na economia do Distrito, com suas 4 nascentes: na Curia (sulfatada), no Luso (hipossalina, radioativa), nas Caldas de São Jorge (sulfúrea sódica) e no Vale da Mó (bicarbonatada sódica). As águas de mesa são exploradas, somente, no cruzeiro.

Concretamente no que se refere a Indústria transformadora, segundo dados colhidos do Instituto Nacional de Estatística, 1986 e Anuário Industrial do Distrito de Aveiro, 1988, vários são os ramos industriais que estão divididos nos seguintes sectores: Alimentação, Bebidas e Tabaco; Têxteis e Vestuário; Couro e Calçado; Madeira e Cortiça; Papel, Artes Gráficas e Edição e Publicações; Química dos

Derivados do Petróleo e do Carvão e dos Produtos de Borracha e de Plástico; Produtos Minerais não Metálicos, com exceção dos Derivados do Petróleo e do Carvão; Metalúrgicas de Base; Produtos

Metálicos e de Máquinas, Equipamentos e Material de Transporte; Outras Indústrias Transformadoras; e, ainda, Construção e Obras Públicas.

Quadro 5 - INDÚSTRIAS DO CONCELHOS E DISTRITOS DE AVEIRO/1988

Concelhos	Indústria Extrativa	Indústria de Alimentos, Bebidas e Tabaco	Indústria Têxtil e de Vestuário	Indústria de Couro e Calçados	Indústria de Madeira e Cortiça	Indústria de Papel, Art. Graf., Ed. Publ.	Ind. Química Der. Petróleo, Carvão, P.borracha / Plástico	Ind. Prod. min. n/met. exceto der. petróleo bruto e carvão	Indústria metalúrgica de base	Fabr. Prod. Met. Maq. Eq. Mat. Transporte	Outras Indústrias de transformação	Construção e obras públicas	TOTAL
Agueda	8	27	33	5	59	22	16	49	51	216	6	83	575
Albergaria	2	13	16	0	22	4	3	9	13	23	1	74	180
Anadia	2	42	6	0	60	15	14	33	6	34	4	70	286
Arouca	15	11	2	13	43	2	0	2	0	13	0	118	219
Aveiro	18	47	35	0	65	21	18	58	22	96	3	141	524
Castelo de Paiva	3	4	8	3	19	3	0	2	2	11	1	54	110
Espinho	0	16	51	6	49	24	20	3	6	35	6	73	289
Estarreja	0	21	9	3	20	5	10	4	2	25	1	64	164
Feira	17	47	90	371	897	89	26	31	35	193	18	617	2431
Ilhavo	15	24	9	0	26	4	4	18	5	41	1	53	200
Mealhada	0	11	1	0	15	4	3	13	3	16	1	27	94
Murtosa	0	8	0	0	5	11	0	0	0	0	0	19	43
Oliveira de Azeméis	7	44	68	641	113	32	42	6	42	156	10	209	1370
Oliveira do Bairro	2	14	8	2	18	3	1	26	9	29	3	49	164
Ovar	6	23	76	24	77	33	19	7	7	36	10	109	427
Sover do Vouga	4	6	3	1	13	3	1	1	4	18	1	44	99
S. João da Madeira	2	17	81	333	34	22	26	0	6	43	11	46	621
Vagos	7	3	0	0	16	0	4	5	4	14	1	36	90
Vale de Cambra	5	9	15	17	30	3	12	1	10	54	0	73	229
TOTAL	113	387	511	1419	1581	300	219	268	227	1053	78	1959	8115

Fonte: Anuário Industrial do Distrito de Aveiro, 1988

Do quadro mencionado destaca-se as empresas do Setor Alimentação, Bebidas e Tabacos, das 387 empresas, 201 são de panificação, confeitaria e bolachas e biscoitos (dados obtidos através do Instituto Nacional de Estatística).

A indústria doceira do Concelho de Aveiro, com suas inúmeras panificadoras e casas de doces, principalmente de ovos moles, representam um ponto forte na economia do Distrito.

Com a imigração, e principalmente, de aveirenses que espalharam sua tradição na confecção de pães e doces, encontra-se o Brasil com significativa mostra e mais precisamente Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul.

A Indústria de Laticínios, contribui como um dos suportes da economia do Distrito concentrando-se em Avanca (Freguesia do Concelho de Estarreja), Concelhos de Murtosa, Ovar e Santa Maria de Feira.

Referente às cooperativas produtoras de leite,

(1987) as 26 firmas associadas, produziram "200 milhões de litros de leite, a que correspondeu um volume de negócios da ordem dos 13 milhões de contos". (PACHECO, 1989, p. 225). O que representa um bom índice para esse tipo de exploração dentro do Distrito.

Olhando-se para o lado da Conservação de Frutas e Produtos Hortícolas; Preparação e Fabrico de Conservas de Carne; Conservação de Peixe (congelamento e secagem de peixe e outros produtos da pesca), sabe-se que estes representam uma média de 21,53% em relação as mesmas indústrias do restante de Portugal. (Cálculo realizado com base em dados coletados através do Instituto Nacional de Estatística de 1986).

Os Concelhos que concentram maior número de empresas conserveiras são: Ovar e Espinho. Estando aqui a atividade de salga do bacalhau, (quase artesanal) que através dos tempos conta a história de que navios carregados chegavam à costa portuguesa,

provenientes da Groelândia e da Costa Nova.

Outros subsectores se destacam como a produção de ração, descasque e branqueamento de arroz que em 1986 estavam em torno de 9 estabelecimentos.

Dentro do setor Têxteis e Vestuário, as Fábricas de Fiação, Tecelagem e Acabamentos de Lãs, Algodão, bem como as demais Fábricas de Confeção, Malhas, Redes, Cordas, Tapetes, correspondem a uma média de 20,22% das de semelhante classificação no restante do país (média estabelecida de acordo com os dados do I.N.E.).

Esta indústrias atendem não só a demanda interna como a externa.

A Indústria de Curtumes, Artigos de Peles, Malas, Pastas, Artigos de Viagem e principalmente Calçados apresentam no setor Couro e Calçado, o terceiro lugar. Em comparação ao montante das demais empresas do mesmo ramo no país, seu índice é de 63%. Apresentou, ainda, de janeiro a junho de 1989, um crescimento aproximado de 25% nas exportações em relação ao ano anterior.

O surgimento da indústria calçadista na região é difícil detectar. Por outro lado sabe-se que Oliveira de Azeméis, São João da Maderia e Santa Maria da Feira são os Concelhos onde está concentrado o maior número de fábricas de calçados.

Passando para a Indústria da Madeira e Cortiça, com um total de 1581 empresas industriais, este setor tem um percentual de 19,7% no computo geral.

Os Concelhos que detém o maior número de empresas são: Vagos, Albergaria-a-Velha e Anadia, que também possuem grandes áreas florestais.

De 90 a 95% dos estabelecimentos corticeiros do país estão concentrados nessa região o que denota uma grande importância econômica para o município.

No setor Papel, Artes Gráficas e Edições Publicadas, com um total de 300 estabelecimentos, perfazem uma média de 18,1%, das empresas do mesmo ramo distribuídas em Portugal.

A Indústria Química derivada do Petróleo e do Carvão e dos Produtos de Borracha e de Plástico, contam com 219 empresas, representando 2,7% do total das indústrias e tem como sub-divisão: Fabricação de Produtos Químicos de Base; Fabricação de Adubos; Fábrica de Resina Sintética,

Matérias Plásticas e Elastómeros; Fábrica de Fibras Artificiais e Sintéticas; Fábrica de Tintas, Vernizes e Lacas; Preparo de Especialidades Farmacêuticas; Fábrica de Sabões, Detergentes e Glicerinas; Fábrica de Explosivos; Fábrica de Material Adesivos, Colas, Grudes, Gelatinas e Gomas; Fábricas de Produtos de Polimentos, Cêras e Graxas; Reconstrução de Pneus e Câmaras de Ar; Fábrica de Artigos de Borracha; e Fábrica de Materiais Plásticos.

A Indústria de Produtos Minerais não Metálicos, com exceção dos derivados Petróleo Bruto e do Carvão, está localizada, predominantemente, nos Concelhos de Oliveira do Bairro, Ílhavo e Aveiro, representando 3,3% do somatório industrial.

Nesse grupo aparecem os subsectores: Fábrica de Porcelana, Faiança, Grês e Olaria de Barro; Indústrias Fundamentais de Fusão de Vidro e Complementares; Fábrica de Material de Barro para Construção de Produtos Refratários; Fábrica de Artigos de Cimento e Marmorite, entre outros. Destas as mais expressivas são: Fábricas de Porcelana, Faiança, Grês e Olarias de Barro com 26,01% (dados comparados com empresas do mesmo ramo e situados nos demais pontos do Continente).

A Indústria Metalúrgica de Base com 227 Estabelecimentos e a Fabricação de produtos Metálicos e de Máquinas, com 1053 empresas representam no Distrito um forte fator de expansão na economia. Entre os subsectores, os que mais se destacam são as Fábricas: Tubos de Aço; Ferramentas Manuais; Mobiliário Metálico; Louça Metálica; Pregos, Parafusos e Arame; Máquinas e Equipamentos Agrícolas; Máquinas para Indústrias Têxteis; Máquinas para Indústria de Vestuário e Calçado; Material Elétrico; Aparelhos Eletrodomésticos; Motociclos e Bicicletas; Peças e Acessórios para Veículos a Motor; Construção e Reparos de Embarcações Metálicas e Não Metálicas; Botões e Similares, entre outras.

Uma das mais representativas indústrias do grupo acima é a Indústria das Bicicletas e Motociclos (Concelho de Águeda) que abarca 88,57% desse tipo de Fábricas, sendo responsável por 1/3 das exportações do país.

Tanto a Metalúrgica de Base como a Metalomecânica estão concentradas principalmente

em: Águeda, Aveiro, Albergaria-a-Velha, Oliveira do Bairro e Anadia.

Na Economia Nacional o Distrito de Aveiro representa 12% ocupando o 3º lugar do país, apesar da pequena dimensão das suas unidades industriais.

Outro dado importante é com relação a taxa de investimento das indústrias do Distrito em geral, que conseguem manter um índice de investimento médio mais alto que o restante do país. O que representa um esforço concentrado para acompanhar a modernização e substituição de equipamentos, aproveitando todas as potencialidades existentes para aumento da produtividade.

Destaca-se que a implantação de indústrias novas com tecnologia elevada favorecem enormemente o desenvolvimento da economia do Distrito e Concelho de Aveiro.

Sector Terciário

- Comércio

No que se refere ao Comércio Interno, os estabelecimentos comerciais do Distrito de Aveiro, estão divididos por atacado e varejo.

O número de casas comerciais do Distrito em 31 de Dezembro de 1987, era de 5.691 estabelecimentos, correspondendo a 5,6% das inscrições cadastradas no país. Das inscrições referentes ao Distrito, 4.069 são empresas individuais e 1622 são empresas associativas não especificadas.

Quadro 6 - ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS-AVEIRO

Atividade	Quantidade	%
Atacadista	1.097	19,28
Varejista	4.594	80,72
Total	5.691	100,00

Destaca-se no quadro acima que a maioria da atividade comercial está entre os varejistas com 80,72% do total.

Cabe salientar que 588 dos inscritos têm simultaneamente venda por atacado e varejo, dentro de cada modalidade, há estabelecimentos com mais de uma atividade. (Dados recolhidos da VII Jornadas

de Saúde de Aveiro, 1988).

Quanto à distribuição - os estabelecimentos comerciais que vendem por atacado estão em 72% localizados nos Concelhos de Feira, Aveiro, Oliveira de Azeméis, São João da Madeira, Ovar, Águeda e Anadia.

Os gêneros alimentícios é que mais se destacam incluindo-se bebidas e tabacos, que representam 28,5%. Ainda, agricultura, silvicultura e pecuária que correspondem 12,3%. Por último o comércio não especificado (por atacado) 11,3%.

Os estabelecimentos comerciais varejistas estão assim distribuídos: alimentícios e bebidas com 51,5%. Logo a seguir estão os têxteis, vestuário e calçado com 13,8%. Por último o comércio (varejista) não especificado com 9,7%. O comércio varejista está ao redor de 61,3% concentrados nos Concelhos de Feira, Aveiro, Oliveira de Azeméis, Ovar, Estarreja e Anadia. (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 119, 120 e 121).

"Segundo o recenseamento da população de 1981, no Distrito de Aveiro existiam 622.988 pessoas residentes (48,3% de homens e 51,7% de mulheres) e 164.159 famílias.

Conjugando estes dados com o número de estabelecimentos retalhistas (4.779), verifica-se que, no Distrito, a cada km² corresponde 1,7 estabelecimentos retalhistas. O mesmo é dizer que em 0,6 km² há um estabelecimento: a cada estabelecimento corresponde uma média de 130 habitantes; o número médio de famílias por estabelecimento é de 34,4 e o número médio por freguesia é de 24,1". (PACHECO, 1989, p. 293).

Há ainda a salientar, os Feirantes e Ambulantes que fazem parte do Cadastro Comercial, mas, somente, de 13 Concelhos os dados são conhecidos.

"Os números disponíveis dizem-nos que em 87/12/31 estavam inscritos 2.693 feirantes, cujas principais actividades eram nos sectores têxteis, vestuário e calçado (49%), gêneros alimentícios (26,2%) e não especificado (19,7%)".

"No que se refere a vendedores ambulantes havia 244 inscritos, sendo as principais actividades nos sectores de gêneros alimentícios (59%), não especificados (25,8%) e têxteis, vestuário e calçado

(13,8%)". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 124).

Essa forma de comercialização é bastante visível em Aveiro, onde no setor alimentação, estão bastante concentradas a venda de pão e doces (pão de Ul, folares, cavacas, queques entre outros). Também, com igual frequência encontra-se os vendedores de roupas e sapatos, em tendas, nas calçadas.

Quanto às feiras livres há, como apresentam os dados de 1987, uma apreciável quantidade de feirantes, comercializando os artigos mais diversos, como: roupas, calçados, bijouteiras, alimentos, utensílios do lar os mais diversos, incluindo-se as cerâmicas, e etc.

O Comércio Externo, por encontrar-se agrupado em nível de País, estatisticamente passa a ser difícil apresentar dados numéricos correspondentes ao Distrito.

No entanto, é possível apresentar sem muitas informações estatísticas, os principais setores econômicos do Distrito de Aveiro em que a exportação tem significado. Entre os principais elementos que constituem as exportações do Distrito, está o papel que, em 1987, foram embarcados pelo Porto de Aveiro, 240.000 toneladas de papel, aproximadamente. Como prova desse resultado existe em Cacia a maior exportadora da região (Portucel).

Outro setor que vem ganhando espaço nas exportações, é a Indústria de Calçado que tem grande parte de sua produção destinada a vendas para fora do país.

Portugal como grande produtor de cortiça tem no Distrito de Aveiro importante fonte de exportação do produto. Também as motocicletas (veículos de duas rodas) com o Concelho de Águeda tem na exportação desse produto para França, Holanda e Espanha um expressivo resultado econômico.

Ainda, a cerâmica, tanto artesanal como industrial, tem participação acentuada nas exportações - tanto decorativa, de mesa ou de revestimento, a cerâmica portuguesa tem conseguido importantes espaços no mercado internacional.

A construção Naval tem no comércio exterior uma razoável parcela de mercado, visto que os Estaleiros de São Jacinto, tiveram em 1989 e para os

4 anos seguintes, 90% da sua produção para fora do país.

Também em Ílhavo, na zona do atual Porto Comercial está a Carnave - Estaleiros Navais Lda, que dedica-se à construção e reparação naval, bem como à fabricação de estruturas metálicas para a construção civil. Esse Estaleiro possui "uma área total de 53.000 m², incluindo áreas cobertas de escritórios, administração, oficinas e armazéns (caldeiraria de hélices, ferraria, forja e zincagem, etc.) e parques descobertos para armazenagem (de chapas de aço, perfis, toros de madeira, tábuas e sucatas). ... com capacidade para construir 7 arrastões costeiros de 24 metros cada, por ano, tem encontrado clientes no mercado nacional e também em Espanha". (PACHECO, 1989, p. 349).

Também, da região de Aveiro, são realizadas muitas exportações de produtos congelados e conservados, principalmente originados da pesca. Ainda, os vinhos verdes de Vale de Cambra e vinhos da Bairrada, igualmente, fazem parte das exportações.

Com relação às importações, no Distrito em separado, não há dados porque são realizadas operações em nível global. Sabe-se que em Portugal as importações, no ano de 1986, estiveram em primeiro plano com as importações de artigos de livreria e produtos de artes gráficas.

- Feiras

As Feiras são muito comuns em Portugal e principalmente no Distrito de Aveiro, onde cada Concelho possui um dia, especificado, por mês para realização da sua Feira. No Concelho de Aveiro é o dia 28 de cada mês.

De origem medieval, "as feiras eram manifestações abertas a todo o comércio, proporcionando uma maior amplitude das transações incluindo a venda de produtos dispendiosos e raros. Eram ponto de reunião, de periodicidade espaçada, entre mercadores de profissão. Centros de trocas por grosso procuravam atrair o maior número possível de pessoas e produtos. Eram uma espécie de exposições

«universais», na medida em que não excluíam nada nem ninguém; por isso era praticamente impossível realizá-las mais de duas vezes por ano, devido à preparação prévia necessária.

É também de assinalar a função cultural e social das feiras (assim como das romarias), além do seu contributo para as melhorias das relações económicas e jurídicas entre as pessoas". (MARTINS, 1989, p. 12).

Como teve início a Feira de Março, que na sua origem deveria acontecer em Maio? El-Rei D. Duarte, irmão de D. Pedro (o mesmo que mandou erguer as muralhas), sabendo da preferência de seu irmão pela região, atendeu a estes anseios com o documento real de 27 de Fevereiro de 1434. Com o referido documento ficava determinado que anualmente aconteceria uma feira franca a realizar-se no mês de maio, mas que desde muito cedo (por D. Manuel, 1497 e D. João III, 1525) foi alterado para março.

Além da diferenciação dos impostos para cada tipo de mercadoria, as feiras tinham a característica de marca um tempo de paz, ocasião em que todas as pessoas podiam circular portando armas, não haviam perseguições e não eram solicitadas cavalarias nem para montaria do rei.

"Feira franca desde então, rezam os pergaminhos que a feira da vila de Aveiro «vestia», nos primórdios, a roupagem característica das feiras medievais, constituindo local privilegiado de intercâmbio de pessoas e bens". (PACHECO, 1989, p. 29).

Nota-se que a Feira de Março com mais de 500 anos de existência, faz parte do calendário de eventos importantes da cidade, não só com finalidade comercial mas, também, como evento turístico.

Após séculos de tradição milhares de pessoas dirigem-se à cidade de Aveiro durante a Feira de Março procurando distração e descontração. Numa época primaveril, esse evento passa a ser igualmente motivo social. Em 10 de janeiro de 1984, é aprovado o regulamento pela Câmara Municipal que diz: "feira popular anual, com manifestações de carácter comercial, de exposição e de diversão". (BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO, 1984, p. 10).

Integrando o calendário dos Eventos Nacionais a Feira de Março recebe stands dos mais variados ramos empresariais, incluindo desde artesanatos, dos

mais simples até tecnologia de ponta. Neste ano de 1991 a Feira de Março conta com um total de 242 expositores e comerciantes diversos.

Por constatação, vê-se desde o dia da inauguração da Feira, em março, até o seu final, em abril, a visita de grandes grupos em excursões, que visitando a feira não deixam de experimentar as "farturas" e o pão com chouriço.

Como expositores, participam ainda outros países e, especialmente, as cidades geminadas com Aveiro - as cidades irmãs. É normalmente nessa época que acontece a aproximação dessas comunidades, onde os representantes das mesmas aproveitam para firmarem compromissos de novos intercâmbios.

Além da tradicional e conhecida Feira de Março, em Aveiro, existem ainda: Feira Industrial, Agrícola e Comercial de Oliveira do Bairro; Exposição de Águeda; Feiras de Maquinárias e Automóveis em Santa Maria de Lamas; Feira Agrícola de Vouga; Feira Nacional do Gado Bovino Leiteiro em Aveiro; Feira das Colheitas em Arouca; Feira de Vagos; Feira de Artesanato de Aveiro.

Dentro da atuação do comércio, no Setor Terciário, é de destacar a participação ativa da Associação Comercial de Aveiro, fundada em 25 de novembro de 1858. Dessa época em diante, pela sua trajetória em favor do desenvolvimento da região centenas de associados já participaram e participam desse trabalho coletivo.

Serviços

- **Transporte Rodoviário** - O Distrito de Aveiro possui cerca de 1.100 km de estradas nacionais e 270 km de estradas municipais, que dão acesso a todas as zonas do Distrito, sendo que aquelas localizadas no litoral estão melhor servidas de estradas rodoviárias.

Há acesso a outros distritos através de linhas rápidas, principalmente para Lisboa, Coimbra e Porto. Existe, ainda, uma rede com maior ou menor frequência, para todas as zonas do Distrito (maior incidência nas regiões do litoral e interior/centro) e uma estrada com condições de saída direta para a Espanha, ou seja, para os demais países da Europa.

- **Transporte Ferroviário** - Portugal, a exemplo de toda a Europa, tem várias linhas ferroviárias e do Distrito de Aveiro a principal linha é do Norte, de Espinho à Pampilhosa, com 24 Estações e Apeadeiros. De Pampilhosa, importante Centro Ferroviário, sai a Linha da Beira Alta, em direção a Vilar Formoso e um ramal que vai à Figueira da Foz.

Será construída uma linha do Concelho de Aveiro até o Porto de Aveiro (Concelho de Ílhavo).

Para o transporte de passageiros e cargas é o transporte mais usado.

- **Transporte Marítimo** - O Concelho de Aveiro tem no seu Porto um dos fatores mais importantes de desenvolvimento da região.

"O actual porto dispõe de 4 zonas ou sectores portuários: o porto industrial (na sua margem esquerda a norte da Gafanha de Nazaré); o porto de pesca longínquo situado na mesma margem junto ao porto industrial; o porto comercial, enfrente ao porto bacalhoeiro, na sua ligação ao cais da vila, e, finalmente, o porto de pesca costeira, junto da cidade, no extremo do canal principal de navegação, à entrada do canal das Pirâmides". (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 33).

O Porto, como parte integrante da história de Aveiro, teve durante muitos anos os seus sucessos e seus infortúnios, principalmente pela sua dependência do estado da barra. Essa mesma barra fez com que a cidade tivesse seus períodos de ascensão e regressão. Em boas condições a água lagunar era renovada pelas marés e o comércio marítimo acontecia normalmente e quando a barra estava ruim as águas estagnavam, vinham as doenças e o tráfego de navios decaía, ou anulava-se dando lugar à doença e à miséria.

Passa o porto por sérias dificuldades, agudizando-se em fins do século XVIII, quando a população, que era de 15.000 no século XV, passa, agora, para 3.500 habitantes. Somente em 1808 com a atuação de engenheiros e, mais tarde, com o trabalho de Luis Gomes de Carvalho, abre-se a barra no local onde está hoje.

Com sucessivas melhoras e com a construção do porto marítimo a vida econômica volta a reerguer-se.

"Em 1958, deram-se por concluídos os actuais molhes, mais avançados, que protegem a barra e que a tornaram capaz de oferecer condições de utilização franca e quase permanente para o movimento de um porto apto a servir as actividades económicas fixadas nas margens da ria e nas suas redondezas... Permanentemente, já não deve ser encarado como um porto de carácter regional restrito, mas sim de utilidade para zonas territoriais mais vastas... se não mesmo de interesse para Espanha e para a Europa Central". (PUBLICAÇÃO SEMESTRAL DA ASSEMBLÉIA DISTRITAL DE AVEIRO, 1986, p. 58).

De acordo com os dados estatísticos de 1982, o total de mercadorias movimentadas foi de 480.905 toneladas (262.192 entradas e 218.713 saídas), já em 1987 foi de 1.168.933 toneladas (45.253 entradas e 716.402 saídas). Identifica-se um crescimento acentuado entre o ano de 82 e 87 uma vez que as saídas apresentam-se, sensivelmente, mais elevadas.

"O sector comercial é responsável por mais de 70% do movimento geral. O movimento de mercadorias no cais comercial aumentou 17,5% em 1987 em relação ao ano anterior, enquanto no sector industrial se verificou um acréscimo de 10% no mesmo período temporal". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 129).

A movimentação do porto dá-se, basicamente, com as seguintes mercadorias: ferro ou aço, barra ou chapa; cloreto de vinilo; bacalhau; peixe congelado; pasta para papel e madeira.

Em 1987, chegaram ao porto de Aveiro 739 navios, sendo que 121 no cais industrial e 618 no cais comercial. Verifica-se, assim, que o Porto Comercial tem a maior atuação na economia do Distrito.

Sabe-se ainda, de acordo com a mesma fonte bibliográfica, que 75% do tráfego de mercadorias, em 1987, foi gerado pelos países membros da Comunidade Econômica Européia, correspondendo 18,4% superior ao ano anterior.

O Porto Comercial está sendo preparado para receber vários porta-contentores e roll-on/roll-off, com bom espaço de armazenagem e toda estrutura moderna condizente, também, com uma moderna gestão portuária.

- **Transporte Aéreo** - Quanto aos Transportes Aéreos não há para atendimento civil. Os dois aeródromos existentes atendem unicamente a finalidades militares.

Turismo

O Turismo é uma atividade econômica de bastante expressão na região, embora não totalmente explorada como tal, o Distrito em muito é beneficiado com essa exploração.

Localizado entre a serra e o mar, Aveiro possui belas paisagens, pela variedade de aspectos turísticos dominada pela Ria, o Rio Vouga e ainda um pouco do Rio Douro. Como todo o país tem grande aptidão "para atrair o turismo externo pois alia à diversidade e beleza da paisagem campestre a existência de belíssimas praias, de urbes coloridas e cheias de tradição, de monumentos que atestam uma história de oito séculos, um povo comunicativo e acolhedor, e dispõe de estruturas turísticas aptas e bem receber aqueles que as procuram". (SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, 1978, p. 73).

Com o objetivo de reunir todas as potencialidades turísticas e desenvolver o turismo como fonte de receita, surge a Região de Turismo da Rota da Luz. Os Concelhos que fazem parte da Rota da Luz, são: Águeda, Albergaria-a-Velha, Arouca, Aveiro, Castelo de Paiva, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga, Vagos e Vale de Cambra.

- **Balneáveis:** O Distrito é bem servido de extensões destinadas a praia de mar, onde as areias e o elevado grau de iodização, fazem de Espinho ao Sul do Concelho de Vagos os lugares preferidos dos turistas. As principais praias (do Norte para o Sul): Espinho, Esmoriz, Cortegaça, Maceda, Furadouro, Torreira, São Jacinto, Barra, Costa Nova e Vagueira. Compreendendo ao todo 60 km de litoral oceânico.

Existem, também algumas praias a beira dos rios como nos Concelhos de Águeda, Arouca, Castelo de Paiva e Sever do Vouga.

- **Montanhas:** Em toda zona considerada interior do Distrito é possível verificar-se a presença de montanhas com ótimas vistas panorâmicas. Como exemplo no Concelho de Mealhada o lugar denominado "Cruz Alta", por haver sobre um dos pontos mais altos da região uma cruz, onde é possível avistar-se grandes extensões.

- **Campismo:** Para atendimento àqueles que apreciam o contato com a natureza, o Distrito de Aveiro dispõe de 12 Parques de Campismo, sendo 10 na parte litoral e 2 na zona interior.

- **Águas Termais:** As águas termais constituem outro ponto de escolha dos turistas que preferem fazer seu repouso em Curia e Luso. Estas duas localidades são, de todo o país, as águas termais de melhores infraestruturas para recepção de turistas.

- **Arte/História:** Afora a beleza natural é possível apreciar aquilo que a mão do homem deixou como marca de uma outra época, como é o caso dos "Dolmens" em meio ao verde dos campos e matas.

Igualmente como atração turística e que talvez desperte mais a curiosidade dos visitantes, são as capelas, igrejas, museus e palácios das antigas dinastias, hoje transformados em hotéis e alguns, também, em museus. Entre estes, pode-se citar o Palace Hotel do Buçaco, (final do século XIX) edificado para férias da família real, hoje é um imponente hotel no Concelho de Mealhada.

Com uma gama de arte e história estão, principalmente, as capelas e igrejas cobertas de azulejos de diferentes épocas, que são verdadeiras relíquias para o Patrimônio Histórico e Cultural. Santos e altares em talha dourada que identificam o talento artístico do período em que foram trabalhadas.

Os museus com as relíquias de um passado vivido há mais de mil anos, podendo serem visitados tanto aqueles com obras Sacras, como o Museu da Santa Joana (Aveiro) ou de fábrica de louças, como é exemplo o Museu de Vista Alegre (Ílhavo), entre outros.

- **Artesanato:** O artesanato que tanto auxiliou a origem industrial de Aveiro, mantém seu espaço no mercado, principalmente para aqueles que vêm nessa atividade, não só uma fonte de renda, mas uma divulgação de cultura.

"A cerâmica é das artes com maiores tradições em todas as suas facetas, mais ou menos trabalhadas. Pratica-se hoje em dia e principalmente nos Concelhos de Águeda, Aveiro, Ílhavo, Oliveira de Azeméis, Oliveira do Bairro, Ovar e Vagos". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 213).

Além da cerâmica se revestem de grande importância a cestaria, o cobre, a arte na área dos Têxteis, as Rendas, a Tanoaria e o Ferro. Todos os trabalhos, desde a mais simples oficina até o mais moderno atelier ou olaria, estão espalhados por diferentes zonas do Distrito, onde o turista pode visitar e adquirir "as lembranças do lugar", com rica variedade.

- **Gastronomia:** A gastronomia faz parte de um ponto ativo no turismo aveirense, haja vista a diversidade de pratos apresentados, principalmente com peixes, nos inúmeros restaurantes.

As refeições típicas são à base de peixe, carne, doce e vinho, sendo apontada como uma das regiões do país, com maior variedades de pratos. Os pratos mais conhecidos e/ou solicitados nos restaurantes são: cesta do lavrador, caldeirada de peixe do rio, lampréia, caldeirada de enguia, sopa de peixe, mexilhões, berbigões, chanfana de cabrito, leitão a moda da bairrada, rojões, cabrito e vitela assada, papas de São Miguel, enguias de escabeche, caldeirada regional, arroz de enguias, arroz de frissura, pão de Ílhavo, pão de Ul. Ainda, vários pratos à base de bacalhau acompanhados com o tradicional vinho a moda da bairrada.

Em se tratando de pães e doces, o Distrito de Aveiro tem uma grande variedade, podendo adquirir-se essas especialidades não só em padarias e confeitarias mas nas bancas de rua com as próprias padeiras.

Os doces de Aveiro, merecem uma atenção especial de qualquer turista. Com as inúmeras

confeitarias e especialidades, muitas vezes diferenciadas em cada Concelho, aparecem com mais frequência: tarte de maçã (ou outra frutal), imperiais, línguas, bolo de gema, almedrados, bolo inglês, galantine de frutas, pastéis de nata, palmiera, eclér, bola de Berlin, bolo de côco, castanhas de ovos, entre outros.

"Realçaremos os celebrados ovos moles em Aveiro, o Pão de ló em Ovar, Arouca e Castelo de Paiva, os Folaes em Aveiro, Estarreja e Ílhavo, a variada doçaria de Arouca e a também diversa doçaria de Águeda. Também conhecidas e famosas são as Fogaças de Santa Maria da Feira...". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 216).

Aveiro, conhecida pela sua tradição doceira, tem nos ovos moles o seu principal cartão de visitas, que podem ser colocados nas tradicionais barruquinhas de madeira (pipos) ou nos diferentes e pequenos envólucros de pão de hóstia.

Quanto à origem dos ovos moles e onde teria se iniciado a sua confecção em Aveiro, alguns interessados no assunto, estão buscando informações. Existem indícios de haver sido no Convento Dominicano, onde mais tarde viveu Santa Joana e onde, hoje, está instalado o Museu de Aveiro.

Essa tradição doceira, aveirense, espalhou-se pelo mundo com os imigrantes e os ovos moles criaram fama, como por exemplo em Pelotas, Sul do Brasil.

Também os folares são muito apreciados e consumidos em época de páscoa.

- **Folclore:** Os grupos folclóricos com seu trabalho de divulgar a tradição, a história e a cultura de um povo com suas inúmeras apresentações, são, em cada concelho, uma marca participativa para o engrandecimento do Distrito.

"Quanto às danças e cantares, que os vários grupos folclóricos tentam conservar e avivar são muitas as que se destacam pela graciosidade: a tirana, o verdegar, o verde-limão, a ciranda, a rabela, a rusga e as marafinhas". (PACHECO, 1989, p. 174). Sabe-se que, de danças tradicionais portuguesas originaram-se algumas danças folclóricas do Rio

Grande do Sul, como a Tirana mencionada pelo autor, e o Pezinho.

- Hotéis e Restaurantes: "... segundo as Estatísticas do Turismo para 1975 e 79, o distrito de Aveiro apresentava, respectivamente, 50 e 76 estabelecimentos hoteleiros, correspondendo igualmente a 3,7% e 5,7% do total do continente". (MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E TURISMO, 1987, p. 43). A mesma fonte bibliográfica informa que houve um crescimento uma vez que em 1987 aparecem 85 unidades hoteleiras. O concelho de Anadia é o concelho que possui mais hotéis devido a existência das águas termais (22,35% - 19 unidades- do total do Distrito)

Quanto ao número de restaurantes do Distrito e Concelhos de Aveiro não foi possível detectar.

PELOTAS

Agricultura

Embora a courama tenha sido a primeira exploração econômica sulista, "muito antes do ano de 1680 fixaram-se como agricultores os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. Paulistas, mineiros e colonos portugueses da Laguna foram os primeiros povoadores". (Oliveira Vianna - In OSÓRIO, 1922, p. 18).

Nas estâncias além do gado era praticada a agricultura, mesmo em pouca quantidade, sem o sentido econômico exploratório. Contudo a agricultura iniciou, e no dizer de Henrique Oscar Wiederpahn, "havia aqui 10.503 açorianos, constituindo 55% da população total do território rio-grandense" (BARBOSA, 1985, p. 39). Como já foi mencionado no início do presente estudo esses casais açorianos, que habitaram inicialmente o Rio Grande do Sul, quando da dominação espanhola, muitos vieram para a então "São Francisco de Paula" e cultivaram o trigo - primeira cultura de importância econômica da região - plantavam em grande

quantidade chegando o mesmo a ser exportado.

Através da Lagoa dos Patos, (Saco do Laranjal), por volta de 1.800, foram exportadas aproximadamente 55 mil toneladas de trigo, cultivadas por açorianos.

No entanto, surgem algumas dificuldades que diversos autores apontam como causa para a redução do plantio do trigo: as revoluções onde a coroa portuguesa os retirava os agricultores açorianos da lavoura para os enviarem às tropas; a proibição em 1793 da entrada do produto sulino em Portugal para evitar concorrência com o trigo produzido nas ilhas; a ferrugem também contribuiu e para alguns esse foi o principal obstáculo para a continuidade do cultivo do produto.

Conjuntamente a todos os problemas, no ano de 1820 acontece uma acentuada queda nas exportações, culminando com a Revolução Farroupilha em 1835.

Em paralelo a problemática com o trigo outras culturas foram surgindo, inicialmente como de subsistência e algumas como exploração econômica de resultado. Por volta de 1800 faz-se o cultivo do arroz na Granja Galathea (estância Machado), conforme diz OSÓRIO, 1922, p. 31. Dessa época em diante essa cultura difundiu-se com tal resultado que não tardou a ser uma das maiores explorações da região.

O Rio Grande do Sul, apesar de ter suas origens no latifúndio, têm, em vários municípios, a figura da pequena propriedade.

O Município de Pelotas, localizado na Micro-região da Lagoa dos Patos, apresentou, de acordo com o Censo Agropecuário de 1980, IBGE, "uma estrutura fundiária em que 9233 dos imóveis rurais possuem apenas 41,04% da área, representando as propriedades de tamanho inferior a 50 ha. Em 1980, o Censo constatou que era de 192.811 ha a área de terras utilizadas economicamente, sendo 54,40% para pastagens e 45,60% para lavouras". (I.T.E.P.A., 1987, p. 8). Dessas propriedades sabe-se que a maioria são exploradas pelos seus proprietários.

Quadro 7 - Nº IMÓVEIS, ÁREA TOT., ÁREA MED.E DISTR. EM CLASSES DE ÁREAS MEIO RURAL DE PELotas - 1980

CLASSES DE ÁREA (ha)		IMÓVEIS ÁREA		
Menos de 1		Nº	Total /ha	Área Média ha/Estabel.
1 a menos de 2	2	94	44	0,26
2 a menos de 5	5	556	215	3,20
5 a menos de 10	10	930	6.538	7,03
10 a menos de 25	25	2.093	29.262	13,98
25 a menos de 50	50	2.157	61.146	28,34
50 a menos de 100	100	301	19.161	63,65
100 a menos de 200	200	90	11.931	132,56
200 a menos de 500	500	48	13.968	291,00
500 a menos de 1000	1000	26	19.195	738,26
1000 a menos de 2000	2000	16	22.918	1.432,37
2000 a menos de 5000	5000	15	41.386	2.759,06
5000 a menos de 10000	10000	2	13.665	6.832,50
TOTAL		6502	241.209	

Fonte: Censo Agropecuário, RS, IBGE, 1980

O quadro exposto mostra que 6.004 estabelecimentos agrícolas possuem menos de 50 hectares de terra e estas não são totalmente plantadas. Há de se descontar a parte florestal e a utilizada na pecuária. Pela realidade brasileira pode-se dizer que a maioria, das terras estão distribuídas em médias e pequenas propriedades (92,33%).

As terras utilizadas na agricultura estão sendo ocupadas por diversas culturas sendo que as mais importantes são o arroz, a soja, a batata-inglesa, milho, pêssego e a cebola. O arroz passou, através dos anos, a ser largamente cultivado "com irrigação aproveitando, para isso, as diversas fontes naturais de arroios e açudes, predominando o sistema de irrigação mecânica....

A região produtora do Município situa-se nas terras baixas, menos acidentadas e de solos argilosos de costas de arroios da Lagoa dos Patos". (ROSA, 1985, p. 242). De acordo com o mesmo autor, Pelotas é o 19º produtor do Estado.

Na cultura do arroz a terra é muitas vezes arrendada ou de parceria, havendo entretanto, o custo de remeter a água para a irrigação. Isso provoca uma constante dependência financeira, aos agricultores, fazendo-os procurarem o crédito agrícola. Salienta-se entre os maiores produtores de

arroz do município, o Grupo Empresarial Joaquim Oliveira S.A. Participações. Hoje o Grupo integra as maiores empresas do país e continua sendo administrada por pessoas da família.

Outra cultura que se destaca é a soja que, embora sendo uma cultura relativamente recente, é plantada em larga escala e juntamente com o milho é a cultura que ocupa maior área em Pelotas.

A produção de pêssego já proporcionou a Pelotas o maior volume de produção em nível regional e do país, respondendo sozinho por mais da metade da produção do Estado. Em 1982 a safra de pêssego atingiu 453.900 toneladas (dados do IBGE), empregando, na sua industrialização, uma mão de obra bastante expressiva junto as diversas fábricas instaladas no Município. Dessa época até hoje a produção diminuiu mas ainda é significativa para a economia local.

O milho é plantado para o consumo nas propriedades, alimentando suínos, aves e o gado leiteiro. Apesar do trabalho ser, manual (a colheita) não há total desestímulo para sua plantação, embora a finalidade comercial seja quase inexistente (ROSA, 1985, p.251).

Ainda: batata-doce, tomate, laranja, alho, amendoim, aveia, caqui, figo, fumo, limão, melancia, sorgo, tangerina, aspargo, morango, fumo e trigo fazem parte das culturas com significado para economia local. Este último, de tanta importância para a economia regional no início da ocupação territorial, hoje se restringe a uma reduzida área sem figurar entre as culturas de maior expressão.

As lavouras de aspargo concentram-se nos distritos de Cerrito Alegre, Santa Silvana e Arroio do Padre, bem como as de morango e fumo, que além destas localidades, também são produzidos em quase toda a colônia.

O aspargo e o morango são industrializados nas fábricas locais além da produção comercializada nas feiras livres, e o fumo é entregue diretamente às fábricas.

A mão-de-obra empregada nas lavouras do município é basicamente familiar, havendo a contratação de outras pessoas em épocas de maior atividade, por exemplo nas colheitas.

Pecuária

A pecuária desenvolveu-se no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, em Pelotas com a preocupação do aprimoramento das raças, no sentido de maior rendimento de peso, de leite e melhor aproveitamento no corte. "O gado, que a princípio era apenas o comum, o franqueiro, de aspa grande, fina ou grossa, passou depois a melhorar de qualidade, com a importação da raça zebu, para ultimamente receber a valiosa contribuição das mais apreciadas raças do mundo.

"Pelos meados deste século, com o aparecimento da lavoura mecanizada, muitos campos deixaram de ser pastagens de gado, para se transformar em imensas lavouras de arroz, trigo, soja, milho, sorgo, trigo mourisco e outros cereais, inaugurando uma nova era de riqueza para o Brasil". (BARBOSA, 1985, p. 74). Concomitante ao aproveitamento dos campos, de diferentes características vegetativas, na agricultura, surgem os campos de pastagens artificiais contribuindo com o aumento do rebanho.

"Na planície vizinha da Lagoa dos Patos o rebanho de corte, de raças européias, é criado na mesma área das grandes lavouras de arroz". (ROSA, 1985, p. 265). O autor refere-se ao aproveitamento da resteva (após a colheita do arroz), onde é colocado o gado por um determinado tempo, até a lavração das terras e novo plantio. Tendo o gado que ser novamente transportado.

Apesar do município de Pelotas ter o seu desenvolvimento acentado na charqueada, através da pecuária, está não é, hoje, a base de sua economia.

É fácil saber que, embora a indústria do charque aqui se instalasse, não era proveniente só desta região o gado abatido. "... por um determinado geográfico, a criação de gado não poderia alcançar grande desenvolvimento em Pelotas. Devido sua estrutura geológica, em conseqüência da sua localização, parte da Encosta da Serra do Sudeste e parte na Zona do Litoral, o município possui, sobretudo, solos areno-argilosos. Esse tipo de solo influi negativamente na qualidade das pastagens nativas". (ROSA, 1985, p.

266). Não existe nesta zona os chamados campos finos e sim campos grossos, de baixo valor forrageiro não favorecendo o aparecimento de pastagens naturais para os grandes rebanhos.

Segundo ainda o mesmo autor, o gado influi na economia pelotense, mas, com grau inferior a agricultura, que segundo Censo de 1980 a comparação agricultura/pecuária era de 4.056 estabelecimentos para agricultura, enquanto a pecuária possuía 1.543 estabelecimentos. Quanto à área (ha) era de 135.761 ha para agricultura e 80.255 ha para a pecuária.

"Pela natureza de sua estrutura fundiária e solos, o município de Pelotas não tem um destaque maior na pecuária. Ainda assim, dados a estas condições, não só Pelotas, mas a sua região, apresenta uma bacia leiteira que se destaca por sua produção e produtividade". (I.T.E.P.A., 1987, p. 11).

De acordo com a mesma fonte foi montada em Pelotas, uma fábrica de leite em pó sob o patrocínio da F.A.O., obtendo em 1980 uma produção de 26 milhões de litros. Na atualidade a produção é de 120.000 litros de leite por dia.

Em relação aos campos disponíveis e propícios à pecuária, convém salientar que em virtude da emancipação do município do Capão do Leão, houve uma redução na pastagem nativa, e uma conseqüente redução do rebanho bovino, após 1982. Na parte emancipada ficam as planícies do São Gonçalo e Piratini, restando ao município de Pelotas campos menos propícios ao gado e mais favoráveis às plantações.

Outra característica dos rebanhos bovinos de Pelotas é a predominância do gado de corte. De acordo com os dados colhidos, em 1984, 35.762 cabeças eram destinadas ao corte e recria. As demais 20.000 cabeças faziam parte do rebanho leiteiro, distribuídos, predominantemente, nas pequenas propriedades, na zona colonial e cuja produção destina-se aos produtos lácteos.

Mesmo com a redução territorial e condições não muito favoráveis ao rebanho bovino, Pelotas é centro das principais bacias leiteiras do Sul do País.

Avicultura:

Pelotas é o 2º produtor regional em avicultura, após o vizinho município de Canguçu.

Na região de Pelotas a carne de galinha é grandemente utilizada na alimentação diária da população que a consome, muitas vezes, como um bem substituto. A carne bovina, mesmo com larga oferta, é cara para a classe social de baixa renda, que tem de substituí-la e vê, na carne de galinha, uma alternativa.

Apicultura:

Uma outra área de exploração agro-pecuária de importância na região é a Apicultura. Embora, sem dados estatísticos para o presente estudo, sabe-se que através do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel/UFPEL, importantes projetos nesse tipo de exploração estão sendo realizadas.

Igualmente a Associação de Apicultores liderada por técnicos e pessoas ligadas, tradicionalmente, ao ramo, tem acompanhado o trabalho dos pequenos apicultores no sentido da aplicação de novas técnicas para uma maior rentabilidade.

Cunicultura:

Também a criação de coelhos amplia-se no município que, "de acordo com o Censo Agropecuário/RS - IBGE, em 1980 Pelotas possuía o maior efetivo do Estado, com 3.737 cabeças". (I.T.E.P.A., 1987, p. 12).

Um dos interesses na criação de coelhos está, diretamente, ligado ao fornecimento da pele através do abatedouro que envia a carne para o centro do país e a pele para os curtumes locais.

Silvicultura

Atualmente, em Pelotas, começa haver preocupações acentuadas em relação ao meio

ambiente e a área florestal está provocando a atenção de técnicos e órgãos ligados ao assunto.

Sendo uma região com predominância agrícola do tipo arroz, soja e outros, é natural que as terras não estejam sendo ocupadas com florestas. Por outro lado existe a pecuária que nesta zona é criada em grandes extensões de campo.

Pesca

Pela localização de Pelotas, no trecho meridional da Lagoa dos Patos, onde esta é considerada um dos maiores criadouros naturais de peixes do mundo, vê-se a existência de uma importante colônia pesqueira.

A chamada Colônia Z-3 localizada às margens da lagoa, desenvolve o trabalho de captura dos peixes que são colocados em nível de mercado local. Abrangendo as indústrias conserveiras de Pelotas e Rio Grande, indo conseqüentemente, atender ao consumo do centro e norte do país, e exterior, após a conservação.

O esforço para manter uma boa atuação do produto no mercado, tem sido uma constante dos órgãos ligados ao assunto e dos pescadores que sobrevivem com esse trabalho. Há uma permanente preocupação no sentido de renovação de equipamentos e procura de novos pontos a explorar, mesmo na Lagoa dos Patos.

"A Colônia de Pescadores Z-3 conta com uma frota de 512 embarcações, das quais 107 são de propulsão a remo e/ou vela, e as restantes, 405, a motor. O número de pescadores, de acordo com dados da SUDEPE, é de 650, enquanto que a população total da comunidade é de, aproximadamente, 3.500 pessoas". (ROSA, 1985, p. 282).

De acordo com a afirmação do autor, pelo tamanho do município e as dimensões costeiras do mesmo em relação à lagoa, estes dados não são expressivos. Por outro lado dadas as condições atuais para o desenvolvimento da piscicultura em Pelotas, pode-se considerar satisfatório.

Dados atuais colhidos junto ao IBAMA dizem que atualmente em Pelotas existem 1.445 pescadores

associados e 457 embarcações com registro.

Em relação à pesca na lagoa, a sua maior ou menor salinidade determinam a maior ou menor produção de cada espécie. "A presença de água salgada no interior da Lagoa é prenúncio de uma boa safra, pois cria condições para que as espécies marinhas tenham acesso à mesma e aqui permaneçam". (ROSA, 1985, p. 281). Segundo a mesma fonte as principais espécies capturadas na Colônia Z-3 são: bagre, tainha, camarão, corvina, peixe-rei, traíra e jundiá.

Aquicultura

A "criação de peixes em cativeiro" em Pelotas é desenvolvida em açudes. Na região, além da pesca na lagoa, há um estímulo à "produção de peixes em açudes, já que o número destes é significativo pela cultura do arroz irrigado. Neste sentido a Estação de Piscicultura da Universidade Católica de Pelotas e convênio SUDESUL/SANEPE tem desenvolvido amplas pesquisas e produz alevinos, não só para a região como para o Estado e fora deste". (I.T.E.P.A., 1987, p. 12).

SECTOR SECUNDÁRIO

Indústrias

Com a instalação da primeira charqueada pelo português José Pinto Martins, e o sucesso advindo, outros a ele imitaram e, também, às margens do Arroio Pelotas, Santa Bárbara e São Gonçalo foram construindo os seus estabelecimentos de charque.

Um dos fatores que favoreceu esse desenvolvimento foi a proximidade com o Porto da vizinha cidade de Rio Grande, que dá acesso direto ao mar.

Se o município de Rio Grande oferecia melhores condições de saída para o charque, por que Pelotas? Alguns autores dão como resposta o seguinte: 1º) O problema das areias que o vento atirava contra as mantas de charque expostas nos varais; 2º) A

situação geográfica, que, se favorável pelo lado marítimo, apresentava grandes dificuldades pelo lado terrestre, planícies alagadiças e pelo São Gonçalo que constituíam sérios obstáculos às tropas; 3º) A posição militar de Rio Grande.

Assim, as charqueadas, no período de maior desenvolvimento, acabaram por acontecer em Pelotas, e no ano de 1873 existiam 35 estabelecimentos. Pelotas chegou a possuir 43 charqueadas trabalhando simultaneamente.

Convém salientar que por essa época algumas charqueadas já começavam a funcionar no centro do Estado. Pois levar as tropas até a "Tablada", em Pelotas, além do custo com os tropeiros, era necessário que os mesmos fossem de total confiança para retornarem com o dinheiro da venda do gado. Outro problema era a perda do peso dos animais que acabavam por renderem menos.

Como prova de que Pelotas foi o palco da indústria saladeiril, basta mencionar que somente em 1878 surge uma charqueada de real importância, no centro do Estado, a Charqueada do Paredão. Até esta época tal atividade estava, quase totalmente, convertida para Pelotas.

Alguns autores consideram que o período de maior desenvolvimento para os charqueadas pelotenses foi de 1840 a 1890. Após esse período começa a haver uma redução na sua produção pelos seguintes motivos: a descoberta da indústria do frio, a abolição da escravatura - os charqueadores não haviam aprendido a trabalhar com mão de obra livre como os charqueadores platinos e a concorrência com os produtos desses mesmos países vizinhos.

Com o ciclo econômico do charque, importantes indústrias foram surgindo, em especial aquelas derivadas dos sub-produtos do charque, como curtumes, fábricas de velas, sabão, sabonetes, vassouras de cabelo, pincéis e outros.

Entre as fábricas que mais se destacaram nos diferentes ramos e das quais tem-se notícias do seu funcionamento, no início deste século, são: Menotti Gentilini (engenho de arroz, fábrica de espelhos e de cigarros); Antônio Aguiar e Cia. (curtume, arreios, celins, chinelos, tamancos, malhas e calçados); Leite, Nunes e Irmão - Fábrica Aliança (conservas

alimentícias de carnes, peixes, frutas e legumes); Luis Beltrão Barbosa (velas e sabão); Cristiá e Cia. (licores); Leopoldo Haertel (cervejaria Sul Rio-grandense); Companhia Fiação e Tecidos (produzia murins, algodões crus, brins, riscados, lenços, pelúcias, etc.); Frederico Carlos Lang (velas, sabão e sabonetes); Souza, Soares e Irmão (laboratório); entre outros. (MONTE DOMECCO e CIA, 1944, p. 224 a 304).

Pelo desenvolvimento do município muitos estabelecimentos e dos mais variados gêneros foram surgindo.

Pelotas que, no seu início, teve um desenvolvimento mais acentuado e promissor que a capital do Estado, não deixa de ser destaque no quadro econômico do Rio Grande do Sul.

A economia pelotense, nos dias de hoje, encontra-se bastante diversificada, com característica mais de beneficiamento: carnes frigorificadas, bebidas, óleos vegetais, conservas, café, rações, laticínios, fábricas de bolachas, engenhos de arroz, entre outras. Ainda aparece: fábrica de colchões, cerâmicas, editora e gráfica, confecções, móveis, esquadrias, construção civil, produtos químicos (adubos, laboratórios de produtos farmacêuticos bem como produtos agrícolas diversos), fumo, couro, sabão, vela, sabonete, metalomecânica, etc..

Quadro 8 - DADOS GERAIS DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EM PELOTAS-ANO 1980

Tipo de Indústria	NºEstab.	Pessoal ocupado	%
Extração de mineais	7	64	1,14
Transf.prod. minerais não metálicos	227	1.471	37,27
Metalúrgicas	24	636	3,94
Mecânica	13	505	2,13
Mat. elétrico e de comunicações	2	(x)	0,32
Material de transportes	11	333	18,06
Madeira	36	226	5,91
Mobiliário	7	50	1,14
Papel e papelão	1	(x)	0,16
Borracha	2	(x)	0,32
Couros, peles e similares	9	1.266	1,47
Química	12	703	1,97
Produtos farmacêut. e veterinários	4	129	0,65
Perfumarias, sabões e velas	3	41	0,49
Produtos de matérias plásticas	2	(x)	0,32
Têxtil	5	275	0,82
Vest., calçado. e artef. de tecidos	10	285	1,64
Produtos de matérias plásticas	2	(x)	0,32
Têxtil	5	275	0,82
Vest., calçado e artef. de tecidos	10	285	1,64
Produtos alimentares	191	15.466	31,36
Bebidas	5	176	0,82
Fumo	4	71	0,65
Editorial e gráfica	22	272	3,61
Diversas	7	100	1,14
Unid. aux. de apoio e serv. q.natur.	5	232	0,82

Fonte: IBGE, in ITEPA, 1987, p.13 (x) resultado omitido

Com o quadro acima verifica-se que os Produtos Minerais não-metálicos estão em primeiro lugar com 227 empreendimentos (37,27%), vindo a seguir os Produtos Alimentares com 191 empresas (31,36%). Convém salientar que em 1980 o município de Capão do Leão achava-se incluído nos respectivos dados, onde as pedreiras representam grande parte dos Produtos Minerais não-metálicos.

Na década de 80, há um acentuado acréscimo da indústria metal-mecânica - em 1983 as empresas desse ramo haviam aumentado de 37 para 45 estabelecimentos, segundo dados do ITEPA.

Também ROSA, (1985, p.298) afirma que nessa mesma época Pelotas possuía 6 fábricas no gênero empregando 2.000 das 11.000 pessoas que trabalhavam no setor dentro do estado.

Contudo os produtos do gênero alimentos são mais significativos para a região, como, por exemplo, conservas e beneficiamento de arroz.

Pelotas é conhecida como "a cidade dos alimentos" e vários são os gêneros de produtos alimentares que se destacam na área da industrialização - por exemplo: beneficiamento de arroz, a produção de compotas, geléias, doces, pures, pasta de frutas e conservas em geral (ITEPA, 1987, p.12).

A indústria do arroz está entre as mais importantes do município, beneficiando cerca de 15 milhões de sacas e tendo, ainda, capacidade para atingir 25 milhões de sacas de arroz por ano (DIAS, 1989, p.7).

O número de engenhos, em Pelotas (1983), era de 36 unidades instalados próximos a zona urbana, recebendo arroz de vários municípios da zona sul. Entre os engenhos de maior capacidade de beneficiamento e armazenamento de grãos está a empresa de Manoel Marques da Fonseca Junior (Português - natural de Pardilhó - Distrito de Aveiro).

"O valor da produção dos engenhos de arroz corresponde a 25% do total da indústria pelotense. Além disso, sua capacidade de armazenamento equivale a 70% do total de Pelotas, que, por sua vez, é uma das maiores do Brasil". (ROSA, 1985, p. 294).

Também os engenhos produzem, além do seu produto principal, o farelo, muito utilizado diretamente na alimentação dos animais, como matéria prima para rações. Ainda a quirela, que serve a indústria da cerveja. Sabe-se, também, que para a geração de energia é aproveitado 60% da casca.

Em época de safra os engenhos pelotenses utilizam uma mão-de-obra em torno de 5000 pessoas.

Em relação à Indústria de Conservas de Frutas, Legumes e doces, pode-se dizer que o pêssego, o aspargo e o morango se esforçam para manter um bom índice como produtos industrializado. No entanto, começa a haver uma redução dos estabelecimentos conserveiros, que se mantêm ao redor de 30 e recebem matéria prima de 12 pequenas propriedades de Pelotas e Região.

Os produtos enlatados, nessas empresas, são comercializados interna e externamente. Na exportação o que mais vende é o aspargo (principalmente para a Europa) e a feijoada (para

diversos países).

Algumas indústrias também importam produtos para processamento e revenda, como: azeitona, ameixas e cerejas da Argentina.

Ainda, na alimentação, é importante destacar a presença do óleo vegetal, já que o município produz soja e arroz em grande quantidade. As três fábricas que processam a soja - já produziram mais de um milhão de toneladas anuais e de óleo de arroz, uma produtividade média de trinta e cinco mil toneladas anuais.

Também a Indústria de Laticínios que é abastecida com leite não só de Pelotas, mas ainda de mais 8 municípios. Em 1984 a principal indústria desse ramo beneficiou 28 milhões de litros de leite, produzindo, também requeijão, creme de leite, manteiga, iogurte, queijo e doce de leite.

Analisando-se a existência dos curtumes na região, vê-se que hoje o número de estabelecimentos em relação ao passado, não é significativo. Sendo uma região de tradição pecuarista era de se esperar um número de empresas que trabalhassem com couro, bem superior a 9, ou seja, superior a 1,47% do total de empresas.

"O setor de lanifício é responsável pela comercialização de aproximadamente 20% da produção gaúcha. Parte desse produto é industrializado e outra parte é exportado «in natura», para centros maiores como São Paulo". (DIAS, 1989, p. 9).

Outro setor que ganha espaço, na economia pelotense, é a Química. Quanto ao valor da produção se destaca com: Fábrica de Adubos, Fertilizantes, Defensivos Agrícolas e Vacinas de uso Veterinário. Incluem-se, ainda aqui, Perfumarias, Sabões e Velas, Produtos de Matéria Plástica, Borracha que embora com percentuais baixos correspondem, pelo tipo de indústria, a um alto valor de produção.

Entre as Fábricas de Adubos está a Firma Joaquim Oliveira S.A. Participações, com a fabricação dos Adubos Trevo. Seu fundador, Joaquim Oliveira, era português e iniciou sua vida, em Pelotas, em 1922. Hoje o Grupo com várias empresas, até mesmo fora do Estado, emprega 12.500 pessoas.

O Setor Têxteis e Vestuário, que antigamente contou com uma forte indústria (Companhia Fiação e Tecidos), passou por muitos anos com deficiência de participação no mercado competitivo do Estado. No entanto, começam a aparecer pequenas empresas de confecção que trabalham com rigor no aprimoramento da qualidade.

Cabe aqui um pequeno comentário sobre a Cerâmica que, desconhecendo-se o motivo, não consta dos dados estatísticos do IBGE/1980. Esse trabalho quase artesanal e que por muitos era conhecido por "Fábrica de Barro", teve, em Pelotas, relativa importância no início deste século. Além das olarias que fabricavam basicamente o tijolo para construção de casas, e que ainda existem, existiam aquelas fábricas que trabalhavam os mais variados tipos de objetos e utensílios domésticos, como: vasos, alguidares, caçoilas etc.

Da singular indústria do barro resultou, no município, uma grande fábrica de telhas e outros materiais para construção - a Fábrica de Cerâmica São Bernardo e a fábrica de Cerâmica Nova Grês (atendem não só a zona sul do Estado, como várias regiões do Brasil e exterior - não invalida a possibilidade de que existam outras empresas e que ainda não estejam divulgadas).

Durante a década de 80 o aumento no consumo de energia elétrica demonstrava um acentuado crescimento nesse setor da economia. De acordo com informações do Centro das Indústrias, o número de fábricas em Pelotas está diminuindo, o que significa dificuldades para responder ao desenvolvimento industrial, que no século passado, e até meados deste, foi tão crescente.

SECTOR TERCIÁRIO

Comércio

O comércio de Pelotas tem expressiva participação na economia do município, uma vez que o Setor Terciário contribui com 40% da produção.

No que se refere ao comércio interno, de acordo com dados da Associação Comercial de Pelotas, o ano de 1982, possuía a distribuição apresentada no quadro a seguir.

**Quadro 9 - ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
- PELOTAS (ano 1982)**

Atividade	Quantidade (ano 1982)	%
Atacadista	810	16,06
Varejistas	4.144	82,16
Imobiliárias	90	1,78
TOTAL	5.044	100,00

Fonte: Associação Comercial de Pelotas

Observa-se que o maior percentual está concentrado nos comerciantes varejistas.

De acordo com a mesma fonte do ano de 1970 para 1980, houve um acentuado acréscimo dos comerciantes varejistas (1970 = 1.558; 1980 = 2.013), mantendo-se em segundo lugar no Estado. Por outro lado, aconteceu um decréscimo no número de comerciantes atacadistas (1970 = 152; 1980 = 108) "passando do segundo para o quinto lugar; por sua vez, o pessoal ocupado diminuiu de 1540 para 1416, baixando a classificação de Pelotas do segundo para o terceiro lugar". (ROSA, 1985, p. 306).

Pelotas, mesmo com este registro, tem nos últimos anos retomado a sua posição em ser um dos principais centros comerciais do Estado, embora sem dados estatísticos atuais.

Por estar localizada em uma zona com acesso a vários pontos da Zona Sul, com um importante eixo de rodovias, com estação ferroviária, ainda, com fácil acesso ao Superporto de Rio Grande, faz do comércio uma das mais desenvolvidas atividades econômicas. Como prova disso, sabe-se que 12% da população economicamente ativa dedica-se ao comércio, tendo no Estado a média de 9,9%.

Há, também, o registro da participação dos Feirantes e Vendedores Avulsos no comércio pelotense, de acordo com informação da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos; FUNDAPEL e Departamento de Feiras Livres de Pelotas. As Feiras Livres, ou seja, aquelas onde a maior concentração de produtos à venda são oriundos diretamente do Setor Primário (frutas, legumes, todos os produtos hortigranjeiros), contam com a atuação de 340 bancas. Observa-se, por outro lado, que nesse tipo

de feira a maior concentração de vendas é do setor de alimentação.

Como Feira Livre, também existe, semanalmente na Avenida Bento Gonçalves, a Feira do Artesanato, onde reúnem-se 128 vendedores. Esta Feira, que acontece aos domingos, tem como maior atração os artigos considerados regionais dos mais diversos, roupas, bijouterias, artigos em couro, artigos em madeira, brinquedos, e etc.

Ainda da alimentação, existem espalhados pelas diferentes zonas urbanas do município 141 "Trailers" de lanches rápidos.

Quanto aos vendedores ambulantes encontram-se registrados, atualmente, em Pelotas, um total de 122 vendedores (Camelôs), mas que aumentam a cada dia.

Quanto ao Comércio Externo a predominância das exportações está embasada na Agroindústria (carnes, couros, peles, arroz, lã, conservas de frutas e arroz) salientando-se algumas empresas como: Frigorífico Extremo Sul, Arthur Lange e Yurgel.

De acordo com a mesma fonte de informação, sabe-se que as importações realizadas pelo município, são de farelo de arroz, maçãs, matéria-prima para fabricação de fertilizantes e defensivos agrícolas, e para produtos farmacêuticos e azeitonas.

Para uma verificação na balança de pagamentos não dispõe-se de dados estatísticos para o presente estudo.

- Feiras

Sobre as Feiras do Município de Pelotas, excluindo a história da origem das feiras no mundo inteiro, sabe-se que nessa região são bastante antigas. No tempo das charqueadas a movimentação na Tablada era algo que chamava a atenção na região. As feiras de gado, onde os donos das charqueadas e os donos do gado comercializavam com a oferta e a condição de maior ou menor barganha. Era um acontecimento muito importante.

As tropas vindas de vários lugares do Estado e conduzidas pelos tropeiros, eram, na maioria das vezes, comercializados por estes que representavam

o padrão no negócio com o gado. Quando as tropas chegavam à cidade, era logo estabelecido o dia da feira, no qual havia, além do comercial, também, um acontecimento social. As famílias dos charqueadores os acompanhavam nas bonitas carruagens, onde as mulheres, com seus vestidos rendados e sombrinhas importadas da Europa, faziam verdadeiros desfiles de modas.

Dessas tradicionais feiras até os dias de hoje, mais de um século se passou mas as diferentes feiras, que atualmente acontecem no município, em muito, acham-se ligadas à origem das tradicionais Feiras da Tablada. Exemplo disso são as conhecidas Exposições e Feiras do Parque Ildefonso Simões Lopes, que acontecem a vários anos, sendo que a EXPOFEIRA de Pelotas faz parte do calendário de eventos do Estado.

O Parque onde são realizadas, não só a EXPOFEIRA mas as principais feiras anuais de Pelotas, possui 43 hectares, 10 pavilhões cobertos para exposições de animais, 1 pavilhão de 2.000 m² para expositores diversos, entre outros.

Por toda a tradição agrícola e pecuarista da região é que Pelotas teve a primeira Sociedade Agrícola do Rio Grande do Sul e hoje é chamada Associação Rural de Pelotas, onde encontram-se sediadas várias associações de classes ligadas à agropecuária.

Nesse mesmo local realizam-se, ainda, outras importantes feiras como: Feira de Outono de Éguas Crioulas; Feira do Terneiro, eventualmente a FENADOCE, entre outras.

A FENADOCE é o evento que melhor traduz a tradição doceira da região e faz parte do calendário de eventos do país. Nela concentram-se os mais variados expositores, indo do setor primário ao terciário, englobando desde o artesanato aos mais sofisticados equipamentos tecnológicos. Nessa Feira participam de 300 a 400 expositores, sendo a maior expressão da feira voltada para a doçaria herdada da cultura portuguesa e principalmente de Aveiro.

Em volume de negócios a FENADOCE ocupa o segundo lugar sendo suplantada pela EXPOFEIRA que pela característica de negócios e maior valor econômico fica em primeiro lugar.

Como já foi citado, além das feiras anuais, existem as feiras livres que se realizam semanalmente em diversos locais da cidade.

Congregando esforços, para um melhor desempenho no setor, existe a Associação Comercial de Pelotas fundada em 7/9/1873. Entidade que contribui, em todos os eventos e atividades ligadas ao desenvolvimento do município.

Serviços

- Transporte Rodoviário - Pelotas tem a seu dispor um importante acesso rodoviário, com três importantes linhas rodoviárias federais: BR-116 que liga o município à capital do Estado, à cidade de Caxias do Sul e possibilitando a saída para o Uruguai, através de Jaguarão; a BR-293 que dá acesso aos municípios de Bagé e Quaraí; a BR-392 que liga Pelotas ao município de Santa Maria (centro do Estado) e à cidade de Rio Grande.

A principal estrada de rodagem do Sul do Brasil é a BR-116, que atravessa importantes zonas de produção agrícola do Estado, principalmente de arroz e soja. Passa por vários pontos da zona rural do município de Pelotas e igualmente junto ao Distrito Industrial do mesmo.

Quanto a BR-293, ainda que ligue Pelotas a outros municípios, é importante para a zona rural e zona urbana, onde acontece o acesso dos imigrantes regionais.

"A outra grande rodovia federal, a BR-392, conhecida como «Estrada da Produção», liga Pelotas à zona central do Estado e a zonas produtoras de trigo e soja das Missões". (ROSA, 1985, p. 313). A Estrada da Produção, como diz o autor, é que canaliza a maior parte da produção agrícola do centro do Estado e que é exportada pelo Super-Porto de Rio Grande, passando por Pelotas.

Quanto à pavimentação sabe-se que as estradas federais e estaduais estão necessitando mais atenção dos órgãos públicos.

- Transporte Ferroviário - O uso das Linhas Férreas encontram-se bastante ociosas no Estado do

Rio Grande do Sul, observando-se a capacidade de atendimento que possuem (3.900.499 metros de extensão), é de considerar que o setor produtivo deveria explorar mais esse potencial. A utilização da mesma acontece para o escoamento de parte da produção agrícola, principalmente ao que tange a exportação.

A Estação Ferroviária de Pelotas inaugurada em 1884, não dá origem ou destino final aos trens que transportam mercadorias e passageiros. Os mesmos partem de Cacequi ou Cruz Alta, com destino a Rio Grande, numa extensão de 729 km. (ROSA, 1985, p. 316).

De acordo com o mesmo autor as principais mercadorias embarcadas em Pelotas no período de 1979 a 1983 foram: forragens, arroz, carvão, adubos, sal, soja, trigo e óleos vegetais. Os produtos mais desembarcados em Pelotas foram: soja, calcário, adubos, trigo, arroz, milho, cimento e pedra britada. Devido à existência de indústrias de beneficiamento, muitos artigos que aqui chegam com essa finalidade como é o caso do arroz e soja, após processados tem destino ao Porto de Rio Grande, onde são exportados.

Em Pelotas a utilização do transporte ferroviário é inexpressiva, principalmente de passageiros. Há que se lamentar a falta de incentivo a este tipo de transporte.

- Transporte Marítimo - Com o Canal São Gonçalo ligando Pelotas à Lagoa dos Patos, o porto tem somente 40 km de distância do Porto Marítimo de Rio Grande. O porto de Pelotas tem 500 metros de cais e atende ao movimento de mercadorias de modo a agilizar o escoamento da produção do município.

Foi com essa preocupação que em "1º de julho de 1870 começou a arrecadação de impostos especiais aplicados a desobstrução da foz do rio S. Gonçalo. ... A 11 de fevereiro de 1876, pela primeira vez, transpuseram o canal navios de alto bordo... Os preventivos estudos preliminares para a abertura da barra do S. Gonçalo, foram feitos, ... por iniciativa de Antonio José Gonçalves Chaves e Domingos José de Almeida, (1883) que os contractaram com o

engenheiro Norte-Americano Kreschmar". (OSÓRIO, 1922, p. 233). Percebe-se com a descrição de Osório, que para a existência de um porto em Pelotas, era necessário vencer problemas com a barra, onde a participação do português Antonio José Gonçalves Chaves foi de muita importância.

Era através do porto que saíam os carregamentos de trigo e depois o charque, que tanto auxiliou no desenvolvimento da região no século passado e início deste.

Sabe-se que o porto de Pelotas teve maior importância para a economia da região no início do século do que nos dias atuais.

Em 1920, por exemplo, entrou pelo porto 288.015 toneladas de mercadorias e em 1989 entrou 7.669 toneladas (OSÓRIO, 1922 e ITEPA, 1989). Quanto às saídas, em igual período registram as mesmas bibliografias, 288.884 toneladas em 1920 e 265.741 toneladas em 1989. Observa-se uma redução quanto à utilização do porto de Pelotas mas que pelas potencialidades da região tende a crescer novamente.

- Transporte Aéreo - "Pelotas dispõe de um Aeroporto Internacional, o segundo mais movimentado do Estado, somente sendo superado pelo de Porto Alegre. Além disso, é considerado aeroporto alternativo de entrada e saída para aeronaves dos países do Prata, possuindo serviços de Alfândega, Saúde, Polícia Federal e Emigração". (ROSA, 1985, p. 325). No dizer do autor, nota-se que o aeroporto de Pelotas tem infraestrutura que permite movimento diário de aviões de passageiros. A capacidade de transporte dos vôos diários é de 18 pessoas, ligando esta cidade à capital.

Turismo

Há alguns anos o Turismo vem sendo incrementado na região tanto em nível urbano como rural. A arquitetura pode ser bem explorada nesse sentido, pois a cidade de Pelotas conta com um patrimônio histórico bastante significativo e a campanha possui ótimas paisagens e lugares para um lazer cultural.

A beleza natural existente em Pelotas, basicamente a beira da Lagoa dos Patos, com a Praia do Laranjal e na zona colonial dá ao município grandes oportunidades para o desenvolvimento do turismo como alternativa de renda para as famílias do meio rural, que podem dispor das suas propriedades naquilo que elas têm de excedente em relação à exploração agrícola.

Pelotas, pela localização estratégica, dando acesso as fronteiras do Uruguai e Argentina, resulta em um fluxo de turistas, destes dois países, bastante acentuados mas que, também, não está sabendo aproveitar essa oportunidade dentro do mercado.

- Balneários: Com a beira da Lagoa dos Patos a disposição, Pelotas possui a Praia do Laranjal com boa infraestrutura para veraneio e zona residencial de grande valor. Essa praia é composta pelos balneários: Santo Antônio, Valverde e dos Prazeres, onde há grande concentração de público em qualquer dos três locais.

- Montanhas: A zona considerada de campanha na região de Pelotas e onde está concentrada a colônia agrícola, não chega a ser montanhosa mas sim o início da Serra do Sudeste. Contudo nessas singelas altitudes encontram-se alguns pontos como a Colônia Maciel, Recanto dos Coswig, onde é possível apreciar belas paisagens.

- Campismo: No verão sulista, que vai de dezembro a março, muitas pessoas que residem nas cidades, por vezes em apartamentos, procuram o contato com a natureza através do campismo. Para estes, existem ótimas condições de veraneio tanto na praia do Laranjal, com o Camping Municipal, como também em locais mais afastados com menor infraestrutura, como é a Cascata, Recanto dos Coswig e outros.

- Arte/História: Pelotas como já foi salientado na parte histórica e o será melhor apresentado nos "Aspectos Culturais", tem uma ligação muito grande com a história, arte, cultura e costumes de países Europeus e, principalmente de Portugal.

As origens portuguesas refletem nas construções urbanas, onde o casario Pelotense é uma marca desse passado. Um registro importante e valioso fazendo parte do Patrimônio Histórico e Cultural, ao mesmo tempo servindo como atração turística.

Em relação aos museus além do Museu Parque Municipal da Baronesa, atualmente o de maior atração, a cidade conta com o Museu Leopoldo Gotuzzo (obras de arte principalmente pinturas) e o Museu Carlos Ritter (de entomologia). Estes últimos sob a responsabilidade da Universidade Federal de Pelotas.

- **Artesanato:** O Artesanato Gaúcho, de um modo geral, é bastante apreciado por todo o turista que visita o Rio Grande do Sul. Com muita tradição em couro, é com este material que muitos artesões elaboram as diferentes "lembranças", baseadas na vida campeira.

No município existem várias pessoas que dedicam-se não só a este tipo de trabalho em couro, como, também, em madeira, chifre, lã, barro vermelho, tecido e corda.

- **Gastronomia:** A Gastronomia na região de Pelotas acompanha, obviamente, aquela característica da maior parte do Estado.

É possível que esta zona tenha sido uma das primeiras do Rio Grande do Sul, a preparar a comida considerada típica do "Gaúcho", a base de carne bovina e ovina. O tradicional "churrasco", assado no fogo de chão, e que durante o preparo corre a "roda de chimarrão", a "coipira" e um pouco de conversa fora, não deve ser desprezado por quem passa por Pelotas.

O "arroz de carreteiro" e a boa "feijoadá" são sempre bem-vindos mesmo por aqueles que nunca tenham provado o feijão preto. Um bom vinho - herança portuguesa - sendo hoje muito fabricado, também, pela imigração italiana na Serra Gaúcha, deve ser degustado com os mais variados queijos, salames, e pães.

Com a presença da horticultura são muito ricos os pratos à base de abóbora, cenoura, nabo, couve, batata, ervilha, feijão e outros. Preparados

normalmente com carne, de animal logo que abatido, ou com o tradicional charque.

Além dos pratos já mencionados e que mais caracteriza Pelotas em nível nacional é a "doçaria". Pelotas é conhecida como Princesa do Sul, Cidade dos Alimentos e Capital do Doce. Confirmando a herança portuguesa vê-se um razoável número de padarias e confeitarias da zona urbana que são de pessoas dessa etnia. Convém salientar que, entre estas, existe a "Padaria e Confeitaria Aveiro".

Estas confeitarias apresentam, afora os doces preparados industrialmente e também muito conhecidos e procurados pelos turistas, uma grande variedade de doces à base de "ovos moles".

A tradição doceira de Pelotas, pode-se afirmar por trabalhos de investigação anteriores (POMBO, 1990 - Confeitaria Nogueira uma Doce Lembrança) e depoimentos de portugueses residentes em Pelotas, que estas têm suas raízes na doçaria portuguesa e mais especificamente em Aveiro.

Existem muitos doces confeccionados em Pelotas com o mesmo nome e iguais aos existentes em Portugal, por exemplo: pastéis de Santa Clara, fios de ovos, etc.

A introdução dos "ovos moles" na indústria caseira pelotense, terá suas origens no longínqua cidade banhada pela Ria, onde a figura do marnoto e da salineira deixaram uma tradição e um folclore, tal como o gaúcho e a prenda que iniciaram a vida do Estado do Rio Grande do Sul, legando costumes e tradições.

- **Folclore:** O Rio Grande do Sul, Estado onde as pessoas que nele nascem são chamados de Gaúchos, possui uma tradição bastante particular em relação aos demais estados brasileiros. Caracterizam-se trajes típicos, danças, costumes e tradições que são cultivadas e alimentadas pelos amantes do tradicionalismo, como por exemplo o chimarrão e a conversa à roda do fogo de chão.

A cidade de Pelotas não fica alheia a essa participação, onde existem diferentes grupos voltados ao assunto tradicionalismo e folclore que valorizam a cultural gaúcha.

A primeira entidade tradicionalista do Estado

está sediada em Pelotas - União Gaúcha João Simões Lopes Neto - desenvolve importante trabalho com grupos de estudos e danças Rio-Grandenses, preocupadas com o tradicionalismo.

Entre as danças mais conhecidas e cultivadas pelos Centros de Tradições Gaúchas encontra-se: a chula, a tirana, o balão, a chimarrita, o pezinho, a dança do facão entre outras. Sabe-se que tanto a chimarrita como o pezinho e a tirana tem origem portuguesa da época em que os açorianos colonizaram o Rio Grande do Sul.

Para o turista, que visitar Pelotas, é possível apreciar a cultura gaúcha nos seguintes C.T.Gs.: União Gaúcha João Simões Lopes Neto, Thomaz Luiz Osório, Negrinho do Pastoreio, Os Carreiros, Domingos José de Almeida entre outros.

- **Hotéis e Restaurantes:** Devido ao grande número de turistas que normalmente circulam pela cidade, seja para permanecerem alguns dias ou de

passagem para qualquer outra região, pode-se dizer que Pelotas deveria contar com hotéis mais preparados. Existem 9 hotéis que chegam a apresentar deficiência em número de leitos mas que deverão aumentar com a incrementação do turismo.

Pelotas conta, tradicionalmente, com uma gama de turistas mais acentuada, e que ocupa a rede hoteleira nos feriados de Carnaval e Páscoa, sem contar com a época de veraneio. O tipo de turistas que mais ocupam este espaço são Uruguaios e Argentinos que, por tradição, passam os principais feriados e férias na cidades e praias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sendo que muitos permanecem pelo menos um dia e uma noite em Pelotas.

Com relação aos bares e restaurantes, a cidade oferece 32 locais dos mais diversos estilos, satisfazendo aos mais variados gostos, desde a mais simples comida caseira até ao mais sofisticado prato. Conta, ainda, com 6 casas especializadas em doces.

bibRIA

IV. ASPECTOS SOCIAIS

AVEIRO

Donald Pierson refere-se ao meio Geográfico como o cenário da Sociologia, "... o palco biótico no qual se processa a integração humana, modificando-a, até certo ponto, determinando-lhe a forma". (AMORIM, 1987, 2 vol., p. 86).

Já tendo sido objeto de estudos o meio geográfico, cabe aqui tecer comentários, genéricos por sinal, a respeito de algumas características sociais que venham a delinear o perfil de Aveiro.

O critério de análise, neste item, refere-se ao Concelho ou Município de Aveiro - circunscrição político-administrativa, cujos principais dados estão no quadro a seguir.

Quadro 10. CONCELHO DE AVEIRO

Área do Município	1982	208 km ²
Número de Freguesias	1984	12
Área média das Freguesias	1982	17,3 km ²
População residente	1981	60.284 hab.
Densidade Populacional	1981	289 hab/km ²
Rede Viária Municipal	1986	185 km

Fonte: As Subregiões do Baixo Vouga-jan/88

Nesse contexto buscar-se-á determinar os principais aspectos que demonstrem a qualidade de vida e o bem-estar social da população aveirense. Entre eles, tem-se:

Habitação

Referindo-se aos indicadores de habitação e adotando-se por terminologia àquela do XII Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação, tem-se o termo alojamento querendo dizer: "... o local distinto e independente que, pelo modo como foi construído reconstruído, ampliado ou transformado, se destina a habitação humana, na condição de, no momento do

recenseamento, não estar a ser utilizado para outros fins", e, por edifício "... construção independente que compreende uma ou várias divisões e outros espaços, coberta por telhado limitada por paredes exteriores que vão geralmente dos alicerces ao telhado e destinada a ser utilizada como habitação e/ou servir a outros fins (agrícolas, comerciais, industriais, etc)". (I.N.E. - XII Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação - 1981 - Antecedentes, Metodologia e Conceitos, p. 23).

Quadro 11. CONDIÇÕES RESIDENCIAIS

Unidade Geográfica	Alojamentos e Edifícios Residenciais					
	Alojamento 1970	%	Alojamento 1981	%	Total Ed.Res 1981	%
Continente	2.584.328	100,00	3.257.707	100,00	2.398.912	100,00
Região Centro	586.783	22,7	679.810	20,8	620.392	25,8
Concelho de Aveiro	47.158	1,8	62.272	1,9	56.365	2,3

Fonte: A Região Centro em Mapas e Números - 1983, p. 98

Percebe-se que, no espaço de dez anos, as condições de alojamento, no Concelho de Aveiro, cresceram, enquanto que os índices proporcionais, da Região Centro, ao contrário, apresentam decréscimo. Outro dado importante, é o referente ao total de edifícios residenciais - 1981. Considerando-se o continente como 100%, a Região Centro concentra um quarto desse total, e o Concelho de Aveiro, que é apenas um dos dezenove concelhos do Distrito, concentra 2,3% do Continente.

Se for observada a população residente no Concelho de Aveiro no mesmo ano, e comparada ao total de edifícios residenciais, percebe-se que haveria, ainda, um déficit de 3.919 edifícios, não esquecendo-se que o ritmo de crescimento populacional, embora moderado, é sempre mais acelerado do que o de construção de habitações, haja visto o fato de haver migrações internas (já ressaltado nos aspectos populacionais).

A Câmara Municipal, em seu Boletim Informativo (Janeiro de 1991), sobre o assunto, escreve:

"A habitação desde 1977, data em que foram criados os Serviços Municipais de Habitação, tem sido uma das grandes prioridades.

"Inicialmente, para alojar os que retornaram das ex-províncias ultramarinas e ainda alguns dos residentes mal-alojados neste Concelho;

posteriormente, para alojar os migrantes em busca de uma cidade em pleno desenvolvimento, para realização do seu sonho material.

"Hoje, constata-se que a promoção da habitação a custos controlados se dirige a uma franja da população que não tem capacidade económica para competir com preços praticados no mercado normal. Porque, ou se trata de filhos mal-alojados, daqueles que, anteriormente, já foram realojados (coabitções conflituosas, por exemplo) ou de novos migrantes, que continuam a afluir a esta cidade, para a resolução do seu problema profissional".

"Atendendo ao elevado número de fogos implantados nesta autarquia, urge pôr em prática uma política de Gestão Social deste património municipal, que em muito pode contribuir para a homogeneidade do Concelho e para a amenização de assimetrias sócio-económicas, culturais e mesmo étnicas". (BOLETIM DA CÂMARA MUNICIPAL - JAN/91 - p. 7).

- Meios de Comunicação Social

Não sendo possível obter fontes que expressem a situação dos meios de comunicação social no âmbito do Concelho de Aveiro, foram utilizados elementos referentes ao Distrito, conforme o quadro abaixo.

Quadro 12. MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Meios Comunic Área	Jornais e Periódicos em milhares		Outros p/1000 habitantes	Aparelhos Rádio		Aparelhos T.V.	
	1970	1975		1975	1970	1975	1970
Continente	380.146	357.899	38.689	1.386.078	1.480.648	387.226	718.400
Aveiro	2.328	2.105	3.454	93.550	98.282	22.851	47.516

Fonte: Região Centro em Mapas e Números - 1983

Mesmo que os dados acima sejam do Distrito de Aveiro, tem-se uma idéia genérica da evolução, em cinco anos, dos meios de comunicação social. Assim, há uma diminuição em números absolutos, da tiragem de jornais e publicações periódicas. Por outro lado, no que concerne aos meios de comunicação de massa - rádio e TV - (quanto ao número de aparelhos), ambos os casos são crescentes, sendo, até, mais expressivos, os números absolutos

correspondentes aos aparelhos de TV. Em termos de continente, eles quase duplicaram, e no caso do Distrito, o número mais que dobrou.

Já, em 1987, no Distrito de Aveiro, "... o número de aparelhos de televisão registrados era, em 87/12/31, de 166,7 por 1000 habitantes, valor inferior ao do Continente (164,9/1000 habitantes)". (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE, 1988, p. 207).

Sendo Aveiro capital do Distrito, presume-se que os dados referentes a ela também tenham acompanhado a trajetória ascensional apontada no Distrito.

- Telefonía

No que respeita à telefonia, a TELECOM PORTUGAL divide o país em três áreas: Sul, Centro, Norte, além de Açores e Madeira. A chamada TLP é a rede semiprivatizada que abarca Porto e Lisboa.

Nessa área abrangida pela rede de Aveiro, havia em 31/12/1989 - 52.784 linhas telefônicas, das quais 47.145 eram principais, 531 eram postos públicos (explorados por terceiros, com a finalidade de prestar serviço público), e 5.108 postos suplementares (as chamadas "extensões telefônicas", no Brasil).

Sendo esses os dados que foram possíveis de se obter, não fica claro o real atendimento que a população da Cidade de Aveiro possui no âmbito da telefonia. Apenas presume-se ser grande o número de habitantes que possui telefones residenciais.

- Educação

Sobre educação, coletou-se os seguintes informes: no Concelho de Aveiro há 45 escolas do 1º Ciclo do Básico; 18 jardins de infância; 2 escolas preparatórias (1º e 2º anos - pelo Sistema Antigo) e uma, em fase de conclusão; há mais uma, com o 2º e 3º Ciclos do Básico (pelo Sistema Educacional Novo). Há 4 Escolas com o 3º Ciclo Básico.

Convém salientar que a Lei 46/86, de 14 de Outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo, adotou novo sistema de ensino, que está em fase de

implantação, daí haver escolas pelo "sistema antigo" e, outras, pelo "sistema novo".

A Autarquia só tem responsabilidade pela manutenção de Jardins de Infância e Escola do 1º Ciclo do Básico. Se houver uma escola que surja "de raiz", esta será parcialmente paga pelo município, além deste ser responsável pela sua manutenção, equipamentos e livros didáticos. A Autarquia também se responsabiliza por subsídios para os carentes, nos âmbitos alimentar, de material didático, de passes para os transportes públicos (até 3 km de distância da Escola), que é gratuito para os usuários que estudem até o 2º ciclo do Básico. Após, os alunos possuem subsídio de 50% do custo do transporte escolar.

Para se ter uma idéia, no Quadro-Resumo da defesa, apresentado pelo Boletim Informativo da Câmara, na rubrica EDUCAÇÃO, sendo aplicados 110.000\$00 eles foram assim destinados:- Educação pré-escolar 14.800\$00; -Ensino Básico 29.500\$00; - Ensino preparatório e secundário 65.250\$00; - Educação de Adultos 400\$00.

Formação Profissional

Para Orientação e Formação Profissional, o país conta com o Instituto de Emprego e Formação Profissional que está dividido em quatro Delegações Regionais - Delegação Regional do Centro; Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo; Delegação Regional do Alentejo e Delegação do Algarve. Cada Delegação tem sob sua jurisdição vários centros que correspondem aos distritos e concelhos.

O Distrito de Aveiro conta com o Centro de Emprego de Aveiro onde há toda uma orientação voltada à formação, orientação e política de emprego.

Em relação à orientação profissional, especificamente, o Centro de Emprego de Aveiro conta com profissionais que auxiliam, principalmente, aos jovens na difícil tarefa da escolha de uma profissão. Inclusive, nesse caso específico, existe um programa que é "Programa de Inserção de Jovens na Vida Profissional", que além de ser financiado pelo

Governo Português conta com a participação da Comunidade Econômica Européia.

"Podem inscrever-se nos Centros de Emprego para obter uma colocação todas as pessoas com 14 anos ou mais que pretendam um emprego por conta de outrem. De acordo com a sua situação face ao emprego, os inscritos são classificados numa das cinco categorias: Desempregados (à procura do primeiro emprego; à procura de novo emprego); Pessoas empregadas (a tempo inteiro; a tempo reduzido)". (Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1990, p. 26).

O Centro de Emprego de Aveiro, bem como os demais, possuem, entre as medidas gerais, as chamadas Categorias Especiais de Trabalhadores, ou seja, aqueles para quem estão orientados os programas de emprego (jovens, mulheres, deficientes e desempregados de longa duração). Existe uma preocupação acentuada com a readaptação de pessoas que, por um motivo ou outro, deixaram de trabalhar e querem retornar ao trabalho. Como por exemplo, a mulher gestante e o deficiente físico pós adulto.

Quanto à organização de cursos, há uma grande quantidade de cursos voltados ao aprimoramento e o aperfeiçoamento profissional, tanto direcionados para o setor Primário, Secundário como Terciário.

De acordo com informações do próprio Centro de Emprego de Aveiro, sabe-se, ainda, que a taxa de desemprego no distrito é muito pequena, rondando os 0,5%, sendo inferior aos percentuais do restante do país.

O Distrito está em fase de grande desenvolvimento industrial e, ainda, há falta de mão-de-obra em muitas áreas de atuação.

PELOTAS

Cavalheiro escreve: "Pelotas é uma cidade bem planejada urbanisticamente. Coisa rara entre os centros urbanos de certa idade, tem em quase toda a sua área o chamado traçado xadrez. Quer dizer, ruas

paralelas em dois sentidos perpendiculares entre si. Isto vem desde o início de nossa história, desde o início da fundação da freguesia em 7 de julho de 1812. Em 1813, preparou planta, procurando criar aqui um povoado «bem arrumadinho e bem alinhado», preocupação que se manteve, ao menos durante boa parte de nossa história". (VAROTO, 1988, p. 14).

Este município posiciona-se num entroncamento de quatro rodovias federais e possui vias de transporte ferroviária, aérea e hidroviária. Nesse contexto de eixo rodo-ferroviário, local de intenso tráfico de turistas e de mercadorias, bem como pólo de atração regional de populações que buscam médicos especializados, hospitais, comércio e ensino não só médio como superior, sendo este, receptor de estudantes até de outros países, é que se faz necessário referir sobre a qualidade de vida e bem-estar populacional. A população encontra-se distribuída conforme quadro abaixo.

Quadro 13. MUNICÍPIO DE PELOTAS

Área do Município	2.166 Km ²
Número de Distritos	9
População Residente	259.950 hab
Densidade Populacional	120 hab/km ²

Fonte: IBGE

Pelotas é enquadrada como centro "... de maior desenvolvimento urbano da Região Sul do Brasil, onde a população apresenta o melhor padrão de vida e o crescimento demográfico não é tão intenso". (ROSA, 1985, p. 220).

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - elaborou em 1971, uma divisão regional do Estado Gaúcho e, tendo por enfoque a centralidade da rede urbana, colocou Pelotas como uma das quatro capitais regionais do Rio Grande do Sul, juntamente com Santa Maria, Passo Fundo e Caxias do Sul.

- Habitação

Segundo o Cadastro Técnico da Prefeitura Municipal de Pelotas, a zona urbana da cidade, em dezembro de 1986 apresentava-se conforme o quadro a seguir.

Quadro 14. CONSUMO DE ENERGIA

Período	Consumo e consumidores - 1980-83-88	
	consumo(W/H)	Nº consumidores
1980	210.968	54.478
1981	223.913	58.305
1982	242.926	62.055
1983	256.192	68.559
.....
1988	301.880	82.675

Fonte: CEEE

Assim, a grande maioria das residências são de alvenaria, indicando um padrão de construção apropriado para as condições sócio-econômicas do município, entendendo-se que, culturalmente as residências de alvenaria dão mais "status social" que, por exemplo, as de madeira. Até mesmo porque as construções em madeira, devido ao clima úmido, são mais suscetíveis de perecimento, tendo, portanto um custo menos elevado.

Sobre a pavimentação, no perímetro urbano, com aproximadamente 2.500.000 m³, há predomínio da pedra regular (paralelepípedo). Há, também, com pedra irregular e com blocos "unistein". As vias de ligação interbairros são de concreto de cimento ou asfáltico (Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria - 1989).

- Meios de Comunicação Social

O município de pelotas possui quatro emissoras de amplitude modulada (AM), sendo a Rádio Pelotense, a mais antiga do Estado Gaúcho.

Em frequência modulada (FM), há cinco emissoras, sendo uma das quais, a FM EDUCATIVA, mantida pela Universidade Federal de Pelotas, com alcance médio de 200 km.

Quanto ao sistema televisivo, existem 3 retransmissoras, sendo uma delas a TV EDUCATIVA, em convênio e sob a administração da Escola Técnica Federal de Pelotas. Há também, uma Geradora de TV, com excelentes instalações, cujo sinal chega até a fronteira com o Uruguai - é a TV TUIUTI.

Possui ainda a cidade, dois jornais diários, sendo o Diário Popular, o mais antigo do Estado, já

centenário, e o terceiro do Brasil, em funcionamento ininterrupto. A circulação desses dois jornais abrange 300 km de raio médio.

Há ainda, várias publicações periódicas, bem como representantes de órgãos de comunicação social de outros municípios.

- Telefonia

As telecomunicações, no Rio Grande do Sul, estão a cargo da CRT - Companhia Riograndense de Telecomunicações. Ocorre que, desde 19 de abril de 1910, quando foi constituída a Companhia Telefônica Melhoramentos e Resistência - CTMR, a Companhia pelotense passou a atender o município neste serviço.

A CTMR tem interligação com a CRT (estadual) e com o sistema EMBRATEL, permitindo telefonemas DDD e DDI.

Cabe salientar que uma das áreas de excelência de Pelotas é a CTMR, empresa de telecomunicações que está entre as melhores do país.

- Educação

A educação, em termos brasileiros, geralmente está assim organizada: ensino básico a cargo dos Municípios; ensino médio, a cargo dos Estados e o ensino superior, a cargo da União, nada impedindo que as esferas administrativas mantenham outras instituições de ensino que não estejam em suas áreas de competência. Também a iniciativa privada pode atuar nos três grandes setores: básico, médio e superior.

Pela Lei Orgânica de Pelotas, a competência do município é manter creches públicas e gratuitas, propiciar o ensino pré-escolar, garantir o ensino fundamental, além de manter programas complementares, mediante auxílio para aquisição de material escolar, transporte, alimentação, tratamento médico e odontológico e outras formas de assistência familiar.

Fazem parte do sistema municipal de ensino as unidades pré-escolares, as de ensino fundamental e as de ensino médio existentes ou que venham a ser

criadas, desde que mantidas pelo Município.

Quadro 15. MATRÍCULAS - 1970 - 80

Graus	Número de Matrículas				
	1970	%	1980	%	Var.%
1º Grau	43.700	21,00	47.428	18,2	-2,8
2º Grau	5.182	2,5	10.472	4,0	+1,5
3º Grau	3.379	1,6	9.693	3,7	+2,1

Fonte: Rosa, 1985, p.218

Percebe-se com o quadro acima que o número de matrículas no 1º grau decaiu, porém cresceram nos 2º e 3º graus. Este fato pode também ser explicado pela tendência ao envelhecimento da população, fato já apontado nos aspectos populacionais deste trabalho, assim como, ao índice moderado de crescimento demográfico.

A variação positiva que se percebe em relação às matrículas no 3º grau, evidencia não só a continuidade que os estudantes estão dando aos seus estudos, como também por haver duas Universidades no Município - A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), que atuam como polos de atração de estudantes não só de outros Municípios e Estados, como até mesmo, de alunos de outros Países da América do Sul e América Central.

Quadro 16. ALFABETIZAÇÃO

Pelotas	83,8
Porto Alegre	82,4
Estado do Rio Grande do Sul	82,7

Fonte: Rosa, 1985, p.194

No quadro comparativo entre Pelotas, Porto Alegre (Capital do Estado) e próprio Estado do Rio Grande do Sul vê-se que o percentual de alfabetização no Município é superior ao da Capital e ao do Estado.

Excluindo o 3º grau, contabilizam-se 217 estabelecimentos de ensino, destes havendo 92 no meio urbano e 125, no meio rural, incluindo-se escolas de dependência administrativa federal, estadual, municipal e particular. Há alguns estabelecimentos que atendem só o pré-escolar, outros só ao 1º grau, e

outros só o 2º grau. Há, também, os que atendem aos dois ou três níveis de ensino.

Em 1985, havia uma população estudantil de 57.076 alunos entre o ensino de 1º e 2º graus, e mais de dez mil estudantes universitários, distribuídos entre as duas Universidades - UFPEL e UCPEL, a primeira federal e a segunda particular.

- Formação Profissional

Em Pelotas o problema da procura e oferta de emprego é atribuição do órgão chamado SINE - Serviço de Informação Nacional de Emprego. Através dessa instituição, são catalogados todos os candidatos aos mais diversos tipos de trabalho. As pessoas que necessitam de um determinado tipo de mão-de-obra, requisitam informações ao SINE e este remete os candidatos de acordo com o indicado.

Outro órgão de extrema importância, e mais aprimorado, é o SIEE - Serviço de Integração

Empresa e Escola. Setor onde os alunos de cursos profissionalizantes são orientados e encaminhados, a realizarem os estágios de conclusão de seus cursos em empresas privadas. Como exemplo, dessa situação, está a Escola Técnica Federal de Pelotas em que a existência de cursos técnicos-industriais profissionalizantes requerem a realização de estágios para a sua conclusão.

É de mencionar, ainda, a existência de Escolas Preparatórias com oferecimento de cursos diversos, como o SENAI- Serviço Nacional da Indústria e SENAC - Serviço Nacional do Comércio.

Pelotas possui um nível de preparação educacional, voltado para o trabalho, bastante elevado, contando com uma mão-de-obra preparada em diversos setores. Nota-se, por outro lado, que a carência de emprego se faz presente, impossibilitando que todas as pessoas possam ocupar áreas de sua formação.

bibRIA

V. ASPECTOS CULTURAIS

AVEIRO

"Um sistema social não pode existir sem um sistema cultural que lhe forneça os elementos simbólicos essenciais; um sistema cultural sem sistema social é uma «civilização morta», como por exemplo a do antigo Egipto ou a do Império Romano". (ROCHER, 1971, vol. 4, p. 20).

Estando os sistemas sociais já delineados anteriormente, pretende-se, agora, caracterizar culturalmente tanto o Concelho de Aveiro como o Município de Pelotas.

É evidente a impossibilidade de, neste trabalho, tentar-se esgotar o assunto, e nem há tal pretensão, ainda mais que, pelo conceito clássico de Taylor (1871), tem-se cultura como aquele "... todo complexo que inclui saber, crenças, arte, moral, direito, costumes e todas as outras capacidades adquiridas pelo homem, como membro de uma sociedade". (AMORIM, 1987, vol. 1, p. 78).

Assim, seriam os elementos da cultura, os usos e costumes, as crenças, as formas políticas, tradições orais, língua, música, dança, padrões de comportamento, técnicas, etc. Somente um dos elementos referidos já seria o bastante para a elaboração de um tratado. Justifica-se, deste modo, a forma um tanto superficial com que serão abordadas as características culturais das comunidades em apreço.

A própria esquematização dos traços culturais característicos apresenta-se com elaboração dificultosa, haja visto os diferentes ângulos a serem enfocados, mas, ainda assim, pretende-se delinear os tópicos a seguir.

- Patrimônio Cultural

"O conceito de património cultural anda obviamente ligado ao conceito que se tenha de cultura; dele se distingue por especificar numa

determinada cultura alguns elementos, alguns objetos e formas, que se consideram particularmente significativos e recebem por isso uma consideração especial". (FERREIRA, 1983, p. 134). Ainda Ferreira salienta que, evidentemente, os povos defendem o seu património cultural porque se o perderem, perderão também a sua identidade.

Duas imagens marcantes de Aveiro são: a sua arquitetura barroca, e a ria, em cujos canais ficam os moliceiros, com as pinturas típicas. A existência dessas realidades, por si só, já representam um património cultural por excelência. Porém, no dizer do Prof. Celso Santos, Vereador do Pelouro da Cultura: "No que diz respeito ao património, tem sido uma preocupação recuperar e salvaguardar diversas peças de cerâmica e o azulejo, o restauro e conservação dos monumentos existentes e o pedido de classificação de edifícios de forma a dinamizar-se um centro histórico". (ANNUAL REVIEW, Ano 1, nº 1, 1990, p. 4).

- Imóveis Históricos

Observando-se os imóveis históricos, percebe-se que a sua maioria é de cunho religioso. Não se pretende, aqui, arrolar prédios, porém, citam-se alguns, apenas como referência: - Convento de Santo Antônio e Igreja de São Francisco, - Convento de São Domingos (Sé) - Paços do Concelho - Santa Casa de Misericórdia - Capela de São Gonçalinho - Igreja de Nossa Senhora da Apresentação - Igreja e Convento do Carmo - Assembléia Distrital de Aveiro - Capela de Nossa Senhora da Alegria (de Sá) - Capela de São Bartolomeu - Capela do Senhor das Barrocas.

- Museus

Quanto ao Museu de Aveiro, conhecido como Museu de Santa Joana Princesa, este deve ser visto à parte. Foi criado em 1911 no antigo mosteiro de Jesus, que seguia a regra de São Domingos (dominicano). Teve por fundadoras as ricas fidalgas Dona Brites Leitôa (com suas duas filhas) e Dona Mécia Pereira, recolhidas respectivamente em 1458 e 1460. Após

autorização de Pio II para a fundação canônica (1461), começam as obras. Em 1462 é lançada a pedra fundamental pelo próprio rei Afonso V. Em 01 de janeiro de 1465 houve a cerimônia de clausura.

A filha de Afonso V, a Infanta Dona Joana, dedicando-se à vida religiosa, ingressou no mosteiro em 4 de agosto de 1472. Faleceu em 12 de maio de 1490, com fama de santidade.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, e determinação de que as ordens femininas seriam extintas após a morte da última religiosa, fez com que o mosteiro se mantivesse até 1874. Já antes, havia sido instalado, no local, um colégio feminino.

Surgindo a Real Irmandade de Santa Joana Princesa, em 1877, impediu-se a venda do imóvel em hasta pública e sua possível demolição. Esta irmandade passou a ser a legítima proprietária do imóvel e bens do mosteiro.

Em 1911, foi criado o Museu Regional de Aveiro no local. Hoje, o museu possui objetos de coleções e outros, de diferentes procedências, tornando-se um espaço cultural privilegiado. Entre as obras do acervo, destaca-se o túmulo da Princesa Santa Joana, trabalho de mármore entalhado, peça única no gênero. O ambiente que o envolve foi remodelado em fins dos seiscentos, indo até o ano de 1711. As paredes são também revestidas em mármore embutidos, completados com talhas douradas e azulejos policrômicos do século XVII, e o teto, possui pintura a ouro. Na Capela de Santo Agostinho, está a sepultura do Sétimo-Duque de Aveiro (D. Gabriel de Lancastre - 1667-1645), benemérito do mosteiro.

A Igreja possui um portal do fim do século XV. Em 1592, Francisco de Tavares e Dona Joana de Távora, sua mulher, remodelaram o local.

A capela é revestida em talha dourada. "Influência directa dos tempos do ouro do Brasil traduz, também, uma mentalidade diferente, quando se apalaçam os mosteiros e se vivem tempos de opulência, em Portugal, com os últimos anos de D. Pedro II, D. João V e mesmo os primeiros anos de D. José". (NEVES, SEMEDO E ARROTEIA, 1989, p. 59).

O arco-cruzeiro é datado de 1702.

Afora o próprio ambiente do museu, nas diferentes alas, existem coleções de pinturas,

cerâmicas, jóias, pratarias, esculturas, tecidos, livros e objetos de culto em mosteiros. Há, ainda, uma galeria de pinturas dos séculos XV-XVI, onde ocorrem, também, exposições temporárias.

- Arquivos

Fazendo ainda parte do patrimônio cultural, tem-se os Arquivos de Aveiro, a saber:

a) Arquivo Municipal de Aveiro que já era citado em 1790, quando consultado pelo Dr. João Pedro Ribeiro, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa e lente de Diplomática na Universidade de Coimbra, que, ao utilizá-lo, diz encontrar-se em péssimo estado de conservação.

Em 1899, outro estudioso, Marques Gomes, volta a frisar que o Arquivo continuava no mesmo estado em que, um século antes, o lente de Coimbra havia encontrado.

O Arquivo Municipal de Aveiro possui hoje dois núcleos de documentos - os pergaminhos, e os livros manuscritos e papéis avulsos. Do primeiro núcleo, há seis documentos e dois códices. O documento mais antigo data do século XIV, os dois códices são datados de 1491 e 1511.

O fundo de papéis manuscritos é constituído por 1666 documentos e 228 pastas e maços, contendo cadernos e, sobretudo, documentação avulsa. As fontes são agrupadas segundo os temas e por ordem cronológica.

b) Já o Arquivo Distrital de Aveiro, que é dependente do Instituto Português do Patrimônio Cultural que, por sua vez, está sob a tutela da Secretaria do Estado da Cultura, através de seu Departamento de Bibliotecas, Arquivos e Serviços de Documentos.

Este Arquivo foi criado em 22 de maio de 1965, tendo por um dos seus fundadores e diretores da revista Arquivo do Distrito de Aveiro, o Dr. Francisco Ferreira Neves. O Arquivo está instalado provisoriamente junto às dependências da Biblioteca Municipal e suas instalações constam apenas de um depósito e pequeno gabinete de trabalho. Ele entrou efetivamente em funcionamento em fins de outubro de 1978.

Os fundos deste Arquivo são basicamente de três tipos: Registros paroquiais, Notarial e Julgado de paz de Sever do Vouga.

O núcleo de registros paroquiais consta de livros de batismo, livros de casamentos e livros de óbitos. Este núcleo encontra-se quase todo microfilmado e frequentemente é consultado por geneologistas ou historiadores. Estão incorporados livros desde 1544 a 1889, e alguns de 1897 a 1911.

O núcleo notarial, onde estão livros dos tabeliães, que lavravam e registravam escrituras e outros instrumentos jurídicos, é constituído por livros de notas de natureza diversa (com os respectivos maços de documentos, testamentos, procurações, protestos de letras, registros de missas, etc.). Há cerca de vinte mil unidades.

O núcleo do julgado de paz, integrando os livros do Juízo de paz de Sever do Vouga, diz respeito à «conciliações» das partes, perante o juiz de paz desse concelho. É constituído por cento e onze livros de conciliações, de 1834 a 1884, um de multas, de 1859 a 1885, e alguns documentos soltos.

c) O Arquivo da Misericórdia, encontra-se na antiga Sala do Despacho, no edifício da Santa Casa de Misericórdia, e o acesso a ele depende de requisição escrita à Mesa da Misericórdia. Seu acervo foi catalogado em 1985, e é constituído por 297 espécies documentais e 90 pastas de cadernos e fontes avulsas. Todas as fontes dizem respeito à Misericórdia e a seu hospital, com algumas exceções. O documento mais antigo é de 1502, sobre um legado feito em favor da Santa Casa.

Há no Boletim Municipal de Aveiro, anteriormente referido, o inventário deste Arquivo, executado por Fernando de Sousa e sua equipe. Porém, a inventariação foi limitada cronologicamente até 1945, porque após, a documentação ligada à atividade da Misericórdia faz parte do "arquivo vivo". No Boletim da ADERAV, em matéria que trata deste Arquivo, salienta-se a importância do acervo, como "... uma autêntica preciosidade para o estudo da nossa Região, em todos os domínios e até nas relações com o estrangeiro, ao longo de vários séculos, nomeadamente, século XVII (e seguintes)...". (BOLETIM DA ADERAV, Ano I, nº 1, JAN/80, s.p.).

- Entidades Culturais

Há, em Aveiro, muitas entidades culturais que são verdadeiros pólos irradiadores de cultura. Entre elas, tem-se as Bibliotecas.

a) A Biblioteca Municipal de Aveiro, criada em 23 de março de 1927, também denominada Biblioteca Aires de Figueiredo Barbosa (um dos expoentes da cultura do fim do século XV e início do século XVII), possui em seu acervo obras clássicas, datando de meados do século XV até o século XIX, denominadas, em seu conjunto, de Livro Antigo.

Segundo Honorinda Cerveira da Costa, em artigo sobre o Livro Antigo da Biblioteca Municipal de Aveiro, tem-se no acervo, quatro livros do século XV - os "Incunábulos": obra de São Tomás de Aquino, editada em 1476, em Veneza; obra de Alberto Magno; obra de Ego Frater Mathias Farinatoris de Wena, editada em 1479 e, por fim um livro de 1480, impresso em Veneza. Há, ainda, referências aos livros do século XVI (com representação mais vasta), e como exemplar mais antigo deste século, uma obra atribuída a São Jerônimo, impressa em Veneza em 1509.

A maioria das obras possuem temas religiosos. Há, também, edições espanholas.

Do século XVII existem alguns exemplares dos clássicos greco-latinos e obras de humanistas. Neste século aparecem exemplares de autores portugueses e espanhóis, tanto laicos como religiosos.

O maior acervo é do século XVIII, com obras monumentais e enciclopédias, além de dicionários. Neste período aparecem, também, reedições de clássicos greco-latinos e, até mesmo, traduções para o português.

Quanto a escritores aveirenses antigos, tem-se: a sexta edição do Itinerário à Terra Santa, de Pantaleão de Aveiro (Lisboa-1732); dois exemplares do Número Vocal de Sebastião Pacheco Varela (Lisboa - 1702 - 1ª ed) e "Virginidos", de Barbuda de Vasconcelos.

Pelo Boletim da Câmara Municipal de Aveiro (Ano VII, nºs 13/14-1989) divulgava-se o acordo firmado com a Fundação Calouste Gulbenkian, para o funcionamento da chamada Biblioteca Itinerante, ou

seja, uma camioneta com livros, em especial literatura infanto-juvenil, cujo acervo é próprio, e que semanalmente percorre localidades do Distrito onde não haja bibliotecas, a fim de atender a demanda de público leitor (principalmente entre os mais jovens).

b) Outra Biblioteca de peso é a da Universidade de Aveiro. Diz-se Biblioteca, porém, na realidade, constitui-se num sistema integrado, sob a responsabilidade técnica dos Serviços de Documentação.

Há a chamada Biblioteca Geral, com fundos bibliográficos de Geociências, Biologia, Ambiente e Ordenamento, Física (alunos), Química (alunos), Cerâmica e Vidro (alunos), Ciências Humanas, Gestão e Planeamento em Turismo, Ciências de Gestão, Engenharia e Gestão Industrial, Economia e ainda, as obras de Referência (enciclopédias, dicionários, repertórios, etc.) e o Fundo Geral.

Possui, ainda, outras bibliotecas a seguir referidas: Biblioteca de Matemática, Biblioteca de Línguas, Mediateca do Centro Integrado de Formação de Professores (CIFOP), Biblioteca de Eletrônica e Telecomunicações.

Com acesso limitado ao pessoal docente e alunos dos últimos anos dos cursos, há as seguintes bibliotecas departamentais: Biblioteca de Cerâmica e Vidro, Biblioteca de Física, Biblioteca de Química.

No seu conjunto, as bibliotecas possuem cerca de cinquenta e seis mil volumes, e cerca de mil e quinhentos periódicos recebidos regularmente por assinatura, oferta ou permuta.

A Biblioteca Geral, as de Matemática, Eletrônica e de Línguas, e a Mediateca do CIFOP, proporcionam, no seu conjunto, um total de trezentos e quarenta e três lugares de leitura.

c) Esse complexo de bibliotecas pertence à Universidade de Aveiro, que foi criada pelo Decreto-Lei nº 402/73, de 11 de agosto, tendo por principais funções a de "... ministrar o ensino superior de curta e longa duração e de pós-graduação, promover a investigação fundamental e aplicada nas diferentes disciplinas científicas e em áreas interdisciplinares e, no âmbito da sua missão de serviço à comunidade,

considerar o estudo da cultura portuguesa". (GUIA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, 90/91-1, p.3).

d) Outro órgão de ensino existente em Aveiro é o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro - I.S.C.A.A.

O Instituto, inicialmente, começou como uma Secção do Instituto Comercial do Porto. Esta fase durou cinco anos.

Quando houve a remodelação, em nível nacional dos Institutos Comerciais, (pelo Decreto-Lei nº 327/76, de 6 de maio) foram criados com a nova designação de "Institutos Superiores de Contabilidade e Administração" apenas quatro - Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, conhecidos pela sigla I.S.C.A.. (BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO, Ano VI, nº 11/88, p.25-319.

e) ISCIA - Instituto Superior de Ciências de Informação e Administração - Estabelecimento privado pertencente à FEDRAVE (Federação para Estudo e Desenvolvimento da Região de Aveiro).

f) Ainda nesse contexto de entidades culturais, outro destaque é o Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian, que foi criado pela Portaria nº 500/85, de 24 de julho, com efeitos a partir de 1 de outubro, convertendo o estabelecimento particular já existe há 25 anos, então denominado Conservatório Regional de Aveiro de Calouste Gulbenkian.

Funcionando dois anos junto ao prédio do Liceu, o Conservatório, depois é instalado noutra prédio, permanecendo de 1962 até 1970. Após, é novamente transferido, agora para instalações definitivas e apropriadas, em local mandado construir para esta finalidade, pela Fundação Calouste Gulbenkian, cuja inauguração ocorreu em 30 de março de 1971.

g) De grande importância cultural é a ADERAV - Associação de Defesa do Patrimônio Natural e Cultural da Região de Aveiro, criada em 3 de maio de 1979, mantendo um tom crítico e ação independente na vida da região de Aveiro, defendendo seus valores naturais e culturais.

A ADERAV não só estimula a produção científica, por meio de estudos de investigação nas áreas de atuação da entidade e os divulga, como também, através de seus baletins, promove a ação cultural integradora com demais entidades culturais.

h) Evidentemente que existem outras instituições voltadas para a cultura em Aveiro, como o Teatro Aveirense, cujo prédio foi adquirido na gestão do então Presidente da Câmara Municipal de Aveiro - Pedro Robocho, Visconde de Santo Antônio que para comemorar a aclamação de D. Pedro V, lançou a pedra fundamental a fim de erguer essa centenária casa de espetáculos, cujas obras tiveram início em 1857 e só foram concluídas entre 1878-80, sendo, então, inaugurado.

i) Quanto a cinemas, Aveiro possui atualmente em funcionamento três: Teatro Aveirense, o Estúdio Oita e o Estúdio 2002.

j) Sobre a dança, esta representa na cidade, uma atividade artística viva e dinâmica.

Existem várias escolas de dança, tanto de bailado clássico, como contemporâneo, grupos folclóricos, etc.

Tanto o ballet clássico como o contemporâneo são muito expressivos em Aveiro.

Existe, a Companhia de Dança de Aveiro, criada em 26 de setembro de 1986, com a finalidade de ensinar e divulgar a dança nas suas variadas formas.

Para se ter uma idéia da variedade de entidades culturais do Concelho de Aveiro, em 1985 foi organizado pela ADERAV e Clube de Galitos, o I Encontro de Colectividades Culturais do Concelho de Aveiro, tendo a intenção de inventariar as possibilidades comuns; analisar a forma como se atua no meio sócio-econômico em que estão inseridas e trocar impressões sobre a realidade cultural do Concelho. Estiveram presentes vinte e duas coletividades, agrupadas da seguinte maneira: Teatro e Artesanato; Música Tradicional e Coral; Folclore e Etnografia; Cinema; Fotografia; Filatelia e Numismática.

Percebe-se, pois, que há muitas associações culturais e recreativas no Concelho, sem contar as

agregações cujo objetivo principal é a prática desportiva, mas também tem a sua vertente cultural e recreativa.

O que se fez até aqui foi salientar alguns aspectos do patrimônio cultural aveirense, com seus imóveis, museu, arquivos, bibliotecas, universidades, conservatório de música, teatro, cinemas, danças e outros.

- Artes Plásticas

A Galeria Museu Municipal foi inaugurada em 12 de maio de 1986 e destina-se à exposições temáticas, temporárias, e a incentivar os valores artísticos. A gestão é da Câmara Municipal, por meio do Pelouro da Cultura.

Pelo Boletim da Câmara Municipal (Ano IV, nº 8/86, p. 57), onde está publicado o regulamento da Galeria, tem-se:

"A Galeria Municipal de Aveiro é um espaço que pretende ser um meio de dinamização da cultura, pela realização de exposições, colóquios, conferências, recitais e de outro tipo de manifestações culturais".

Estando em localização privilegiada, tem contribuído para afluência de público e a procura, por parte dos artistas, para exporem suas obras.

Já em 1882 tinha-se: "... O Grémio Moderno assumiu a responsabilidade de organizar «uma exposição de objetos de arte decorativa, e produtos das indústrias actuais do distrito, a fim de melhor se compararem as grandezas do passado, com as maravilhas do presente», estava também no espírito da agremiação associar-se, dessa forma às grandes celebrações nacionais do Primeiro Centenário da morte do Marquês de Pombal, a quem se devia a elevação de Aveiro à categoria de cidade". (ADERAV, Jul/1983, nº 9, p. 2).

Outro evento de importância para as artes plásticas em Aveiro, é a Bienal Internacional de Cerâmica Artística, iniciada em 1989.

Essa I Bienal contou com 425 obras inscritas e 170 admitidas, correspondendo a 116 inscrições, com 84 de Portugal, e as demais distribuindo-se, pela

República Federal da Alemanha, Bulgária, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Espanha, Finlândia, Holanda, Iugoslávia, Polónia, República Democrática Alemã e Suíça.

Cabe ainda salientar que na cidade há cinco galerias de exposições permanentes, sendo quatro delas pertencentes a entidades privadas, além da Galeria Museu Municipal já anteriormente referida.

Material Impresso e Literatura

Quando foi referido o acervo da Biblioteca Municipal de Aveiro e seus "Livros Antigos", em parte, já foram citados alguns ilustres escritores aveirenses, porém nunca é demais referir a esses estudiosos que, há muito, elevaram o nome de sua terra.

Cerqueira já reconhecia isso quando escreveu: "Conhecem-se desde o século XVI relevantes figuras aveirenses de escritores. Bastará, creio bem, na circunstância, citar o Pe. Fernando (ou Fernão) de Oliveira - o primeiro dos gramáticos da nossa língua, e também o primeiro nautógrafo e o mais antigo tratadista na construção naval de Portugal...". (ADERAV, dez/82-fev/83, p. 22).

Tem-se um Francisco de Souza Tavares, mais tarde tornado frei, com o nome de Frei Luís de Sousa, dominicano, e conhecido como escritor e cronista da Ordem. Em 1563 foi publicado o livro - "Tratado dos Descobrimentos, antigos e modernos".

Mais célebre é o nome do aveirense Frei Pantaleão de Aveiro, que partindo em 1563 para a Palestina, ao voltar escreveu o seu "Itinerário da Terra Santa".

O Jesuíta Pe. António da Silva e Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos são contemporâneos. O primeiro escreveu - "O Sol do Oriente", e o segundo, o poema "Virginidos", ou "Vida da Virgem Senhora Nossa", impresso em Lisboa, em 1668.

Outro famoso escritor foi Cristóvão de Pinho Queimado, que escreveu "Memória sobre a Vila de Aveiro", concluída em 1687, porém só publicada quase 200 anos após, em 1864, no periódico "Campeão das Províncias".

Há muitos escritores aveirenses, e a produção

literária é muito vasta. Os citados são apenas exemplos de como as letras são tradicionais em Aveiro.

A imprensa também se destaca, veiculando idéias, construindo e narrando a história.

"A mais antiga folha impressa em Aveiro chamouse Boletim de Notícias e foi distribuído, pela primeira vez, em 11 de outubro de 1846; saiu de uma rudimentar tipografia de que dispunha o próprio Governo Civil". (GASPAR, 1983, p. 158-9).

Informa, também, que desde então, surgiram, entre publicações diversas, jornais, revistas e outros, por volta de centena e meia de títulos - "o que traduz a enérgica vitalidade da nossa Imprensa". (IDEM, p. 158).

Especificamente sobre jornais, o primeiro tipicamente aveirense foi o "Campeão do Vouga, surgindo em 14 de fevereiro de 1852, por iniciativa de Manuel Firmino de Almeida Maia.

Cerqueira diz que esse jornal "... viria a ter uma edição exclusivamente para o Brasil, e foi, não só dos mais antigos do país, e o de maior formato...". (ADERAV, dez/82-fev/83, p. 22 a 25).

Muitos outros jornais surgiram e desapareceram, porém: "Cada jornal desempenhou a sua função, exerceu a sua obra de aliciamento, respondeu aos gostos e necessidades de um certo número de leitores". (GASPAR, 1983, p. 161).

Eventos

O calendário de eventos do município traz atividades que não apresentam apenas um cunho de mera exploração econômica e turística, mas também ressaltam os aspectos culturais intrínsecos, que são preservados e dinamizados.

As atividades são repensadas anualmente, mas marcam sempre suas presenças. Os aspectos econômicos e turísticos foram ressaltados em outro item deste trabalho. Pelos valores culturais de que se revestem, são citados alguns exemplos: a. Feira de Março, Feira do Livro, Feira de Artesanato da Região de Aveiro, Festas do Município e Salão de Antiguidades.

Desportos

As atividades desportivas em Aveiro são variadas, porém uma das mais apaixonantes é o futebol e, neste esporte, Aveiro teve papel marcante. João Sarabando escreve: "Insofismável se torna que a cidade de Aveiro desempenhou papel de relevo na expansão do futebol, designadamente no que concerne às regiões do norte e do centro do país. Pioneira, portanto, com poucas localidades mais, do jogo que, ganhando fundas raízes, viria a figurar, entre todos, como o de maior fascínio. Bastará referir-se que o I Porto-Lisboa decorreu em 2 de Março de 1894 e o segundo encontro inter-cidades, o I Aveiro-Coimbra, seria disputado sem longas demoras, concretamente no dia 13 de maio do mesmo ano...". (ADERAV, set/86, nº 15 especial, p. 13).

Dessa tradição futebolística, existe hoje o clube de futebol profissional de Aveiro - o Sport Clube Beira-Mar.

Mas, não é somente de futebol que vive o desporto em Aveiro. A Câmara Municipal procura incentivar o desporto como um todo, e, segundo Boletim Informativo (Jan/91, p. 5), ela está a colaborar "... quer em acções que visem o espetáculo desportivo com interesse turístico para a nossa cidade, quer em acções que vão ao encontro do fomento de actividades desportivas ligadas ao meio aquático".

PELOTAS

"As sociedades que existem actualmente nas diversas regiões da Terra, embora apresentem as mesmas características gerais, possuem cada uma delas um estilo de vida próprio, um comportamento colectivo particular, que as individualiza e caracteriza. Ora, este conjunto de elementos caracterizadores de uma sociedade, é a sua cultura". (AMORIM, 1987, vol.1, p. 75).

Pelotas, como já foi evidenciado pela sua parte histórica, possui características culturais tão próprias que a salienta do restante do Estado do Rio Grande

do Sul, sendo cognominada de "Atenas Rio-grandense".

- Patrimônio Cultural

"A preservação do patrimônio tem sido preocupação constante da Administração Municipal - que, através da FUNDAPEL, vem desenvolvendo um trabalho importante na recuperação dos prédios com valor histórico e cultural". (VAROTO, 1988, p. 32).

Pelotas possui, além de monumentos, muitos prédios tombados, ou seja, aqueles que, pelo seu valor histórico-artístico e cultural, estão sob proteção de lei e não podem ser demolidos.

- Imóveis Históricos

"Basta um passeio pelas ruas centrais de Pelotas para se verificar em alguns de seus prédios mais antigos o registro de um apreciável legado cultural". (I.T.E.P.A., 1987, p. 24).

Não sendo pretensão arrolar todos os prédios e monumentos, alguns são citados à título de exemplificação, tais como: Conjunto de Prédios Neoclássicos da Praça Coronel Pedro Osório, Theatro Sete de Abril, Caixa d'água, Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas (ICH), Mercado Público Municipal, Igreja Episcopal do Redemptor, Teatro Guarany, Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório, Clube Caixeiral, Clube Comercial, Catedral São Francisco de Paula, Colônia de Férias Dona Branca Dias Mazza e Obelisco.

- Museus

Pelotas possui cinco museus, tanto históricos, como voltados para as artes e para ciências naturais. São eles:

a. O Museu Municipal Parque da Baronesa que, juntamente com o parque compõem um conjunto harmônico.

O solar foi adquirido pelo Coronel Aníbal Antunes

Maciel em 10 de junho de 1863, doando a seu filho Aníbal Antunes Maciel (Barão dos Três Serros). Foi restaurado pela Prefeitura e entregue pela comunidade em 1982. O prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico do Município.

Este solar está rodeado pelo parque, cuja área é de aproximadamente 7 hectares, destinando-se ao lazer.

Já o solar, do século XIX, possui materiais de acabamento importados da Europa, como por exemplo, os azulejos franceses e portugueses. A área construída é de 820 m², com 12 peças e um algibe para abastecimento de água.

Contando com um acervo de aproximadamente 790 peças, destaca-se: o mobiliário do século passado.

Possui preciosidades tais como as carruagens fúnebres, que foram utilizadas até o fim da década de 1960 em Pelotas.

b. O mais antigo museu de Pelotas é o Museu Histórico da Biblioteca Pública, onde há livros, atas, documentos, etc. contendo a História do Município, fotografias antigas, moedas, fardas das campanhas militares do século passado e demais objetos.

c. Voltados para as Ciências Naturais, tem-se: Museu Professor Carlos de Moraes - que foi um dedicado estudioso de História Natural. Este museu está, também, a serviços do Patrimônio Histórico e Artístico de Pelotas. Possui um acervo de peças da coleção particular do patrono, que foram doadas ao município por sua viúva. São basicamente peças arqueológicas e de História Natural, além de livros e documentos históricos.

d. Museu Carlos Ritter - que pertence a Universidade Federal de Pelotas. Possui um acervo de aves representativas da região. Há peças centenárias que faziam parte da coleção particular do patrono e que foram doadas ao museu. Há uma coleção de oito mil espécies de insetos, adquiridas do Professor Ceslau Biezanko.

e. Voltado para as Artes Plásticas, há o Museu de

Arte Leopoldo Gotuzzo, da Universidade Federal de Pelotas - MALG. Foi inaugurado em 1986.

O Museu é composto por: Setor de Mostras, Setor dedicado a Arte Educação (com a finalidade de estabelecer ligações entre o museu e a escola, com salas para palestras, projeções, atividades de livre-expressão, etc.), Setor de Documentação e Pesquisa e Setor de Conservação e Restauo - (cujo objetivo é a sistemática revisão do acervo exposto e das obras da Reserva Técnica. O laboratório de restauro iniciou suas atividades em 1982).

O acervo é de 450 peças, com quatro coleções. Possui quadros, esculturas e desenhos, além de objetos, móveis e documentos que pertenceram ao patrono.

Coleção Gotuzzo - é a mais importante do museu, reunindo os trabalhos mais representativos do pintor, que figura entre os nomes importantes das artes plásticas no Brasil.

Coleção Trápaga Simões - reúne quadros europeus de ótima qualidade.

Coleção João Gomes de Mello - foi entregue a Escola de Belas Artes em 1970. Reúne quadros de pequenas dimensões, do início do século, assinados por importantes nomes, como Heitor de Pinho, Benamino Parlagrecco, Libindo Ferraz, Armando Vianna, José Maria Almeida, Edi Caroldo Filho, e outros.

Coleção Contemporâneos - formada por doações isoladas de artistas, na maioria pelotenses. Reúne obras de importância, como esculturas de Antônio Carangi e estudos de Aldo Locatelli, etc.

(TEXTO PARA A ENCICLOPÉDIA DAS ARTES PLÁSTICAS E VISUAIS NO BRASIL - Edição de Waldir Ayala - UFPEL, s.d.).

- Arquivo

Na cidade de Pelotas, somente no presente está a se constituir um Arquivo Municipal e, espera-se que com a experiência Aveirense, tais informes possam vir a servir de modelo e orientação para esta comunidade.

Gozando o "status" de Arquivo, existe o do

Bispado de Pelotas, localizado à Praça José Bonifácio, junto a Catedral. Possui registros paroquiais desde o século XVIII até 1891, ano em que foram instituídos constitucionalmente, os chamados "Registros Cívicos".

O acesso ao público é reservado, sendo necessária solicitação por escrito. Os registros paroquiais abrangem não só o município, mas toda a área da Diocese de Pelotas.

- Entidades Culturais

a. A Biblioteca Pública de Pelotas representa um patrimônio cultural e ponto de atração turística, especialmente pela riqueza de seu acervo, que, em 1922 já era apontado como constituído por mais de 30.000 volumes. (OSÓRIO, 1922, p. 181, nota 1).

Foi fundada em 14 de novembro de 1875, por iniciativa de um grupo de cidadãos, liderados pelo redator do Correio Mercantil, Antônio Joaquim Dias. Em 1878, João Simões Lopes, Visconde da Graça, inaugurava os alicerces da construção na Praça D. Pedro II (hoje Coronel Pedro Osório).

"Benemérita Instituição, a primeira de instrução gratuita fundada na província pela iniciativa individual, foi (14 de novembro de 1875) a Biblioteca Pública Pelotense". (OSÓRIO, 1922, p. 181).

Há outras bibliotecas em instituições públicas e privadas, merecendo atenção a Biblioteca Geral da Universidade Católica de Pelotas e, pelo nível técnico que apresentam, as da Faculdade de Direito e da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, ambas da Universidade Federal de Pelotas.

b. Já anteriormente referida, a Universidade Católica de Pelotas - UCPEL - foi criada pelo Decreto-Lei nº 49.088, de 7 de outubro de 1966, e instalada em 22 de outubro. Foi a primeira Universidade do interior do Rio Grande do Sul.

De seu núcleo inicial faziam parte a Faculdade de Filosofia de Pelotas, com 10 cursos; a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé (com dois cursos); e a Faculdade de Direito de Rio Grande. Tanto as Faculdades de Bagé, como a de Rio Grande, posteriormente transformaram-se em Universidades -

a Fundação Universidade de Bagé - FUNBA; e a Fundação Universidade de Rio Grande - FURG.

A Universidade Católica manteve curso de Ciências Contábeis em Camaquã, e Ciências Econômicas em São Gabriel, que originaram, também, outras Instituições de Ensino Superior.

c. Já a Universidade Federal de Pelotas, foi criada pelo Decreto-Lei nº 750, de 8 de agosto de 1969, sendo órgão da administração federal indireta. Suas origens remontam ao século passado, quando foi criada a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Ainda do núcleo formador, também pertenciam as Faculdades de Direito (1912), e a de Odontologia, sendo que esta remonta historicamente, às atividades da maçonaria em Pelotas. Ao criar-se o «Gymnasio Pelotense», em 1902 sendo em 1906 equiparado ao «Gymnasio Nacional», passa a administração do Município. Anexas, foram criadas as Escolas de Farmácia e Odontologia. (OSÓRIO, 1922, p. 183).

A Universidade oferece cursos de graduação, pós-graduação e extensão e, ainda incorporados a ela, tem-se o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, e o Conservatório de Música (ambos com ensino de 2º grau).

d. O Conservatório de Música, hoje vinculado a UFPEL, foi fundado em 4 de junho de 1918, por iniciativa de um grupo de ilustres pelotenses, como o Dr. Francisco Simões, Leopoldo e Miguel de Souza Soares, Pedro e Manuel Luiz Osório, Victor Russomano, Francisco Rheingantz, entre outros.

Os trabalhos começaram efetivamente, a 18 de setembro, sob a orientação artística de Antônio Leal de Sá Pereira.

Foi municipalizado em 1937, tornando-se órgão integrante da Prefeitura, o que muito contribuiu para seu desenvolvimento.

Após Sá Pereira, tem-se Milton de Lemos, "... criador e dinamizador da Sociedade de Cultura Artística, que levou a Pelotas grandes artistas como Artur Rubinstein, Alexandre Brailowsky, Gieseguig, Bidu Sayão, Emil Frey, Friedman, Bachaus, Claudio Arrau, Madalena Tagliaferro, Lea Bach e Segóvia". (VAROTO, 1988, p. 33).

Pelotas salienta-se na música, tanto instrumental como vocal. É da cidade o soprano de fama internacional - Zola Amaro, bem como a conhecida nacionalmente Ruth Ferreira Gebler.

"São frequentes os saraus artísticos, com artistas locais e de outras regiões. Há, ainda, a realização anual do Encontro de Corais, bem como festivais de música nativa, destacando-se A Charqueada da Canção Nativa, promovida pelo Colégio Gonzaga". (I.T.E.P.A., 1987, p. 24).

e. Como entidade cultural recente, tem-se o Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, que com pouco tempo de existência, já tornou-se um pólo irradiador de cultura não só em Pelotas, mas em toda a zona sul. Dedicando-se aos estudos de microhistória e de geografia, tem marcado presença em todos os eventos de entidades congêneres no Estado. Sua atuação é reconhecida pela competência e seriedade com que realiza seus objetivos. A título de exemplo, foi o responsável pela recriação dos "saraus", marca registrada da atividade cultural pelotense dos séculos passados. Anualmente, nos festejos da Semana de Pelotas, e aniversário do IHGPEL, o sarau organizado já se tornou nota de destaque dessas festividades.

f. A vida cultural pelotense é intensa e variada, pois há infraestruturas que garantem os eventos. São os Teatros como o Sete de Abril, o Guarany, o Avenida, o Anfiteatro do Colégio Pelotense, o Teatro do Colégio Gonzaga, do Colégio São José, do Círculo Operário Pelotense, entre outros.

g. Há os cinemas como o Tabajara, Guarany, Pelotense, Rei e Capitólio. Inúmeros bares, boates, praças públicas que aglutinam a recreação e a cultura.

h. Cultura essa, expressa também através da dança.

"As diversas academias de danças mantêm o prestígio deste gênero artístico, com apresentações aqui e fora de Pelotas, que em nada ficam devendo às grandes capitais.

O Grupo Ballet de Pelotas foi criado em 1972, estando sempre em atividade, excursionando pelo Brasil. Foi criado por Dicléia Ferreira de Souza, que há trinta anos dedica-se ao ensino de balé.

Outra escola de balé clássico em Pelotas com prestígio e fama no Estado Gaúcho é a de Antônia Caringi Aquino.

i. Outras entidades sócio-culturais existem, umas antigas e outras recentes, com as mais variadas finalidades. Por exemplo, cita-se uma entidade de vanguarda para a época:

i.1. Sociedade Protetora dos Animais, criada em 25 de maio de 1911, com sede na Sociedade União Gaúcha. O seu primeiro presidente foi João Simões Lopes Neto. (OSÓRIO, 1922, p. 216).

i.2. Há, também, os Clubes Sociais, como Brilhantes, Diamantinos, Dunas, Clube Esportivo Gonzaga, Sociedade Libanesa, Sociedade Recreativa 15 de Julho, Clube Comercial, Parque Tênis Clube, Laranja Praia Clube, Clube Caixeiral, Círculo Militar, Clube Chove não Molha, Clube Fica Aí e o Centro Português 1º de dezembro.

Dentre esses, cabe referir a atividade e importância do Centro Português como elemento aglutinador de imigrantes e como centro de cultura na cidade de Pelotas.

"A difusão da cultura portuguesa é essencial para um país que, como Portugal, se prolonga nas muitas comunidades que tem em todo mundo, inseridas em sociedades de acolhimento que logicamente terão disponibilidade para a receber. Comunidades que se querem afirmativas, coesas, fortes e identificadas com as suas raízes. Comunidades que se querem integradas nos valores portugueses e aceites nas sociedades de acolhimento pois só assim poderão servir seus próprios interesses e os do país a que pertencem". (LOUREIRO, 1985, p. 385).

i.2.1. O Centro Português 1º de Dezembro surgiu da fusão de duas instituições: "O Congresso Português 1º de Dezembro", fundado em 1850 foi influência de imigrantes de tendência monárquica, e o "Grêmio Republicano Português" fundado em 1901 que, como o nome indica, possuía tendências republicanas. Em 9 de março de 1924, por iniciativa de Francisco Alves

de Carvalho, as duas agremiações opostas se reúnem na "Caixa de Socorros Marquês de Pombal", outra instituição portuguesa antiga e, ao trocarem idéias, surge o interesse em fundir as duas entidades. Em assembléia (24 de janeiro de 1926), no Congresso Republicano Português, presidida pelo Dr. Álvaro Silva, foi finalmente fundado o Centro Português 1º de Dezembro. Assim, inicia-se a construção da atual sede centro, em estilo manuelino.

Esse clube sediou em 1989 a reunião do cone sul, ou seja, das Comunidades Portuguesas do Sul do Brasil, da Argentina e do Uruguai (região do Prata), com o objetivo, entre outros, de fortalecer a influência dessas comunidades e, assim, ter voz mais forte na defesa de seus próprios interesses.

i.2.2. Acima referiu-se aos Centros de Tradições Gaúchas (CTG). Estas instituições, existentes em todo o Rio Grande do Sul, e fora dele, têm por finalidade cultivar as tradições gaúchas. Possuem sedes sociais muito frequentadas e promovem atividades que vão desde os "rodeios crioulos", até os bem frequentados "fandangos", e os "bailes da Prenda Jovem".

A título de exemplo, tem-se a União Gaúcha fundada em 10 de setembro de 1899, que: "Coelho Neto chamou a União Gaúcha de Pelotas - arca das tradições rio-grandenses". (OSÓRIO, 1922, p. 159).

- Artes Plásticas

A cidade possui mais de dez galerias de arte em permanente funcionamento, o que atesta a produção dos artistas plásticos locais, os quais também levam seu talento à outras cidades do País e exterior.

A Escola de Belas Artes de Pelotas, fundada em 1949, voltada para as artes plásticas, teve como um de seus fundadores, o pintor italiano Aldo Locatelli, que também executou obras de pintura na Catedral de Pelotas, na Igreja de São Pelegrino (Caxias do Sul), além do mural do aeroporto Salgado Filho (Porto Alegre) e o mural sobre a imigração e colonização italiana, no Centro Administrativo Municipal de Caxias do Sul.

A Escola foi incorporada a UFPEL, dando origem ao Instituto de Letras e Artes - I.L.A.

Além de Locatelli, outros nomes expressivos nas

Artes Plásticas, em nível, gaúcho são: Leopoldo Gotuzzo (hoje patrono do museu da UFPEL), que ainda jovem foi para Roma e, depois, Madri, de onde enviou seus primeiros trabalhos premiados pela Exposição de Belas Artes do Rio de Janeiro. Há, também, o escultor Antônio Caringi, com obras não só em Pelotas, como também na capital do Estado.

Cabe salientar que a primeira exposição de Belas Artes no Estado do Rio Grande do Sul foi em Pelotas, na Biblioteca Pública, em favor do Asilo de Mendigos. (OSÓRIO, 1922, p. 226).

- Material Impresso e Literatura

Pelotas sempre se destacou nas letras, obtendo projeção com o poeta Lobo da Costa, nascido em 1853 - sendo o maior romântico do Rio Grande do Sul. O maior folclorista gaúcho, também é da cidade - João Simões Lopes Neto, com seus famosos "Contos Gauchescos" e "Lendas do Sul", já traduzidos para o italiano e alemão.

Nas letras jurídicas, nomes importantes existem e, por exemplo, cabe salientar Ferreira Viana, advogado, Conselheiro do Império, a quem coube a redação e assinatura, em 1888, do famoso texto da "Lei Áurea", que declarava extinta a escravidão no Brasil.

"Em altas instituições literárias do paiz tem sido premiada, no seus homens representativos, a cultura pelotense; e daria assumpto para muitas páginas a obra de publicista de Ferreira Vianna, nos domínios políticos..." (OSÓRIO, 1922, p. 197).

Há outros nomes, como do deputado Victor Russomano, autor da "... «Emancipação Social da Mulher» livro vulgarizado na Europa, seguido da «História Natural do Educando»...". (Idem, p. 197). São obras tanto literárias como técnico-científica, nos mais variados campos, como medicina, engenharia, direito, etc.

Quanto à Imprensa: "O primeiro jornalista brasileiro é igualmente gaúcho - Hipólito José da Costa". (BARBOSA, 1985, p. 145). Ainda salienta: "Em 1884 aparecia «A Federação». Nesse ano circulavam na Província cinquenta e seis jornais, sendo dezoito diários, cinco em Porto Alegre, cinco em Pelotas e três em Jaguarão". (Idem, p. 147).

Convém fazer-se um breve histórico do Patrono da Imprensa Brasileira - Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nascido em 25 de março de 1774 e falecido em 1823. Nasceu na Colônia do Sacramento (território, à época, pertencente ao Rio Grande do Sul) e, com 4 anos de idade vai para Pelotas.

Desde 1805 estava em Londres como professor de línguas. Fundou o «Correio Brasiliense», ou «Armazém Literário», em fascículos mensais de umas oitenta páginas, que circulou de 1 de junho de 1808 até dezembro de 1822 - foi o primeiro órgão da imprensa brasileira que iniciou uma luta pela emancipação das colônias americanas e pelas causas da independência do Brasil e abolição da escravatura. Foi também, autor de várias obras importantes. Faleceu em Londres, e seus restos mortais estão na igreja de Humley.

Sobre os jornais impressos em Pelotas, tem-se que, em 1851, o tipógrafo Cândido Augusto de Mello fundou, em 7 de novembro, o "Pelotense", cuja publicação (em prélo de madeira), cessou em 21 de março de 1855.

Após, há uma lista imensa de jornais, revistas e periódicos. É de se salientar o jornal de cunho republicano, fundado em 27 de agosto de 1890 - ainda circula hoje em Pelotas - é o centenário "Diário Popular", um dos mais antigos do país em circulação constante.

- Eventos

O turismo, em Pelotas, conta com fluxos provenientes do Uruguai e Argentina. Com isso, o órgão ligado à Prefeitura, que coordena as ações no setor cultural e de turismo é, além da Fundação de Lazer e Turismo de Pelotas - FUNDAPEL, o Conselho Municipal de Turismo, organizador de um calendário de eventos bem variado, afora as atividades desenvolvidas por outras instituições, porém, com o apoio do município: são, por exemplo, a Feira das Nações, os Kerbs, Encontro de Coros, Competições e Torneios Esportivos, Rodeios Crioulos, festas coloniais, o dia das Comunidades Portuguesas, etc.

Especificamente, tem-se como eventos: O Festival

de Teatro de Pelotas; a Festa Nacional do Doce - FENADOCE; a Feira de Artesanato (semanal) a "Semana de Pelotas" e, a mais marcante - o Carnaval, que até mesmo originou clubes sociais, como por exemplo, o Clube Diamantinos, fundado em 1906, com a intenção de brincar nas festas de momo.

Outros clubes sociais, também, abrem espaço para atividades carnavalescas, daí a haver o dito "carnaval de salão" e o "carnaval de rua". Desse modo, o carnaval pelotense adquiriu prestígio nacional, e também junto aos Países do Prata.

- Desportos

Tal como em Aveiro, Pelotas possui muitas atividades recreativas e desportivas, abrangendo um grande leque de modalidades. Muitos clubes possuem ótimas instalações para a prática de esportes, desde campo de golfe, até piscinas térmicas.

Incluindo os clubes sociais, esportivos e instituições educacionais, há em Pelotas, quinze estádios cobertos, alguns com canchas polivalentes.

Há, também, um total de onze entidades com piscinas, em que pese a proximidade da cidade com as praias do Laranjal.

A cidade tem sido sede de vários certames de âmbito estadual e nacional. Há competições que marcam o calendário esportivo e turístico da cidade, como o Torneio Internacional da Páscoa, de tênis, promovido pelo Parque Tênis Clube; o "Grande Prêmio «Princesa do Sul»", promovido pelo Jôquei Clube de Pelotas; provas de kart, de motocross e bicross (etapas do campeonato gaúcho), promovidos pela Associação Pelotense de Automobilismo, e o Torneio Internacional de Pesca do Valverde Praia Clube.

Há três clubes que desenvolveram o futebol profissional - Pelotas, Brasil e Farroupilha, todos com estádios próprios e participando de certames estaduais.

Se em Aveiro a 1ª partida de futebol ocorreu em fins do século passado, em Pelotas, ocorreu em princípios deste século - em 6 de outubro de 1901, por iniciativa da União Gaúcha, em comemoração de seu segundo aniversário. Foi realizada no Parque

Pelotense, com dois times do Sport Clube Rio Grande.

Já em 1º de janeiro de 1906 fundava-se o Sport Club União. Em 10 de janeiro de 1906, o Club Sportivo Internacional e, em 27 de maio de 1906, o Foot-Ball Club.

Por iniciativa do Sr. Leopoldo de Souza Soares (presidente do Foot-Ball Club) foi criada, em 1907, a Liga Pelotense de Foot-Ball, a primeira a surgir no Estado, integrando os três times.

Quando houve a fusão do Club Sportivo

Internacional com o Foot-Ball Club, surge em 11 de outubro de 1908 o Sport Club Pelotas, porém ficando acertado como data de fundação a de 12 de outubro de 1908. Já, em 25 de outubro, eram inauguradas as instalações do novo clube, aí com a presença do Sport Club de Rio Grande.

Dessa forma, salienta-se que, tal como Aveiro, o esporte mais apaixonante da cidade de Pelotas, também é o futebol.

bibRIA

VI. ASPECTOS RELIGIOSOS

AVEIRO

"A religião, a par da moral e do direito, desempenha relevantes funções reguladoras da sociedade. Isto porque a religião construiu no passado e continua a modelar no presente conjuntos culturais, que determinam a visão do mundo e o comportamento dos indivíduos". (AMORIM, 1987, vol.2, p. 236-7).

Portanto, embora fazendo parte do arcabouço cultural, os aspectos religiosos, por serem tão próprios, estão sendo vistos à parte, neste sub-item.

A nação portuguesa já nasceu sob a égide do cristianismo. São as lutas pela reconquista cristã que permitiram a formação da nacionalidade. Toda área que caía sob a autoridade de bispos e condes, vassallos do rei de Leão, já sendo, denominada de "Portucal".

A história aveirense também está marcada pela influência eclesiástica, já que suas terras foram doadas pela Condessa Mumadona Dias, ao Mosteiro de Guimarães.

Após a reconquista de Coimbra aos mouros, em 1064, por D. Fernando Magno, rei de Leão e dada a extensão da diocese, foi necessário escolher pessoas que coadjuvassem o Bispo. O território de Coimbra estava dividido em três regiões, além da cidade: o Arcediagado do Vouga (ocidente setentrional), o Arcediagado de Penela (ocidente meridional), e o Arcediagado de Seia (na parte oriental).

Sobre o Arcediagado do Vouga, primeiro com sede em Esgueira e, depois, em Aveiro, este abrangia 145 freguesias. (GASPAR, 1983, p. 114).

Já Oliveiros, referindo-se a Igreja Matriz de São Miguel, cujo templo diz que talvez tenha existido desde o século XI ou "... até mesmo desde séculos mais recuados...".

"Fundado cerca do ano de 1086, pelo conde D. Sernando segundo versão de alguns investigadores, assistiu à todas as glórias e a todas as vicissitudes dos

aveirenses". [...] "Era um edifício grande, sem naves, de pedra e cal, e tinha no frontispício um painel de São Miguel com moldura dourada". (BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO, Ano II, nº 4, 1984, p. 26).

Até 1572, em Aveiro só existia a Freguesia de São Miguel e que "D. João Soares, Bispo de Coimbra, havendo voltado do Concílio Tridentino, fez uma visita pastoral, tendo mandado, previamente, tirar um rol da população das freguesias de sua diocese". Reconhecendo que Aveiro havia crescido no número de fiéis, determinou a divisão em 4 freguesias. Ficou São Miguel como matriz e, após priorado; as outras ficaram vigarias, a saber: Vera Cruz, Espírito Santo e São Gonçalo. (QUADROS, 1984, p. 53).

A confraria do Santíssimo Sacramento, sendo a mais respeitável da Igreja de São Miguel, costumava fazer as festividades não só de Santos Reis, como da Semana Santa. "Na sexta-feira santa fazia a procissão do Enterro que percorria as ruas principais da freguesia". (Idem, p. 64).

A Diocese de Aveiro foi criada em 25 de abril de 1774, pelo breve "Militantes Ecclesiae Gubernacula", deferido pelo Papa Clemente XIV e ficou, o padroado, pertencendo ao rei. O primeiro bispo foi D. Antônio Freire Gameiro de Sousa, mas, impossibilitado de governar a diocese, foi substituído por D. Antônio José Cordeiro, entretanto eleito bispo.

Esta mesma diocese foi extinta em 1881, pela bula "Gravissimum Christi", de 30 de setembro, juntamente com outras, sendo anexada a de Coimbra. Somente em agosto de 1938, volta Aveiro a ser sede episcopal, pela bula "Omnium Ecclesiarum", de Pio XI. O primeiro bispo nesta segunda fase de diocese foi D. João Evangelista de Lima Vidal. Seguem-se outros prelados e, atualmente, o bispado está sob a orientação de D. Antônio Baltasar Marcelino.

Basta observar o patrimônio arquitetônico de Aveiro, para vislumbrar-se a importância da religião: a maioria de seus monumentos são capelas, igrejas, e o Mosteiro de Jesus, onde encontra-se o túmulo de Santa Joana Princesa, a qual o Papa Paulo VI, em 1965, constituiu e declarou padroeira principal da cidade e da Diocese de Aveiro.

Também pelo Recenseamento Geral da População e Habitação (1981) referente a religião das

pessoas com mais de doze anos, tem-se o quadro abaixo.

Quadro 17. RELIGIÃO NO DISTRITO DE AVEIRO

Locais	Total	Católica	Ortodoxa	Protestante	Outras Cristãs	Judaica	Muçulmana	Outras N/Cristã	S/Rel.	N/Respondeu
Distrito Aveiro	487.148	431.163	131	2.185	2.234	201	89	104	3.761	47.278
Concelho Aveiro	48.049	41.209	22	594	323	20	15	19	862	4.915

Fonte: Recenseamento Geral da População e Habitação/1981.

Católicos, no Concelho de Aveiro, representam 85,76%, e no Distrito, eles representam 88,50%. Dentre os que não responderam, no Concelho (10,22%), poderão estar, ainda, incluídos católicos, bem como no Distrito (9,70%). Os que se declaram sem religião, correspondem, em nível de concelho, a um percentual baixo (1,79%), assim como em nível distrital (0,77%). Seguem-se os que professam a religião protestante (1,23%), e os que possuem outra religião cristã (0,81%). Em nível de distrito, ao contrário, o percentual relativo à outra religião cristã (0,45%), é maior do que o referente ao protestantismo (0,44%).

Esses números são apenas indicativos de uma exterioridade religiosa, assim como também o são as chamadas "alminhas", que seriam: "De origens tantas vezes remotas que se perdem nos confins das histórias quer mais recentes, postam-se em encruzilhadas de caminhos rurais, em ermos ou junto de povoações ou ainda encontradas em paredes de casas, lembrando misérias humanas". (NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p.31).

As alminhas tanto podem ser de madeira, azulejo, tela ou estuque. São elementos figurativos com imagens de santos, ou outras cenas religiosas. Podem ser em esculturas em pedra, apresentando-se em oratórios.

Presentemente, a tradição está desaparecendo, porém ainda podem ser encontradas nos caminhos, ou no perímetro urbano, geralmente em azulejos, representando os santos de devoção: Santo Antônio, N.S. Fátima, São João, etc.

A dita exterioridade religiosa já é salientada em estudos, tais como o de Mesquitela Lima, a respeito da família e a mulher portuguesa. Vislumbrando a sociedade camponesa, salienta que os aspectos

relacionados com a religião e o sagrado, área predominantemente masculina, estão nas "mordomias", "nos pagamentos das festas anuais" e na "Igreja"; sendo que a área predominantemente feminina está na igreja, "mais ainda o «sagrado de margem»", na "bruxaria e curandeirismo", nos "encantos" e nos "maus olhados".

Diz, em comentários finais, que os homens dominam o corpo institucional da comunidade, "quer no âmbito político, quer no do religioso. São os detentores formais da autoridade..." (LOUREIRO, 1985, p.210-12).

Tal fato foi observado "in loco" pelas autoras, quando das diferentes festividades (desde a Festa de São Gonçalinho, até as da Semana Santa), em que há uma presença marcadamente masculina, tanto na organização, como na exterioridade da pompa dos atos solenes.

Referindo-se às procissões, o aveirense é cidadão que sempre foi seduzido por elas quer pela fé ou, até mesmo, pela exterioridade da pompa, onde os atos religiosos sempre primaram pela ordem, pelo cuidado até mesmo nos pormenores de esmero e luxo. (CERQUEIRA, 1967, p.5).

Referentes as mais importantes festas religiosas, tem-se o Natal que nem sempre é festejado de igual maneira no país, porém há um aspecto constante, ou seja, a Missa do Galo, celebrada à meia-noite de 24 para 25 de dezembro. Diz-se "... Missa do Galo, porque, sendo os galos os cantores da madrugada e como acordavam a ouvir o povo que ia ou vinha da missa, punha-se a cantar confundidos de que já estavam na hora de despertar". O autor ainda fala do costume moderno de usar-se pinheiros enfeitados, uso que nunca foi tradicional no país. (CONDE, 1984, p. 109).

Uma das tradições que ainda se mantém em Aveiro é a "Entrega dos Ramos", que se usa normalmente nas festas de caráter religioso: "... consiste em entregar os encargos de organização aos novos mordomos, modalidade essa já muito antiga. Nesta festa entram: mordomos, músicos e outras pessoas que vão alegrar esta romaria. Os organizadores antigos vão às casas dos novos e entregam o simbólico ramo. Após isso comem e bebem, além de dançarem.

Já Cerqueira, ao referir-se à entrega dos ramos, relata: "quem recebia o ramo à porta, descia à entrada da casa, no melhor traje, a acolher o hóspede bendito. No patamar punha-se almofadas, quanto mais ricas melhor, e sobre elas ajoelhavam o irmão que recebia o ramo e o que a entregava.

"O que entregava beijava-o antes de o deixar, e quem recebia, beijava-o por sua vez, ao tomá-lo nas mãos, e imediatamente o passava à mulher mais graduada da família...".

A festa de São Gonçálinho, que ocorre normalmente no segundo domingo de janeiro, é das mais tradicionais da beira-mar. Aqueles que pagam promessa, lançam as «cavacas» do alto da capela, aos assistentes que, alegremente, tentam apanhá-las com os mais variados meios: seja com redes de pescadores, ou até mesmo com guarda-chuvas, virados ao contrário.

"Também é afamada a «Dança dos Mancos», que, após os festejos, se desenrola só entre mulheres (normalmente experientes da vida) em volta do santo, com quadras e brejeirices cantadas. As «cavacas» e as preces de casamento estão entre os temas preferidos!". NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p. 82).

Várias procissões ocorrem na época da Páscoa. Há que referir a "Procissão do Encontro", a "Procissão de Ramos" (com a bênção dos mesmos, em cerimônia anterior), a "Procissão do Enterro" e a "Procissão da Ressureição", no dia de Páscoa.

Outra festa de grande importância é a da padroeira da cidade - "Santa Joana Princesa", no dia 12 de maio, sendo este um dos mais importantes feriados da cidade.

Na Gafanha da Encarnação (em Ílhavo), ocorre em 2 de fevereiro, a comemoração do dia de Nossa Senhora das Candeias, colocando-se sobre sepulturas uma candeia acesa e abastecida de azeite, ou uma vela para os mortos sem batismo, que eram seputados atrás da porta da cozinha ou da sala. (REZENDE, 1944, p. 142, nota 1).

Já na Gafanha de Nazaré, na Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, celebra-se a festa na última 2ª feira de setembro. Santa cujo culto "... motiva procissão de embarcações, única na região...".

(NEVES, SEMEDO e ARROTEIA, 1989, p.142).

Muitas festas religiosas, em Aveiro, desapareceram, ou deixaram de ter a pompa e solenidade que lhes eram características. Cerqueira cita algumas procissões, como por exemplo, a de São Sebastião, em 20 de janeiro; São Miguel, em 29 de setembro; Nossa Senhora da Apresentação, ou das Candeias, em 2 de fevereiro; a Procissão das Cinzas, a mais espetacular, pois costumava levar treze andores. Era a que mais devotos e público atraía a Aveiro.

"... Desde que na de «Corpus Christi» deixavam de figurar as imagens, aliás pouco inspiradoras de verdadeiro espírito religioso, de São Jorge e do gigantesco São Cristovão". (CERQUEIRA, 1972, p. 28).

Pode-se dizer que há um cunho mais popular e simples nas festas da Gafanha (Ílhavo) assim como na de São Gonçálinho (que ocorre na Capela, próxima à ria).

A "Entrega de Ramos" e as Festividades da Páscoa já envolvem mais pompa e cerimonial, indicando, à primeira vista, tratar-se de atividades que necessitam de partícipes com maior poder aquisitivo, ou mais bem posicionados socialmente.

PELOTAS

Se a nação portuguesa já nasceu sob o símbolo do cristianismo, mais ainda o Brasil. Na esquadra de Cabral vieram os primeiros padres, e o sinal do domínio da terra foi marcado com a cruz e a 1ª missa. Assim, tanto a posse espiritual como a jurídica ocorreram juntas.

Embora a grande maioria dos brasileiros se diga católica, há uma predominância de religiosidade exterior e formal, "... que nas camadas populares inclui crenças e práticas supersticiosas e largo sincretismo de ritos e doutrinas animistas de origem indígena e africana". (VERBO, Vol 3, 1969, p. 1860).

No campo religioso não se pode fugir a alguns tópicos de História do Brasil. Em 1551 foi criado o Bispado de São Salvador, sufragâneo do de Lisboa,

pela bula "Super Specula Militantes Ecclesiae". O primeiro bispo foi determinado pelo Papa Júlio III - D. Pero Fernandes Sardinha, a quem cabia administrar todo o território brasileiro da época. Após um século, o bispado foi elevado a arquidiocese, e criadas as dioceses sufragâneas do Rio de Janeiro e de Olinda. Como o Rio Grande do Sul era espanhol (pelo Tratado de Tordesilhas - 1494), ele estava sob a jurisdição eclesiástica do Paraguai e, depois, de Buenos Aires.

Pelo avanço e posse bandeirante até a Colônia do Sacramento, as terras ficam, então, sob jurisdição do Bispado do Rio de Janeiro, (que fora criado em 1676, pelo Papa Inocêncio XI).

A primeira paróquia do Rio Grande do Sul "... foi criada por D. Frei Antônio de Guardalupe no dia 6.8.1736 em Rio Grande; tendo como orago Santa Ana, que em 17.4.1745 foi mudado para São Pedro". (BARBOSA, 1985, p. 119).

Somente em 7 de maio de 1848 foi criada a Diocese, com o título de São Pedro do Rio Grande do Sul, tendo como Bispo o Pe. Feliciano José Rodrigues Prates.

Em 1810, os moradores de Pelotas requereram a criação de uma freguesia. "Elles requereram a sua constituição parochial affirmando e allegando que «desde o anno de 1784 havia necessidade de sua divisão da de São Pedro, como reconhecêra o parochio dr. Pedro Fernandes de Mesquita, porque para aquelle sitio haviam concorrido e nelle habitavam além de 150 famílias, das mais abastadas da fronteira, consideráveis fabricas de carnes salgadas, que occupava cada uma mais de cem pessoas, á excepção dos empregados no custeio dos gados e exercício da lavoura, distando o lugar dez leguas de Mirim caudalosa e suas margens alagadiças em mais de 2 leguas; o que tudo causava graves prejuizos ao commercio e habitantes quando do tempo da Quaresma, que é a estação propria de fabricar as carnes salgadas, deviam concorrer á Matriz".

Foi, então, para o Rio de Janeiro o Pe. Felício Joaquim da Costa Pereira (1810), como representante dos moradores, pleitear a criação da freguesia. É, então, desmembrada São Francisco de Paula da

freguesia de São Pedro. "O mais antigo pergaminho de Pelotas é o alvará de 7 de julho de 1812...". (OSÓRIO, 1922, p. 38-9). A nova freguesia colada de São Francisco de Paula foi erigida em 9 de agosto de 1812, desligada da Vara do Rio Grande, pela criação de sua Câmara Eclesiástica através da Provisão Episcopal do Rio de Janeiro, do Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho. Ele mandou que servisse interinamente de igreja paroquial a capela da fazenda de Serro de Sant'Anna do Pavão de propriedade do padre Dr. Pedro Pereira da Costa. Foi nomeado primeiro vigário, o Pe. Felício. Este tomou posse em 13 de outubro de 1812. Neste mesmo ano, já se deu a construção da capela.

Os moradores do local haviam solicitado a Antônio Gomes Moreira, vulgo "Colônia", (de Mostardas), que cedesse a imagem de São Francisco de Paula, já que a festa do santo é comemorada em 2 de abril, justo no dia em que os espanhóis foram expulsos de Rio Grande. As terras de Pelotas tinham posseiros que participaram dos combates, e este santo era de devoção dos ilhéus foragidos da Colônia de Sacramento para Rio Grande.

Sobre a origem da imagem, segundo Osório, há duas versões:

Na primeira, o "Colônia", emigrado da Colônia de Sacramento (daí a alcunha), que fora arrasada em 1776 pelos espanhóis, salvou a relíquia, levando-a para sua casa em Mostardas, de onde foi levada para a capela pelo Pe. Felício e por Gonçalves Calheca, que era um rico proprietário desta localidade;

Noutra versão, contada por Antônio Ferreira Vianna, neto de Calheca, diz que a imagem veio encaixotada dar às praias do Estreito, de um navio, e foi encontrada pelo "Colônia". A expressão e perfeição técnica da imagem indicavam não ser portuguesa, mas espanhola ou italiana. Talvez fosse para o Chile, onde as riquezas das igrejas permitiam comprar imagens valiosas. (Osório, 1922, p. 39).

Em 1813, a imagem foi levada para Pelotas, para a charqueada de Calheca, e de lá para a casa do Vigário (no sítio dos Coqueiros), ficando até o dia 23 de dezembro. Daí, foi transportada para a igreja matriz que, embora não estando pronta, já podia servir.

O padroeiro de Pelotas foi reconhecido pelo Papa Pio X sendo este um dos poucos casos ocorridos no Brasil. Para o transporte da imagem até a igreja matriz houve solenidades, e o Pe. Felício, com ajuda dos paroquianos "...pode revestir a primeira procissão que percorreu terras pelotenses da maior pompa que as circunstâncias do lugar e da época comportavam. Da villa do Rio Grande, onde havia um mestre pyrotheanico e uma philarmonica amestrada, em que eram figurantes musicos de batalhões da guarnição que haviam dado baixa do serviço militar, vieram para abrihantiar a festa, por um dos hiates da carreira, uma banda de musica e larga provisão de foguetes...". (OSÓRIO, 1922, p. 44).

"Por acto de 15 de agosto de 1910, S.S. o Papa Pio X, de s.m. eregiu a Provincia ecclesiastica do Rio Grande do Sul, elevando, o Bispado de P. Alegre a Arcebisado, e creando os Bispados de Pelotas, Uruguayana e S. Maria bem como o de S. Catharina, seus suffraganeos". (Idem, p. 222).

O primeiro bispo foi D. Francisco de Campos Barreto (1911-1920); seguindo-se D. Joaquim Ferreira de Mello (1921-42); D. Antônio Zattera (1942-77, resignando-se); e, atualmente, D. Jaime Chemello (desde 1977).

Pelos dados do IBGE de 1970 e 80, transcritos de Rosa, tem-se o seguinte quadro:

Quadro 18 - RELIGIÃO EM PELOTAS

Religiões	Pelotas		Estado
	1970	1980	
Católica Romana	69,2	68,2	84,0
Protestante Tradicional	17,2	14,7	8,8
Protestante Petencostal	-	1,2	2,1
Espírita Kardecista	7,8	3,0	0,8
Espírita Afro-brasileira	-	4,9	1,4
Israelita	-	0,1	0,1
Outras	2,0	2,0	1,0
Sem religião	3,7	5,6	1,4
Sem declaração	-	0,3	0,3

Fonte: Rosa, 1985, p.196

Assim, percebe-se o predomínio de católicos em Pelotas, porém em menor número que no Estado do Rio Grande do Sul. Outro dado relevante, é o

percentual de pessoas sem religião, acentuado em 1980, e bem superior ao estadual. Há muitos adeptos do protestantismo tradicional. Embora com menor percentual na década de 1980, porém, assim, bastante expressivo se comparado com o Estado do Rio Grande do Sul.

A ação das igrejas protestantes tradicionais não é de hoje. Já em fins do século passado, a 9 de outubro de 1892, realizou-se o primeiro serviço religioso da Igreja Episcopal Brasileira, com o Reverendo Dr. John G. Meem. O templo, um dos mais bonitos do Rio Grande do Sul, foi erguido no início do século e a Exedra da Igreja, com salão para aulas e conferências, foi inaugurado em 23 de maio de 1922. A Igreja Episcopal tem missões, capelas e igrejas em todos os distritos do município.

A Igreja Evangélica Presbiteriana foi fundada em 4 de dezembro de 1921 e no ano seguinte foi para o município, oriundo do Rio de Janeiro, o Pastor Piquet Carvalho, como encarregado oficial da evangelização presbiteriana de Pelotas, e no mesmo ano já havia uma média de 120 adeptos.

Sobre o espiritismo Kardecista: "A 19 de setembro de 1898 fundaram o primeiro grupo espírita «philosophico-religioso», nesta cidade, que recebeu o nome «Amor à Deus», Francisco Joaquim Ferreira e Antônio Luiz Machado, reunidos a outros amigos, no prédio nº 108 à rua Santa Bárbara, sob a presidência de José Joaquim de Almeida e tendo como guias espirituaes São Bartholomeu e Marquez de Maricã". (OSÓRIO, 1922, p. 224).

Pelotas possui uma sinagoga, demonstrando a existência de culto israelita, embora a concentração judaica na cidade tenha diminuído consideravelmente.

Constata-se, também, a presença de uma série de Centros de Umbandismo, religião afro-brasileira que pelo censo de 1980 indicava expressivo percentual, se relacionado com o Estado gaúcho.

Pelotas possui "alminhas", tal como em Aveiro. Elas, embora estando a diminuir em número, ainda existem, tanto em forma de pequenas grutas como Nossa Senhora de Fátima e outros santos, como em painéis de azulejos, na invocação de muitos santos, em especial Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima (mais comuns).

As maiores festas religiosas da cidade, afora o Natal, que é tradicional e comemorado por todos os moradores, são, ainda as festas de Nossa Senhora dos Navegantes, a Semana Santa, culminando com a Páscoa, e a festa de Nossa Senhora de Fátima.

Outras festa religiosas Católicas existem, porém ficam restritas às suas paróquias.

Sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes que ocorre a 2 de fevereiro, tem-se que suas origens remontam a Israel. "Por volta do século X, depois de Cristo, a comemoração estendeu-se pelo mundo oriental. De acordo com a lei hebráica, 40 dias após o nascimento, os primogênitos do sexo masculino eram apresentados no templo católico. Daí surgiu a homenagem a N. Sr^a dos Navegantes, que através dos séculos foi se adequando à cultura da humanidade.

"O dia de hoje ficou marcado como a data da purificação das crianças. Na nossa Era, o ato de purificar seria uma espécie de batismo. Hoje, os católicos saem em procissões marítimas reverenciando a Santa, que é uma variação de Santa Maria".

O tríduo e a procissão são sempre acompanhados por muitos devotos de Nossa Senhora, que além da prece, pagam promessas e fazem pedidos.

A festa de Navegantes também ocorre em Jaguarão, São Lourenço do Sul, Arroio Grande, Rio Grande e Porto Alegre.

Nos dias 1^o e 2 de fevereiro ocorre outra festa religiosa, porém afro-brasileira, que, inclusive, tornou-se atração turística. É a Festa de Iemanjá. Prestigiam o evento, umbandistas de diversos municípios da Zona Sul e, em 1991, prolongou-se por três dias, junto à imagem da Santa, na gruta localizada no Balneário do Prazeres. Ocorrem formação de correntes mediúnicas, toque ao vivo dos orixás e entrega de oferendas. Centros de Umbanda e casas de nação realizam trabalhos ao vivo em homenagem à sua deusa das águas.

Há uma tendência ao sincretismo religioso porque ambas as festas têm seu ponto alto no mesmo dia e local, homenageando a "Senhora do Mar" e os assistentes, muitas vezes, comparecem em ambas festividades.

Outra festividade, é a da Semana Santa, cujo ponto alto é a Sexta-feira da Paixão, quando ocorre a tradicional Procissão do Enterro que percorre as ruas de Pelotas, com grande acompanhamento de fiéis, cantando e orando. O ponto culminante é o domingo de Páscoa.

Mesmo os não-cristãos costumam respeitar a tradição de abstinência de carne na Sexta-feira Santa.

Já a festa de Nossa Senhora de Fátima ocorre em dois locais distintos: na paróquia da qual é padroeira, e no "Recanto de Portugal" local onde há capela em homenagem a Santa e que promove procissão luminosa, congregando a colônia lusitana e e devotos da Santa.

Como as distâncias são muito grandes entre ambas as comunidades, costuma ocorrer a dualidade de festas do mesmo credo religioso, algo incomum na cidade, ao contrário de Aveiro, em relação às suas procissões e festas religiosas.

Pelotas possuiu muitas e tradicionais festas e procissões, inclusive a do Padroeiro da cidade. Porém, com a passagem do tempo, houve uma menor participação de fiéis e hoje, tendem a ocorrer atividades religioso-festivas circunscritas às suas paróquias. A título de exemplo, pode-se dizer que não só a juventude tornou-se menos atuante nas festividades como, à medida em que novos credos religiosos, foram diversificando suas atuações na cidade, e pelo próprio crescimento do município, dispersou-se um pouco o movimento religioso, como o das procissões, que era mais coeso e uniforme.

Das muitas atividades festivas que marcavam a vida urbana, restam apenas aquelas mais tradicionais e/ou, até mesmo, aquelas que poderiam ser consideradas exóticas, (como a de Iemanjá/Navegantes) pela tendência ao sincretismo religioso.

Amorim faz uma relação entre a extratificação social e a filiação religiosa dizendo: "Há também uma relação entre a classe social e as preferências religiosas dos membros de cada classe. Os membros da classe alta tendem a ocupar posições de liderança e estão interessados nos aspectos estéticos da religião. A sua participação nas atividades relacionadas com a igreja é limitada, excepto quando

o costume exige a sua comparência.

“Os membros da classe média tendem a responder aos apelos religiosos numa base moral ou intelectual. A participação em actividades paroquiais são assumidas, em geral, por membros da classe média.

“Os membros das classes baixas respondem mais ao apelo emocional da igreja. Assim, os membros da classe baixa tendem a ser bastante activos nas seitas carismáticas e fundamentalistas”. (AMORIM, 1987, vol. I, p. 33).

O que se pode constatar à primeira vista, é que as festas religiosas que congregam maior número de fiéis, partícipes e/ou espectadores são aqueles de

cunho mais popular, tais como a Festa de Navegantes (congregando pescadores), e a de lemanjá, ambas ocorrendo em mesma data e local e, talvez até, porque ocorrem na Praia do Laranjal, em época de veraneio.

A Procissão do Enterro, embora envolvendo muitos fiéis não tem o carácter popular que as anteriormente descritas apresentam.

Evidentemente que as demais religiões possuem, também, suas festividades, porém, por ser católica a maioria da população, somente a estas se referiu, excetuando-se o culto afro-brasileiro da festa de lemanjá.

bibRIA

VII. COMPARAÇÃO DAS COMUNIDADES

Tendo por base todos os capítulos e subtítulos desenvolvidos no presente estudo, passa-se a um breve enfoque comparativo das comunidades.

No que se refere à imigração no início deste século para o município de Pelotas, nota-se um expressivo contingente de aveirenses que escolheram Pelotas para sua segunda terra natal. Fato que aconteceu, na sua maioria, através das cartas de chamada. Aqueles já radicados no município encontraram na região alguns aspectos semelhantes a Aveiro, facilitando a ambientação e a transmissão de seus hábitos e costumes.

Ao ser pesquisado sobre a participação da etnia lusa na economia pelotense, idêntica constatação quanto à região de origem - a maioria dos imigrantes portugueses que possuem empreendimentos em Pelotas são de Aveiro e atuam na área da alimentação.

Sobre a localização e traços físicos tem-se que ambas estão localizadas em áreas planas e junto à encostas de zonas mais altas. Também o solo e seu aproveitamento econômico se assemelham, por exemplo, no que diz respeito às olarias.

Localizam-se junto a regiões lagunares, Ria e Patos, sofrendo, também influências climáticas (clima úmido), pela proximidade da água. Ambas as comunidades estão em uma faixa litoral apresentando formações arenosas e dunas costeiras, com clima subtropical e, portanto, com uma vegetação que também se assemelha. Tanto em Aveiro como em Pelotas existem pinheiros, eucaliptos, salgueiros, juncos, etc.

Essas semelhanças geográficas já foram apontadas pelos depoimentos dos próprios imigrantes aveirenses que se fixaram em Pelotas.

Historicamente, cada comunidade possui aspectos tão próprios que não são comparáveis. Aveiro é milenar, e Pelotas, centenária. A história aveirense é muito influenciada pela economia, assim como Pelotas, impulsionada em seu desenvolvimento, pelas charqueadas. Ambas tiveram sempre ideais de

liberdade e foram pioneiras no republicanismo. Há, portanto, certos paralelismos que, em Pelotas, acentuam-se mais, tendo em vista suas origens lusitanas.

Nos aspectos populacionais, verificam-se muitas semelhanças, onde ambas comunidades são pólos de atração de pessoas. Aveiro possuiu a peculiaridade de ter perdido muitos habitantes pelo movimento migratório, movimento este que repercutiu em Pelotas, e acabou por receber muitos imigrantes provenientes daquela região.

O crescimento populacional aveirense ocorre, também, por atrair pessoas de outros distritos vizinhos, devido às boas condições de clima, solo, atividades econômicas e localização geográfica, além de reabsorver os "retornados". Pelotas atrai migrantes de municípios vizinhos por possuir uma boa infraestrutura urbana, é entroncamento rodo-ferroviário e mantém, ainda, razoável oferta de empregos, em comparação a outros municípios da mesma região.

Ambas cidades possuem concentração de mão-de-obra nos setores secundário e terciário. Apresentam um aumento da população jovem-adulta, com uma tendência para a diminuição da base da pirâmide etária e há leve predomínio de população feminina sobre a masculina.

Sobre os aspectos econômicos é de considerar que as semelhanças em relação ao clima, solo e vegetação propiciem a existência de culturas semelhantes como: milho, trigo, batata-inglesa, limão, laranja, pêsego, entre outros.

Ainda, dentro do setor primário, verifica-se tanto em Aveiro como Pelotas: a referência a pequena propriedade, salvaguardadas as devidas extensões de cada país; o agregado familiar como mão-de-obra básica; a criação de gado bovino e em especial a produção de leite; a pesca existindo nas duas comunidades é mais intensa no Distrito de Aveiro que em Pelotas.

Por outro lado a economia tanto de Aveiro como Pelotas, sofrem influências das políticas econômicas de cada país, o que reflete nos diversos setores, principalmente na indústria.

Ambas possuem um setor secundário ativo, observando-se que, embora todo o crescimento inicial

de Pelotas através do charque, existe agora uma certa estagnação. Atualmente o desenvolvimento industrial de Aveiro encontra-se em plena ascensão enquanto a indústria pelotense passa por uma fase difícil.

As indústrias que mais se identificam são: laticínios e conserveira.

No que se refere ao setor terciário, as comunidades em apreço possuem um ativo comércio por estarem localizadas em zonas estratégicas geograficamente e em comparação a outras regiões.

É de destacar tanto para Pelotas como para Aveiro: as Feiras que movimentam grande número de público e dinheiro; as Associações de classes que auxiliam o trabalho do setor; os Transportes tanto rodoviários, ferroviários, aéreos, e marítimos com um porto bastante atuante em Aveiro enquanto em Pelotas, hoje, o porto está menos ativo; o Turismo sendo salientado os recursos naturais, o artesanato, o folclore e a gastronomia. Pelotas, no entanto, ainda tem muito a fazer na área do turismo, uma vez que este, somente agora, começa a ser explorado cultural e economicamente na zona sul do estado.

De acordo com vários depoimentos de imigrantes aveirenses radicados em Pelotas e constatação, a doçaria é um ponto em comum. O tradicional doce de ovos moles deu a Pelotas um dos seus principais elos àquela cidade lusa, sendo fator importante no desenvolvimento turístico de ambas as comunidades.

Do folclore sabe-se que as danças gauchescas, originadas de várias etnias, possuem fortes raízes na cultura portuguesa.

No artesanato que entre tantos artigos trabalhados está a cerâmica como ponto comum, salienta-se que Pelotas ainda tem muito a explorar nessa área, enquanto em Aveiro é uma atividade de tradição.

Socialmente as comunidades apresentam indicadores de qualidade de vida que, se comparados com a área geográfica maior as quais estão inseridas, podem ser considerados de bom nível. Mesmo havendo em Aveiro déficit de moradias para a população de migrantes e retornados, os poderes públicos estão atentos e buscam suprir essas deficiências.

A telefonia, em Pelotas, apresenta-se com bom atendimento à população e busca-se, ainda, estender o serviço à zona rural. Em Aveiro é dispensável essa observação, tendo em vista a exigüidade territorial e os centros urbano e rural não serem tão definidos como no Brasil.

Relativamente ao ensino, ambos municípios arcam com a responsabilidade do ensino básico havendo um número considerável de escolas para absorver a demanda. Possuem universidades que atraem estudantes de outras localidades do país, e mesmo do exterior, e servem como pólo de desenvolvimento cultural.

Sobre os meios de comunicação social, Pelotas está bem posicionada, sendo pioneira na radiodifusão no estado, estando acobertada por emissoras de televisão e gerando programas televisivos. Possui dois jornais diários, um deles o mais antigo do estado. Devido às grandes extensões territoriais no Brasil pode-se dizer que Pelotas é um pólo irradiador de cultura da zona sul, o que não se verifica em Aveiro, pela proximidade de um centro maior, que é a cidade do Porto. Os programas televisivos em Portugal sendo estatais, (atualmente) e gerados por dois canais, tornam Aveiro apenas comunidade receptora da programação.

Sobre a cultura, embora com um breve apanhado por ser assunto amplo e complexo, constatou-se que as comunidades em tela possuem patrimônio cultural de grande monta. Em Aveiro verifica-se expressivo número de prédios históricos (religiosos) barrocos, enquanto que Pelotas possui casario do século passado, em estilo neoclássico.

Quanto aos arquivos que registram a história do município, em Aveiro encontram-se bem estruturados facilitando qualquer tipo de consulta, o que em Pelotas ainda não existe de forma adequada.

As instituições culturais em Pelotas, em geral bibliotecas, universidades, Conservatório de Música, teatros, cinemas, escolas de dança, Centro de Tradições Gaúchas, etc., são de alto nível e, em alguns casos, possuem reconhecimento nacional. Aveiro possui instituições importantes, destacando-se o acervo da Biblioteca Municipal, com livros raros e as instituições culturais extremamente atuantes, como por

exemplo os grupos de teatro, os grupos etnográficos com seus ranchos folclóricos.

Ambas comunidades incentivam as artes plásticas, possuem importantes nomes no campo das letras e, no desporto, são vocacionadas, também, para o futebol, além de outras modalidades esportivas.

As diferentes festas e eventos aveirenses são muito organizados e apresentam, além do lado econômico e turístico, um momento cultural próprio. Em Pelotas os maiores eventos são a FENADOCE, a EXPOFEIRA e o Carnaval, em nível de organização municipal e iniciativa privada. Possui, ainda, diversos eventos promovidos com ou sem o apoio do poder público.

As comunidades em apreço possuem uma população com formação cristã inserida, na sua maioria, no catolicismo. Em Aveiro, as demais religiões apresentam pequeno número de seguidores. Outras crenças com bom número de adeptos também aparecem junto aos habitantes de Pelotas. Pela influência portuguesa, Pelotas também possui as "alminhas", ainda que em menor quantidade que em Aveiro. Embora haja uma tendência ao desaparecimento das mesmas, é possível encontrá-las no Município de Pelotas e Distrito de Aveiro.

Aveiro, com uma tradição religiosa, tem nas procissões esmeradas um dos pontos altos das suas

festas religiosas. Também Pelotas possui tradição desse aspecto religioso, não sendo hoje tão enfeitadas como antigamente. Como festas religiosas de Pelotas, ainda subsistem, com importância, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, Semana Santa e a de Nossa Senhora de Fátima. Em Aveiro, subsistem mais as festas religiosas, iniciando-se com a tradicional "Entrega de Ramos", festa de São Gonçalinho, Procissões da Semana Santa e a festa da Padroeira do Município - Santa Joana Princesa. Percebe-se, então, que nestes aspectos, Aveiro ainda mantém mais as tradições religiosas do que em Pelotas. Talvez porque nesta última o número de seguidores de outras religiões também seja expressivo, em detrimento do número de católicos.

Observando-se, em conjunto, os traços comparativos das comunidades, verificam-se semelhanças e diferenças, o que é perfeitamente normal, devido à dinâmica dos grupos sociais.

Convém salientar que a distância que as separam - localização em continentes diferentes - colabora para que se afrouxem os laços existentes, embora os vínculos culturais criados pela imigração. Nesse contexto, essa ligação tende a perder-se, caso não sejam tomadas providências no sentido de evitar que isso aconteça.

VIII. CONCLUSÃO:

PROPOSTA DE GEMINAÇÃO E SUGESTÕES DE ACORDOS CULTURAIS

Estabelecidas as comparações entre Aveiro/Portugal e Pelotas/Brasil, conclui-se que a proposta de geminação e sugestões de acordos culturais deverão ser de interesse do poder público, instituições sociais, culturais e econômicas, das comunidades em apreço, que poderão se beneficiar de tais acordos, se deles souberem fazer uso.

Com o objetivo de que sejam mantidos os laços que unem as comunidades, propõe-se que os poderes públicos constituídos, em nível municipal, assinem protocolos de intercâmbios nas mais diversas áreas, por meio de um ato formal, comumente designado de "geminação".

Afora as atividades de intercâmbio comumente

previstas pela própria geminação, sugere-se, ainda, que:

- instituições de ensino superior e outras, venham a manter convênios estabelecendo entre si a troca de experiências nas diferentes áreas das respectivas universidades e outros órgãos ligados à educação;

- instituições econômicas, como por exemplo, associações comerciais e industriais, mantenham vínculos de cooperação em seu respectivos campos de atividades, propiciando um crescimento da economia em ritmo mais acelerado;

- instituições culturais, voltadas, exemplificativamente, para letras, artes, música, dança, teatro, história, folclore estimulem a realização de diferentes intercâmbios possibilitando maior conhecimento da realidade de cada uma das comunidades envolvidas e o enriquecimento mútuo.

Espera-se que este trabalho tenha aberto um caminho para a realimentação dos vínculos entre Aveiro e Pelotas, a fim de que estes mesmos vínculos não se cinjam apenas a uma língua comum e a um momento histórico - o da imigração - que, com o tempo, tende a perder-se na memória, caso nada seja efetivado para impedi-lo.

AGRADECIMENTOS

- Prof. Jorge Carvalho Arroiteia
- Profa. Isabel Marina Arroiteia
- Câmara Municipal de Aveiro
- Prof. Celso dos Santos
- Universidade de Aveiro
- Associação Comercial de Aveiro
- Associação Industrial de Aveiro
- Administração Regional de Saúde de Aveiro
- Centro de Emprego de Aveiro
- Rotary Club de Aveiro
- Dr^a Carla Marina Moura Vieira
- Dr. Emanuel Cunha
- Sr. Joaquim Manuel Vieira Ferreira
- Sr. José Firmino Mateus Naia
- Sr. José Massadas
- Sr. Mario Chuva Gomes
- Dr^a Maria Beatriz Fernandes
- Comunidade de Aveiro
- Sr. José Marcos Fiss
- Dr. Carlos Alberto Gomes Chiarelli
- Dr. José Anselmo Rodrigues
- Dr^a Myrian Bastos dos Santos
- Dr. Evaldo B. Poeta
- Prof. Francisco Louzada Alves da Fonseca
- Prof. Gilberto Rudi Treptow
- Prof^a Lucia Maria M. Damé
- Prof. Aldir Garcia Schlee
- Prof^a Magali Mayer Santos
- Prof^a Solange Coelho
- Dr. Maximiano Pombo Cirne
- Sr. Francisco José Leal Serra
- Instituto de Ciências Humanas/Universidade Federal Pelotas
- Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas
- Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Monsenhor Queiroz"/15º DE
- Comunidade Portuguesa de Pelotas
- Srta. Maria Conceição Fiss
- Srta. Maria Angélica Dias

bibRIA

BIBLIOGRAFIA

- ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SAÚDE. VII Jornadas de Saúde de Aveiro. Panorama do Distrito. Estarreja, s. ed., 1988.
- AMORIM, Amílcar. Introdução às Ciências Sociais. Aveiro, vols. I e II, s. ed., 1987.
- ANUAL REVIEW - Aveiro. Aveiro, AP-edições, Ano I, nº 1, 1990.
- A REGIÃO CENTRO EM MAPAS E NÚMEROS. Comissão da Região Centro, Coimbra, 1983.
- ARRIADA, Eduardo. Evolução da Economia Pelotense. Pelotas, Diário Popular, 1988.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho. Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa. Aveiro. Universidade de Aveiro, 1982.
- _____. Portugal: Perfil Geográfico e Social. Lisboa, Livros Horizonte Lda., 1985.
- ARTES E TRADIÇÕES DA REGIÃO DE AVEIRO. Levantamento realizado pelos Centros de Estágio de Educação Visual - Escolas Preparatórias João Afonso de Aveiro e de São João da Madeira. Coleção Arte e Artistas, G. Lisboa, Terra Livre, 1984.
- AS SUB-REGIÕES E OS SEUS CONCELHOS - BAIXO VOUGA (Revista). Aveiro, s.ed., 1988.
- AVEIRO E O SEU DISTRITO (Revista). Publicação Semestral da Junta Distrital de Aveiro - nº 12, 1971.
- AZEVEDO, Correia de. O Distrito de Aveiro. Vol. I. Porto, 1965.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Martins Livreiro, 3ª ed., 1985.
- BOLETINS DA ASSOCIAÇÃO PARA O ESTUDO E DEFESA DO PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL DA REGIÃO DE AVEIRO/ADERAV. Aveiro, de 1980 a 1990.
- BOLETIM ESTATÍSTICO DA UCPEL. Pelotas, UCPEL, 89/90.
- BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, de 1983 a 1990.
- CACHIM, Amadeu Eurípedes. Os Ílhavos, o Mar e a Ria. Estarreja, s.ed., 1988.
- CAETANO, Lucília de Jesus. A Indústria no Distrito de Aveiro. Coimbra, C.C.R.C., 1986.
- CÂMARA, João de Sousa. História do Banco Fonseca & Burnay. Braga, s.ed., 1985.
- CARVALHO, Irene M. Introdução aos Estudos Sociais. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 3ª ed., 1964.
- CATÁLOGO DA 1ª BIENAL INTERNACIONAL DE CERÂMICA ARTÍSTICA. Aveiro, s.ed., 1989.
- CENTRO PORTUGUÊS 1º DE DEZEMBRO - Unindo as Comunidades Portuguesas de Uruguay, Argentina e Brasil - Pelotas. Pelotas, 23 e 24/9/89.
- CERQUEIRA, Eduardo. Curiosidades do Passado Aveirense. Aspectos e Modificações do Rossio. Coimbra, Coimbra Editora, 1949.
- _____. Apontamentos sobre Antigas Procissões de Aveiro. Águeda, s.ed., 1967.
- _____. Breve Disgressão pelos Costumes Tradicionais Aveirenses. Águeda, s.ed., 1972.
- _____. Considerações sobre a Gente de Aveiro. Águeda, s.ed., 1974.
- _____. Notas Sobre a Implantação da República em Aveiro e seus Antecedentes. Águeda, s.ed., 1976.
- COELHO, Maria Fernanda Pinto Cancela de Amorim. Guia do Arquivo Distrital de Aveiro. Aveiro. Instituto Português do Patrimônio Cultural, 1987.
- CONDE, Bartolomeu (coord.). Cacia e Baixo-Vouga. Apontamentos Históricos e Etnográficos. Aveiro, s. ed., 1984.
- D'EU, Conde. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul. São Paulo. Ed. Itatiaia, 1981.
- DIÁRIO POPULAR, Pelotas, 28/10/90 e 2, 3 e 24/02/91.
- DIAS, Maria Angélica Machado. Retrospectiva do Desenvolvimento das Indústrias em Pelotas - RS - no período de 1937 a 1987. Pelotas, Datilografado, 1989.
- _____. O Ciclo das Charqueadas em Pelotas- RS- período de 1780 a 1930 - Evolução Econômica da Região. Pelotas, Datilografado, 1991.
- ENCYCLOPÉDIA PORTUGUESA ILUSTRADA. Dicionário Universal. Porto, Lemos & Cia., vol. I, II e VII, s.d.
- ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA - Tomo VI e XLVI. Bilbao, Espanha, Espasa-Calpe SA, 1922.
- FERREIRA, José Maria Cabral. Artesanato, Cultura e Desenvolvimento Regional. Um estudo de campo e três ensaios breves. Vila de Maia, s. ed., 1983.
- FERREIRA NEVES, Francisco. Origem e Etmologia de Aveiro. Figueira da Foz, s. ed., 1936.
- _____. Livro dos Acordos na Câmara Municipal de Aveiro de 1580. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1971.
- FISS, Maria da Conceição Branco. A Influência Lusitana nos Prédios de Pelotas. Pelotas, datilografado, 1990.
- FISS, Regina Lucia Reis de Sá Britto. Aspectos Gerais e História das Empresas de Pessoas de Origem Portuguesa, em Pelotas, na Década de 1980. Pelotas, datilografado, 1988.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. RS: Economia e Conflitos Políticos na República Velha. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Indicadores Econômicos - Desempenho da Economia do RS - 1989. Porto Alegre, F.E.E., 1990.
- GASPAR, João Gonçalves. A Liberdade em Aveiro. Águeda, 1975.
- _____. A Capela do Senhor das Barrocas em Aveiro. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1980.

- _____. Aveiro - Notas Históricas. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1983.
- GONÇALVES, A. Nogueira. Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Aveiro. Lisboa, 1981.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa-Rio. Editorial Enciclopédia Ltda. Vol. XVII e XXV.
- INFORMATIVO - CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Aveiro, Dez/90, Jan e Fev/91.
- INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Lisboa, Mirandela e C^o, 1990.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Estatísticas Industriais. Portugal - Continente, Açores e Madeira - Indústrias Transformadoras - Vol. II. Lisboa, s. ed., 1986.
- INSTITUTO TÉCNICO DE PESQUISA E ASSESSORIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS. Pelotas: Um Pólo de Desenvolvimento no Cone Sul. Pelotas, datilografado, 1987.
- LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS. Pelotas, Prefeitura Municipal, 1990.
- LOUREIRO, João Evangelista. O Futuro da Educação nas Novas Condições Sociais e Tecnológicas. Aveiro, Universidade de Aveiro, 1985.
- MAGALHÃES, Mário Osório. História e Tradições da Cidade de Pelotas. Caxias do Sul, UCS e Escola Superior de Teologia, 2 ed., 1981.
- MARQUES, Alvarino da Fenteira. Episódios do Ciclo do Charque. Porto Alegre, Edigal, 1987.
- _____. Evolução das Charqueadas Rio-Grandenses. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1990.
- MARTINS, Julio de Sousa. Levantamento Cultural, Exemplos e Sugestões. Estarreja, Estante Editora, 1987.
- _____. Feira de Março Através dos Tempos. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1989.
- MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO. Comissão da Coordenação da Região Centro. Equipamento Comercial da Zona Urbana de Aveiro. 1987.
- MONTE DOMEQ & CIA. O Estado do Rio Grande do Sul. Madrid, 1944.
- MOREIRA, José Carlos Balaco. Indústria Extrativa do Distrito de Aveiro. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1985.
- NEVES, Amaro. Aveiro: História e Arte. Aveiro, ADEAV, 1984.
- _____. Azulejaria Antiga em Aveiro. Estarreja, s. ed., 1985.
- NEVES, Amaro; SEMEDO, Enio e ARROTEIA, Jorge C. Aveiro - do Vouga ao Buçaco. Lisboa, Presença Editora, 1989.
- NUNES, Zeno C. e NUNES, Rui C. Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1984.
- OLIVEIRA, Orlando. Origens da Ria de Aveiro. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1988.
- OSÓRIO, Fernando. A Cidade de Pelotas: Corpo, Coração e Razão. Pelotas, Diário Popular, 1922.
- PACHECO, Helder. Aveiro, Ria, Mar, Terra e Gentes. Barcelos, Cia. Editora do Minho S.A., 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 3^a ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.
- PEREIRA, Armando e ALMEIDA, M. Castro de. Conhecer as Autarquias Locais. Porto, Porto Editor, 1985.
- PLÁSTICAS E VISUAIS NO BRASIL. Pelotas, edição de Walmir Ayala - UFPEL, s.d.
- POMBO, Carmen Regina da Silva Matos. A Imigração Portuguesa em Pelotas no Século XX. Pelotas, Datilografado, 1986.
- _____. Confeitaria Nogueira, uma Doce Lembrança. Pelotas, Diário Popular Ed. Centenária de 25/8/1990.
- PORTUGAL. Oliveira de Azeméis (revista). Ano 1, n^o 8, Nov/1989.
- PROGRAMAÇÃO CULTURAL DE VERÃO - FUNDAPEL, Pelotas, s.ed., Jan/1991.
- PROJETO DE LEI N^o 300/88 - Porto Alegre/RS - 28/9/88.
- QUADROS, José Reinaldo Rangel de. Aveiro: Origens, Brazão e Antigas Freguesias. Aveiro, Paisagem Editora, 1984.
- REBELO, Fernando e QUARESMA, Ângela. Aveiro and Country. Coimbra, s.ed., 1980.
- REZENDE, Pe. João Vieira. Monografia da Gafanha. Coimbra, Coimbra Editora, 1944.
- ROCHER, Guy. Sociologia Geral. Lisboa, Editorial Presença, 1971, 5 vols.
- ROSA, Mário. Geografia de Pelotas. Pelotas, Ed. da UFPEL, 1985.
- SANTA-RITTA, Gonçalo. Portugal. Agricultura e Problemas Humanos. Lisboa, Ed. Terra Livre, 1979.
- SARAIVA, José Hermano. História Concisa de Portugal. 13^a ed., Publicações Europa-América, Lda., 1989.
- SECRETARIA DE ESTADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - Direcção Geral da Divulgação. Portugal Pequeno Guia. Lisboa, s.ed., 1978.
- SECRETARIADO DE FEIRAS - Câmara Municipal de Aveiro. Feira de Março. Aveiro, s.ed., 1991.
- UCPEL-30 ANOS - "O Saber a Serviços da Comunidade". Pelotas, UCPEL, 1990.
- VAROTO, Renato L. Mello e SOUSA SOARES, Leonor A. Lendo Pelotas. Pelotas, Ed. da UFPEL, 1988.
- VERBO, ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Vol. III e VIII, Lisboa, Editorial Verbo, 1969.
- XII RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO E II HABITAÇÃO. Antecedentes, Metodologia e Conceitos. Lisboa, I.N.E., 1981.
- XVI CONGRÉS INTERNATIONAL D'HISTOIRE DE L'ART. Rapports et Communications. Lisbonne. Porto, 1949. Vol. II.



Vista aérea do Centro da Cidade de Pelotas

biBRIA

GEMINAÇÃO / AVEIRO • PELOTAS

• FOTOS E DOCUMENTOS



bibRIA

GERMINAÇÃO / AVERDO / FLORES

FRIO / BOLESA



Prof. Doutor Jorge Carvalho Arroiteia, apresentando o projecto de pesquisa a um grupo de rotarianos (abril/1991)



Profª Carmen Pombo entrega trabalho de pesquisa sobre geminação ao Dr. Girão Pereira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro - (junho/1991)



Profª Carmen Matos Pombo, Profª Regina Sá Britto Fiss, José Marcos Fiss, por ocasião da entrega do trabalho de comparação de comunidades ao Vereador Prof. Celso dos Santos, responsável pelo Pelouro da Cultura - (junho/1991)



Da esquerda para a direita - Vereador Engenheiro Vitor Silva (representando o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro), Prof. Paulo Rodrigues, Sr. José Marcos Fiss, Profª Regina Sá Britto Fiss, Profª Carmen Matos Pombo, Srª Eugénia Ferreira, Sr. José Varela Ferreira, Dr. Irajá Andara Rodrigues (Prefeito Municipal de Pelotas) e Vereador Coronel Albuquerque Pinto (Câmara Municipal de Aveiro), por ocasião da assinatura do acordo de geminação entre Aveiro e Pelotas na Prefeitura de Pelotas - (15 de abril de 1996)



biblioteca

Dr. Irajá Andara Rodrigues, Vereador Engenheiro Vitor Silva, Vereador Cel. Albuquerque Pinto e Sr. José Serra, no acto de assinatura do acordo de geminação entre Aveiro e Pelotas - (15 de abril de 1996)



Vereador Engenheiro Vitor Silva fazendo uso da palavra em secção da Câmara Municipal de Pelotas, (abril/96)





Dr. Antero Gaspar, Governador da Distrito de Aveiro, Vereador Prof. Celso dos Santos em visita oficial ao estande de Pelotas, na abertura da Feira de Março, em Aveiro, acompanhado da Prof^a Regina Sá Britto Fiss (25 de março de 1997)



Prof^a Regina Lucia Reis de Sá Britto Fiss e Sr^a Mirsca Simões Lopes, no estande de Pelotas junto à Feira de Março em Aveiro, (março/1997)



Dr. Renato Luis M. Varoto, representando o Prefeito Municipal de Pelotas, acompanhado do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Vereador Prof. Celso dos Santos e presidentes das Câmaras Municipais representadas no Dia das Comunidades Irmãs em Aveiro (19 de Abril de 1997).

bibRIA



Sr. Otelmo Demari Alves, Vice-Prefeito da Cidade de Pelotas, fazendo uso da palavra por ocasião do encontro das Comunidades em Aveiro, (Abril 98) acompanhado do Vereador Waldomiro Silva, Dr. Alberto Souto de Miranda, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro e Presidentes das Câmaras das demais cidades irmãs presentes na Feira de Março de 1998.

SEMINÁRIO SOBRE GEMINAÇÃO

No dia 12 de Junho aconteceu o Seminário "Cidades Irmãs e seus Acordos de Geminação" no decurso da 7ª Fenadoce, reunindo pela primeira vez as cidades irmãs de Pelotas - Suzu no Japão e Aveiro em Portugal. Representantes de ambas as comunidades se fizeram presente destacando-se o sr. Otélmo Demari Alves prefeito municipal de Pelotas, o sr. Nagayoni Yamaguchi presidente da Associação Nipo-Brasileira de Pelotas, o vereador Jaime Simões Borges, representando o presidente da Câmara Municipal de Aveiro e o vereador **Professor Celso dos Santos** da mesma Câmara Municipal. Este último na qualidade de convidado especial e palestrante de honra. Distinção julgada procedente pelo apoio e colaboração que tem prestado a Pelotas para a concretização do acordo entre as comunidades, tanto quando responsável pelo Pelouro da Cultura como, posteriormente, na presidência da Câmara Municipal de Aveiro. **Transcreve-se a conferência que realizou durante o seminário:**



Paços do Concelho em Aveiro

1. Definição de Geminação

Uma geminação é o encontro de duas ou mais instituições do Poder Local que proclamam a sua ligação para confrontar os seus problemas, desenvolver vínculos de amizade, que serão cada vez mais estreitos, e trabalhar na perspectiva da EU, ou seja para um melhor e maior entendimento universal.

As geminações de Municípios nascem na Europa após a Segunda Guerra Mundial. É uma ideia que então se desenvolveu com grande entusiasmo e que originou um vasto movimento entre as cidades de então, jamais conhecido na história da humanidade.

As populações e colectividades europeias, cansadas de velhas rivalidades, de prejuízos resultantes de separações fronteiriças, perante uma Europa arruinada do após guerra, fortemente traumatizadas, lançaram-se com grande optimismo numa aventura em busca da fraternidade. Porém, se os traços mais duros da guerra começavam a desaparecer, o levantamento material e espiritual das nações dos anos 50 não era suficientemente rápido.

Ora, os países europeus conheciam bem as importantes dificuldades internas, pelo que para as ultrapassarem mais rapidamente havia que unir esforços. Desde logo se avançou para a criação de instituições europeias como o Conselho da Europa, mais tarde a Comunidade Europeia.

Entretanto, em Janeiro de 1959, cinquenta

presidentes de Câmara fundam o "Conselho dos Municípios Europeus". Eles sabiam que as populações não se encontravam suficientemente concordantes com uma evolução tão lenta, sempre dependente do entendimento político das nações e da conseqüente burocracia que as envolvia.

É então que os municípios surgem como o terreno ideal para o reencontro e aproximação dos povos europeus. Sem dúvida o poder local era e é a estrutura mais conhecida por todos e em todos os países. A gestão de um município está com a vida quotidiana dos cidadãos, é na comunidade o local da decisão democrática através da participação directa dos cidadãos na gestão do bem comum.

Certos de que no passado os contactos entre as cidades europeias, fundadas em bases económicas, políticas ou culturais e perante o nascimento de um novo método de relações entre as comunidades, os eleitos locais integrantes do "Conselho dos Municípios Europeus" decidiram uma forma específica de acção que permitisse o desenvolvimento da participação dos municípios na edificação da Europa, que designaram por "geminação".

Assim a união internacional através da geminação das cidades passou a constituir uma das linhas de força essenciais para a acção do Conselho e desde logo num forte contributo para popularizar a ideia da unificação.

Deste modo já o Parlamento Europeu, em documento da sessão de 24 de Fevereiro de 1998, considera que:

1. Há que estabelecer os fundamentos de uma união cada vez mais estreita entre os povos europeus;

2. As geminações de Municípios, cidades ou outras colectividades territoriais de diferentes Estados comunitários, constituem uma forma altamente simbólica de tais relações;

3. O significado e o interesse constantes que as geminações têm desde 1946, são evidentes;

4. As geminações de Municípios ou de cidades contribuem, de forma eficaz, para o desenvolvimento das relações de cooperação, previstas no Tratado, entre a Comunidade e os países de territórios ultramarinos que se lhe encontram associados;

5. É necessário incentivar iniciativas descentralizadas de intercâmbio e de cooperação, nomeadamente a favor da juventude;

6. A Comissão Europeia deve estudar uma verba para apoio e que os governos dos Estados membros devem suprir todos os obstáculos administrativos à criação, desenvolvimento e incentivo das geminações;

7. Apela aos Municípios geminados que desenvolvam por si uma acção que contribua para o alargamento da sua própria geminação a outros Municípios situados em regiões desfavorecidas e imprimam uma dimensão de solidariedade internacional ao estabelecer relações de associação.

Na verdade, a partir daqui, ficam lançados os fundamentos e as bases das geminações. Este apelo ao seu revigoração, à sua dinamização e ao alargamento, lembra que a finalidade é a criação de uma Europa dos homens através da aproximação dos povos, da compreensão mútua das culturas, dos modos de vida, dos intercâmbios culturais e a concretização de projectos comuns.

2. Quando nascem as geminações

As primeiras geminações entre cidades datam de 1946, há aproximadamente 53 anos, estabelecidas entre as cidades Veulettes-sur-Mer, em França e

Greenock na Inglaterra, seguindo-se-lhe Bordeaux e Bristol em 1947, Monteclair e Ludwignburg, em 1950.

Hoje há milhares de acordos de geminação. Um exemplo a considerar é o da cidade de Aveiro, aqui representada, com geminações em Belém do Pará, Cubatão e Pelotas, no Brasil, Santa Cruz, Santo António do Príncipe, Lobito, Pemba, Inhanbane, em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Ciudad Rodrigo em Espanha, Forli em Itália, Arcachon e Bourges em França e Oita no Japão.

Rapidamente se desenvolveu este processo. As geminações passam em primeiro lugar a ser consideradas como ocasiões únicas de abrangência da população, de uma ambiência familiar, de festa e convívio. Por outro lado, são laços de encontro entre os cidadãos, representando um capital importante na tomada de consciência da cidadania. Mais, a geminação dirige-se aos habitantes de um Município, ao seu lugar de vida, num quadro que eles conhecem à sua escala, ou seja onde desenvolvem os seus afazeres e os negócios. Esta aproximação das realidades, permite reforçar ainda o sentimento de se pertencer a uma comunidade e faz da Europa uma entidade credível, ao modelo humano, a chamada "Europa dos Cidadãos".

3. O Método da geminação

Hoje, como ontem, é indispensável a contribuição das forças locais para a criação de uma Europa de rosto humano. Pode dizer-se que são os intercâmbios múltiplos e permanentes, os laços de amizade que movem dezenas de milhares de Câmaras Municipais.

Carecem, contudo, da tomada de consciência dos cidadãos europeus através das suas instituições democráticas de base, como são as Câmaras. Se assim não tivesse acontecido, os Tratados de Roma teriam apenas pintado mais uma simples frase à larga lista de acordos diplomáticos.

Efectivamente, a Europa sem fronteiras passa a ser uma realidade, antecipando-se mesmo à prudência dos dirigentes políticos.

As dezenas de milhares de Corporações e Municípios gemi-



Prof. Celso dos Santos foi o palestrante de honra.

nados foram e são o testemunho da vontade da união e fraternidade dos povos, como venho referindo.

Repito, uma geminação é em primeiro lugar um desejo de abertura a outros povos. A amizade e o intercâmbio dizem-lhes que "aquilo que nos aproxima é mais forte do que aquilo que nos pode separar".

O Tratado de Roma teve como finalidade essencial o objectivo económico visando o mercado interno. A geminação trás uma nova componente para além do meio económico. As diferenças enriquecem-nos e levam-nos a apreciar o que nos é comum. Calar o nosso "patriotismo" com o desejo de compreender e respeitar os sinais característicos que formam a personalidade dos outros é sobretudo descobrir uma evidência: "Nem tudo concilia os Estados, tudo aproxima os Municípios".

Eis porque os eleitos para os cargos municipais e os cidadãos, em geral, foram tão naturalmente predispostos para compreender a ideia de união política, aliás esperada há longo tempo pela população europeia e hoje por todo o Mundo.

Outro aspecto, que caracteriza as geminações, é o de dizerem respeito a todos: eleitos, profissionais de cultura, das artes, desportivas, etc..

Elas são populares. De outro modo tornam-se inexistentes. Sem dúvida que não seriam mais que uma manifestação sem futuro e sem alcance, se surgissem como apenas um pacto entre Municípios.

O compromisso das "forças vivas" do Município é absolutamente indispensável. Por isso se recomenda a constituição de uma "Comissão de Geminação" sobre a presidência de honra do Presidente da Câmara e em redor de uma delegação da Câmara, representantes dos professores, das Associações do Comércio e Indústria, das Associações locais (culturais, desportivas, familiares, animadores culturais, comerciantes, industriais, etc.).

Esta comissão "controlada" estreitamente pelo Município organizará os intercâmbios, atrairá colaboradores que estejam dispostos a oferecer o seu apoio, manter contactos regulares com a cidade irmã e preparar anualmente o programa de actividades. Dele constarão encontros desportivos, exposições, intercâmbios e funcionários, jovens trabalhadores, empresários industriais, comerciantes, agricultores, culturais.

A comissão assim constituída deve revestir-se de

uma certa autonomia, mantendo vínculos estreitos com os membros da Câmara e das Assembleias Municipais.

4. Com quem geminar-se

Normalmente os Municípios elegem-se porque tem certas características comuns, ou seja, pela semelhança, número de habitantes aproximado, actividades parecidas (municípios agrícolas, estações termais ou balneares, cidades históricas, cidades industriais, portos de pesca, universidades, ou ainda a emigração).

Outros preferem procurar um companheiro com actividades complementares em vez de idênticas às suas "critérios do contraste": uma cidade de montanha com uma cidade costeira, uma constância termal outra um porto de pesca.

Também pode ocorrer por similitude linguística (caso dos Municípios de fronteira) ou, ao contrário, a grande diferença de língua pode ser um atractivo mais para se decidir por um parceiro.

Em Portugal há uma Associação Nacional de Municípios Portugueses que, sendo-lhe colocado o interesse, inicia os contactos necessários.

5. As fases de geminação

Um casamento não se concebe sem celebração. De igual maneira a união de duas vilas ou cidades deve ser um acontecimento solene e festivo. A cidade convidada far-se-á representar por uma delegação constituída por representantes das diversas associações já referidas. A cidade que recebe deve fazer uma chamada à população e organizar manifestações públicas e espectáculos.

A cerimónia oficial e de apresentação solene do juramento de geminação é uma das fases do processo, considerada "fase afectiva e sentimental" que marca o princípio da geminação. A segunda é como que a "fase racional", caracterizada pela normalidade dos intercâmbios.

É nesta fase racional que se trabalha em projectos comuns e se exerce realmente a cooperação entre os parceiros. É a fase própria para a discussão e busca de soluções para problemas idênticos (problemas escolares, abastecimento de água, saúde pública, urbanismo, exploração agrícola, as possibilidades de desenvolvimento económico, como por exemplo o intercâmbio comercial e industrial e a participação em feiras e exposições).

Para as grandes cidades os contactos entre as Associações Comerciais e Industriais podem ser muito úteis e benéficos.

6. O mútuo conhecimento anima a acção

Uma das consequências mais destacáveis que uma geminação tem sobre a vida local é o facto de acontecer uma abertura de horizontes, o que nos faz ver mais claramente as carências do nosso Município e nos pode ajudar a empreender novas realizações.

Das visitas entre as cidades abrem-se ainda novos problemas, outras mentalidades, a assimilação da história e suas transformações.

Por outro lado, é um momento para serem dados a conhecer monumentos, praças, e ainda certas acções geradoras de riquezas.

Uma geminação é essencialmente criativa. É sempre uma ocasião para a reflexão para uma comparação lúcida, uma tomada de consciência que ultrapassa a nossa mentalidade bairrista e nos predispõe à compreensão, à tolerância e à amizade. É uma excelente escola de formação cívica.

7. Os problemas e suas soluções

Como qualquer realização municipal que beneficie a população, uma geminação envolve certas despesas.

Os habitantes compreendem o interesse dessas despesas uma vez que estas sejam verdadeiramente feitas com as manifestações, que os intercâmbios interessem verdadeiramente à população e que o objectivo seja o de cooperação com outros povos na construção de algo.

Normalmente as Câmaras Municipais integram na previsão orçamental as verbas destinadas a actividades culturais e recreativas. O orçamento deve ter como base um plano de amizade decorrendo as acções com dias festivos locais, a inauguração de feiras, etc. o que permita reduzir bastante os gastos.

Entretanto, surgem apoios por parte das entidades governamentais. Por sua vez, o Conselho da Europa dispõe de orçamento que permite subsidiar alguns intercâmbios.

- Cerimónia de boas vindas e entrega simbólica das chaves da cidade.
- Desfile com música e bandeiras até ao Município ou praça.

- Discursos dos Presidentes da Câmara e eventual personalidade presente.
- Juramento solene de geminação e assinatura em público do documento.
- Audição dos hinos nacionais e europeu.
- Hastear as bandeiras nacionais e bandeira europeia.
- Eventual inauguração de uma praça.

É evidente que nenhum destes actos é obrigatório, à excepção do juramento no qual se comprometem a "conjugam esforços para contribuir, na medida das possibilidades, para o êxito da tarefa de paz e prosperidade dos povos".

Por este motivo, o "Conselho de Municípios e Regiões da Europa", que agrupa várias dezenas de milhares de colectividades e Municípios, celebra todos os anos com esplendor o Dia da Europa no dia 5 de Maio.

8. Perspectivas

Actualmente, o movimento das geminações orienta-se fortemente para os países fora da Europa. Normalmente para a Ásia, África e América Latina em função das relações históricas específicas dos Estados Membros, passando a designar-se este procedimento num novo contexto ou seja a "geminação de cooperação", verificando-se, com frequência, que aquelas que contêm essa dimensão de solidariedade extra comunitária, são as mais dinâmicas.

Como vimos atrás, as festas e as manifestações de hospitalidade são importantes em qualquer geminação que queira criar relações de simpatia e de amizade.

Logo, encontros culturais e desportivos, relações permanentes entre grupos e associações homólogas das municipalidades geminadas, a valorização mútua de produtos locais através de participação em feiras e exposições, a colaboração em experiências de gestão municipal ou de desenvolvimento agrícola, turístico e industrial são iniciativas a continuar e a desenvolver.

Integrar nas relações um novo tipo de actividades que correspondem às preocupações quotidianas dos habitantes da cidade, como por exemplo a defesa do ambiente, droga, inserção dos deficientes, etc., são acções que devem igualmente fazer parte desta cooperação.

Mas hoje é indispensável que as geminações se

adaptem à evolução das necessidades, em especial no que se refere ao desenvolvimento económico respectivo.

As cidades deparam-se hoje com inúmeros problemas, que aliás se colocam à escala mundial, como a saúde, higiene, transportes, urbanismos, defesa e enriquecimento do património cultural, defesa do ambiente, luta com a criminalidade, etc.

Estamos certos de que o intercâmbio de experiência e a cooperação internacional podem ajudar a solucionar estes problemas.

9. O caso Pelotas-Aveiro

Na génese das nossas relações encontra-se a actividade desenvolvida junto do Consulado de Portugal em Pelotas, através de investigações efectuadas por professoras da Universidade Federal de Pelotas com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro. Estas actividades constituíram-se no Projecto "Aveiro/Pelotas": Geminação e Repercussões em Estudo" efectuado em 1991, trabalho que foi realizado pelas distintas professoras D. Regina Lúcia Fiss e D. Carmen Regina.

Logo a seguir, um projecto de desenvolvimento regional da Universidade Católica de Pelotas nas áreas de Cerâmica e da Electrónica origina o estabelecimento de contactos com a Universidade de Aveiro. As duas Academias acordam futuro convénio de intercâmbio e cooperação técnica.

Em Abril de 1996, uma delegação de Aveiro visita Pelotas. Nesta ocasião, passando-se à "fase racional" é assinado o Protocolo de Geminação entre as duas cidades que prevê diversas formas bilaterais, tais como: promoções económicas, culturais e turísticas, desportivas e sociais e ainda visitas de estudo destinadas a aproximar as duas cidades.

Ainda neste ano, uma equipe de jornalistas pelotenses elaboram um projecto de transmissão de programa de rádio a partir de Aveiro. O programa inicia uma série de eventos comemorativos dos 500 anos dos Descobrimentos.

Este evento, conjugador de historiadores e representantes dos diversos segmentos das sociedades aveirenses e pelotenses para um início de intercâmbio de experiências, constitui também uma promoção da Universidade Federal de Pelotas.

Por sua vez, ao longo dos anos, uma representação pelotense tem participado na grande feira de Aveiro (Feira de Março) através de um stand onde, exposto diverso material, tem contribuído para a promoção de Pelotas na Europa e simultaneamente para um melhor conhecimento da sua realidade social. Para este intercâmbio tem colaborado a Dr^a Regina Sá Britto Fiss, senhora que me permito considerar uma verdadeira embaixadora em Aveiro. Ela vive este intercâmbio com grande entusiasmo, senão mesmo com paixão. É meu dever reconhecer-lhe esse mérito, e não deixar passar este momento sem lhe manifestar a minha homenagem pública e por outro lado agradecer-lhe o empenhamento colocado nas acções desenvolvidas, sempre defendendo e promovendo a sua cidade, como ainda a colaboração que pessoalmente me prestou, quer quando vereador da Cultura, quer mais tarde como Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

Lembro aqui que entretanto recebemos em Aveiro diversas personalidades, não só de Pelotas como ainda da região. De entre eles quero distinguir o Prefeito Otélmo Alves que há cerca de um ano nos deu o prazer de estar connosco. Ainda recentemente recebemos a visita do Dr. Valdomiro Lima e o Professor Miguel Oliveira que, segundo sabemos, estabeleceram contactos frutuozos. Uma palavra muito especial quero deixar neste momento. Ela é para o empresário José Varela, aveirenses sim, mas muito mais pelotense. O seu coração, o seu pensamento está permanente com a "população magnífica de Pelotas", como ele sempre diz quando se fala da relação existente.

Está assim garantida a geminação entre nós existente. O relacionamento, o protocolo que assumimos tem de ser fortalecido através da participação plena das populações. Haverá que realizar actos concretos e positivos e não ficarmos apenas pelas intenções. Há necessidade de despertar dois sectores de capital importância, o cultural e o económico.

Renovamos aqui o nosso compromisso, aceitando o desafio que se nos apresenta. Fazê-lo é correspondermos aos desejos das nossas comunidades, e ainda o de darmos continuidade a uma vida comum de séculos e desta forma respeitar condignamente os nossos antepassados.

Pelotas - Diário da Manhã
4-Julho-99

Abertura do Seminário "Cidades Irmãs e seus Acordos de Geminação", em Pelotas - 12 de Junho de 1999 - Vereador Sr. Jaime Simões Borges, representando o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. Valdomiro Lima, representando o Prefeito Municipal de Pelotas, Sr. José Serra, Cônsul Honorário de Portugal em Pelotas, Profª Regina Sá Britto Fiss, Coordenadora do evento, Sr. Jaime Nunes Moreira, Presidenta da CDL, Drª Mirsca Simões Lopes, Presidente da FITUR, Sr. Nagayoni Yamaguchi, Presidente da Comunidade Nipo-Brasileira de Pelotas.



Stand de Aveiro na 7ª FENADOCE, em Pelotas, de 2 a 13 de Junho de 1999 - autoridades aveirenses acompanhados de descendentes portugueses e representantes de instituições locais. - Da esquerda para a direita: Carmen Pombo, Rita Fiss, Aida dos Santos e Sá, Adérito Nogueira, Aníbal Carreira, Eli Carreira, Maria Adelaide Borges, Jaime Borges, José M. Fiss, Regina Sá Britto Fiss, Celso dos Santos, Miguel Oliveira, José Serra e Valdomiro Lima (12-06-99).



Jantar de confraternização das autoridades aveirenses e grupo de pelotenses (14-06-99).



Visita ao Gabinete do Prefeito Municipal de Pelotas, - da esquerda para a direita: - Dr. Aníbal dos Santos Carreira, Dr. Valdomiro Lima, Sr. Francisco José L. Serra, Vereador Sr. Jaime Simões Borges (representando o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro), Sr^a Maria Adelaide Borges, Sr. Otélmo Demari Alves (Prefeito Municipal de Pelotas, Sr^a Aida Sá dos Santos, Sr. Adérito Nogueira (Presidente do Centro Português 1^o de Dezembro), Prof^a Regina Sá Britto Fiss e Vereador Prof. Celso dos Santos (Câmara Municipal de Aveiro) (14-06-99).



biblioteca

Sr. Otélmo Demari Alves (Prefeito Municipal de Pelotas), recebe lembrança do Vereador Sr. Jaime Simões Borges (representando o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro) e Vereador Prof. Celso dos Santos (Câmara Municipal de Aveiro), (14-06-99).



Estande Aveiro/Portugal na 7^a FENADOCE/99

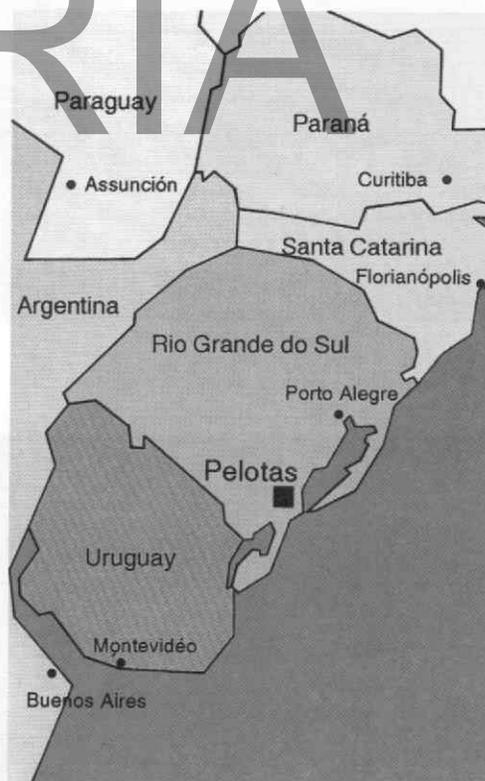


7^a FENADOCE - 1999
PELOTAS - RS

biblioteca



AVEIRO



PELOTAS